

O BRASIL AGRÍCOLA

FEVEREIRO/2007 - Nº 698 - ANO 63 - R\$ 9,80 - www.agranja.com

agranja

desde
1945



De grão em grão o Brasil

perde UM MILHÃO

Colheita

Como reduzir as perdas
ao mínimo

Caminhões

As novidades que
chegaram
ao mercado



ANÚNCIO

O BRASIL AGRÍCOLA
www.agranja.com

agranja



Divulgação

14 REPORTAGEM DE CAPA

O caos e os efeitos nocivos da nossa logística

24 COLHEITA

É possível reduzir as perdas ao mínimo

29 CEBOLA

Pequenos ameaçados de exclusão



Divulgação

32 CANA

Usinas se multiplicam em todas as regiões



Divulgação

36 CITROS

As doenças que infernizam o pomar do produtor

40 TRANSPORTE

Os novos caminhões da safra 2006/2007

SEÇÕES

4 O SEGREDO DE QUEM FAZ

Horácio Lafer Piva, presidente do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa)

66 PONTO DE VISTA

Marcos Salvadego, gerente nacional de produção da Souza Cruz

7 Vitrine

8 Primeira Mão

10 Aqui Está a Solução

12 Cartas, Fax, E-mails

13 Caderno H

44 Agricultura Familiar

46 Eduardo Almeida Reis

48 Notícias da Argentina

49 Plantio Direto

52 Agribusiness

56 Flash

58 Biodiesel

61 Novidades no Mercado

62 Agro Oportunidades

64 ClassiRural



Divulgação

Um negócio cada vez mais EM ALTA

Leandro Mariani Mittmann
leandro@agranja.com

A crise que se embrenhou nas entranhas do agronegócio brasileiro nos recentes anos passou bem distante do setor de papel e celulose. Os números desse ótimo e, sobretudo, promissor momento são revelados por **Horácio Lafer Piva**, 49 anos, presidente do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa) e acionista do Conselho de Administração da Klabin S.A. O ex-presidente da poderosa Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) faz uma análise bastante otimista do futuro do setor florestal no Brasil, um País comprovadamente vocacionado para este segmento do agronegócio. “Já em 2007 vamos atingir um total de US\$ 4,3 bilhões em exportações, meta que o setor esperava atingir apenas em 2012”, revela.

A Granja — Qual é o real tamanho do setor de papel e celulose no Brasil hoje? Como foi o crescimento recente e qual deverá ser sua dimensão nos próximos anos?

Horácio Lafer Piva — A indústria brasileira de celulose e papel registrou em 2006 resultados significativos. Dados preliminares apontam que, em 2006, a produção brasileira de celulose alcançou 11,1 milhões de toneladas e a de papel, 8,8 milhões de toneladas, registrando um crescimento sobre 2005 de 7,2% e 1,8%, respectivamente. A Bracelpa prevê um crescimento de 5,9% na produção nacional em 2007. Com relação ao consumo aparente nacional de papel, a previsão, para 2006, é de 7,7 milhões de toneladas, com um crescimento de 5,3% sobre 2005. Este resultado indica um consumo per capita de 41,1 kg/habitante/ano, 4,1% superior aos 39,5 kg/habitante/ano registrados em 2005.

A Granja — Como será a inserção internacional do Brasil no segmento? Neste contexto, quais são as principais vantagens competitivas do País? O Brasil realmente tem vocação na atividade?

Lafer Piva — O Brasil tem comprovada vocação para as atividades florestais e o setor de celulose e papel reúne atualmente tecnologia e experiência suficientes para expandir suas atividades de forma sustentável para atender a demanda mundial que tende a crescer. Segundo pesquisas de institutos internacionais, o resultado previsto para a produção de celulose neste ano levará o Brasil a passar da sétima para a sexta posição como produtor mundial, ultrapassando o Japão. O País tem vantagens comparativas importantes. As condições climáticas favoráveis permitem que as florestas plantadas de eucalipto, por exemplo, alcancem o ponto de corte em sete anos contra quase 30 anos na Europa. A tecnologia de desenvolvimento de árvores de alto rendimento garante a competitividade do setor de celulose e papel brasileiro.

A Granja — Quais são as me-

tas e perspectivas da indústria brasileira de celulose em 2007 e para os próximos anos? Qual é a previsão de investimentos e em que áreas?

Lafer Piva — A expectativa para este ano é aumento de 5,9% na produção de celulose e de 8,2% nas exportações em relação aos resultados de 2006. O crescimento será favorecido pela entrada em operação de projetos de expansão já anunciados. No segmento de papel, prevê-se um

Nos últimos dez anos, a ampliação da capacidade produtiva permitiu ao setor quadruplicar as exportações

crescimento de 2,9% na produção e de 4% no consumo aparente. O setor de celulose e papel deverá concluir US\$ 3 bilhões em investimentos em 2007, e estão previstos mais US\$ 7,9 bilhões de 2008 a 2012. Os investimentos do setor são de longa maturação e os projetos de ampliações e novas unidades instaladas recentemente mostram que a indústria brasileira de celulose e papel é sólida e competitiva. O setor de celulose e papel reúne atualmente tecnologia e experiência suficientes para expandir suas atividades de forma sustentável para atender a demanda mundial que tende a crescer. Os pólos importantes nessa estratégia de crescimento são, no Rio Grande do Sul, grandes projetos anunciados da Aracruz, VCP e Stora Enso, no sul da Bahia a duplicação da Suzano e da Bahia Pulp, no Mato Grosso do Sul, os projetos da VCP e International Paper, e em execução no Paraná a implantação da nova máquina de papel-cartão da Klabin.

A Granja — O crescimento do País tem sido pífio nos anos recentes. Quais são as consequências no mercado interno de papel e celulose?

Lafer Piva — O crescimento do Brasil não é muito menor que o dos outros apenas porque a nossa política de juros e câmbio está fora do lugar. Mas também porque o processo decisório é ainda muito lento e nos falta um projeto inteligível de país.

A Granja — Que efeitos o real valorizado tem sobre as exportações?

Lafer Piva — No cenário internacional, o Brasil possui também posição de destaque no segmento de papel. A nossa indústria produz papéis de alta qualidade, atingindo nichos específicos de mercados. O setor tem exportado regularmente para mais de 100 países, a exemplo dos Estados Unidos, Europa, Ásia, África e América Latina. Apesar das

dificuldades cambiais, em 2006, o Brasil melhorou sua posição, passando de 7º para 6º maior produtor mundial de celulose de todos os tipos, e manteve-se na 11ª posição em papel. As exportações de celulose e papel, participando intensamente do fluxo de comércio globalizado, registraram um valor da ordem de US\$ 4 bilhões, com crescimento de 17,5% sobre o ano anterior. Nos últimos dez anos, a ampliação da capacidade produtiva permitiu ao setor quadruplicar as exportações de celulose e papel. Além disso, graças ao esforço exportador e ao aumento do preço da celulose no mercado internacional, prevemos atingir, já em 2007, um total de US\$ 4,3 bilhões em exportações. Meta que o setor esperava atingir apenas em 2012, de acordo com o Programa de Investimento do setor.

A Granja — E quais são as repercussões no setor do Custo Brasil, os impostos altos e em ascensão, os gargalos em transporte e logística, etc.?

Lafer Piva — O País corre o risco de perder a corrida por novos aportes de companhias internacionais, em razão de dificuldades causadas pela máquina estatal, como o excesso de burocracia. E ainda assistir às nacionais se tornarem pequenas diante daquelas instaladas no exterior.

A Granja — Quais são as prin-

cipais bandeiras e reivindicações do setor junto ao governo federal?

Lafer Piva — Este é um setor moderno, sem agenda oculta, mas que sofre as agruras do industrial brasileiro. Ineficiências sistêmicas, burocracias, custos altos. Nossas reivindicações passam por redução da carga tributária, do custo de capital e de investimento, infra-estrutura e sustentabilidade, com equilíbrio entre o desenvolvimento e as demandas mais radicais. Vamos trabalhar nestes pontos daqui para frente.

é compromisso de nossa atividade. Não só em termos de proteção aos recursos naturais ou para o futuro de nossos negócios, mas como instrumento de justiça social, de indutor de desenvolvimento para o País. Por se constituir em um segmento unido, cuja força de trabalho aliada ao capital vem produzindo nas últimas décadas resultados importantes na geração de empregos e renda, impostos, divisas de exportação e uma significativa contribuição na preservação e recuperação do meio ambiente. Em relação às pressões

pode afetar a decisão de novos investimentos no País.

A Granja — Qual é ou virá a ser o perfil do produtor rural gerador de matéria-prima de celulose? Do volume processado hoje, quanto provém de florestas próprias e quanto sai de lavouras de fornecedores (produtores)?

Lafer Piva — O setor tem buscado novos mecanismos como as ações de fomento, que estimulam a parceria entre a indústria e os pequenos produtores. Com o aval das grandes empresas, os bancos financiam o agricultor a um custo muito baixo. O produtor, por sua vez, não só consegue avaliar como a atividade florestal valoriza sua área, em comparação com o que ele ganharia com outras culturas, como pode antecipar sua receita. Para a empresa, esta parceria é fundamental, já que sendo este um setor demandador de capital, não imobiliza em florestas para aumentar em produção. Ao mesmo tempo, a relação com pequenos agricultores ajuda a dar à terra ainda mais dimensão social. Atualmente o número de fomentados é de cerca de 10 mil pequenos produtores, responsáveis por uma área plantada de aproximadamente 218 mil hectares. A área total certificada da indústria é de 1.569.105 hectares.

O setor de celulose e papel mantém 1,7 milhão de hectares de florestas plantadas de eucaliptos e pinus

A Granja — Os segmentos de pesquisa e desenvolvimento no Brasil têm dado suporte para o crescimento do setor? Nesta área, o que o Brasil tem de melhor em relação aos concorrentes? Importa-se muita tecnologia?

Lafer Piva — As indústrias de celulose e papel brasileiras investiram US\$ 22,4 milhões em pesquisa em 2005, o maior volume de recursos destinados a melhoramento florestal do País. O setor de celulose e papel mantém 1,7 milhão de hectares de florestas plantadas de eucaliptos e pinus e preserva 2,6 milhões de hectares de florestas nativas. Esta base florestal é foco dos estudos e pesquisas sobre biodiversidade, mapeamento genético, desenvolvimento de mudas de alto desempenho e formação de florestas plantadas com alto rendimento de fibras. Os investimentos em melhoramento florestal, que incluem uso de recursos de biotecnologia, clonagem e seleção de espécies com maior potencial de conversão de fibras são importantes para assegurar a competitividade do País no mercado internacional de celulose e papel.

A Granja — É possível conciliar expansão com sustentabilidade? As pressões e acusações dos ambientalistas são contundentes. Como o setor trabalha com isso?

Lafer Piva — Sustentabilidade

ambientalistas, o setor tem buscado conversar com os atores envolvidos. Tenho insistido que eles podem montar uma parceria com o setor de papel e celulose. Poucos setores têm o conhecimento que nós temos e fizeram direito como nós fizemos o manejo florestal, como as florestas plantadas e nativas. Importante frisar que o Brasil ostenta a posição de líder mundial em manejo florestal, exatamente por realizar pesquisas de ponta. Para tanto, o setor se utiliza apenas de florestas plantadas que coexistem em harmonia com as florestas nativas. Isso significa que, diferentemente do que se possa pensar, a cultura do eucalipto ajuda a preservar as florestas nativas e sua biodiversidade, e não o contrário.

A Granja — Qual é a repercussão no setor de um ato de vandalismo como o ataque da Via Campesina à unidade da Aracruz em Barra do Ribeiro/RS, em março do ano passado? Chega-se a reavaliar investimentos numa situação como a ocorrida?

Lafer Piva — O ato repercutiu intensamente nos meios de comunicação locais e internacionais. Isto acaba gerando um grande prejuízo, tangível e intangível, e pode ajudar a desfigurar toda uma história de sucesso que é o setor brasileiro de celulose. Evidentemente isto também

A Granja — Quais são as perspectivas para o produtor rural de matéria-prima em razão da expansão do setor nos próximos anos? Como ele será beneficiado paralelamente ao crescimento do setor?

Lafer Piva — O crescimento do setor seguramente refletirá no crescimento dos produtores rurais ligados diretamente à produção, seja pela garantia de fornecimento e recebimento, seja pelo aumento da extensão de área plantada. O aumento da massa florestal permitirá que outros pequenos e médios produtores rurais tenham uma renda complementar com o plantio florestal. E como toda boa parceria, aprenderemos mais juntos e faremos com que a soma das partes aumente o todo. ■



Diretor-Presidente
Hugo Hoffmann



MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Home page: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 - 10º andar
CEP 01045-001 - São Paulo/SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Home page: www.agranja.com

DIREÇÃO EXECUTIVA

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editor
Leandro Mariani Mittmann
Reportagem
Denise Saueressig
Editoração
Jair Marmet e Gustavo Meneghetti de Carvalho
Produção de capa
Gustavo Meneghetti de Carvalho
Revisão
Roselêia Conceição
Estagiária da Redação
Mariana Bastos

CIRCULAÇÃO

Amália Severino Bueno e
Jorge Luis Oliveira Ribeiro

TELEMARKETING

Antônio Carlos Amaro

MARKETING DO PRODUTO

Marno Lima

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo - José Geraldo Silvani Caetano (gerente) e
Rodrigo Martelletti (contato)
Porto Alegre - Maria Cristina Centeno
(gerente RS/SC)
ClassiRural - Kátia Torres

REPRESENTANTES

Minas Gerais - José Maria Neves
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222
conj. 105 - Luxemburgo - CEP 30380-530
Belo Horizonte/MG - fone/fax: (31)
3297-8194 - fone: (31) 3344-9100
celular: (31) 9993-0066
e-mail: josemarianeves@uol.com.br
Brasília - Armazém de Comunicação, Publicidade e
Representações Ltda.
SCS - Quadra 1 - Bloco K - Ed. Denasa
13º andar - sala 1.301 - CEP 70398-900
Brasília/DF - fone/fax: (61) 3321-3440
celular: (61) 9618-1134 - e-mail:
armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus,
registrada no DCDP sob
nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade,
Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus
CEP 90150-004 - Porto Alegre/RS
fone/fax: (51) 3233-1822
Exemplar atrasado: R\$ 10,00

Para assinar: (51) 3232-2288

Os BURACOS no caminho do agronegócio

O assunto não é novo, mas infelizmente nunca sai da ordem do dia. E nem deve. Os históricos e eternos problemas de transporte e logística deste continental País constituem-se hoje num dos principais entraves ao desenvolvimento do nosso agronegócio. Como se não bastasse depender dos humores de clima, câmbio, bolsas internacionais e demanda internacional por determinada commodity, o produtor ainda vive nas mãos - na verdade, nos buracos - de um sistema de transporte que há muito tempo deu o que tinha a oferecer. A nossa reportagem de capa aborda o desafio da logística, cujo custo no Brasil está estimado entre 16% e 20% do PIB, enquanto a média é de 11% a 12% na Europa e de 9,8% nos Estados Unidos.

Por aqui ainda são raras hidrovias, ferrovias e asfalto de qualidade. Assim como iniciativas governamentais consistentes para pôr um fim definitivo a esse verdadeiro gol contra da competitividade nacional.

Mas há perdas cujos culpados não estão em Brasília ou do lado de fora de porteira. Os níveis de desperdício da colheita de soja são os mesmos da safra de 1927! Um absurdo, visto que existem técnicas (ou mesmo peque-

nas atitudes) que diminuem ao mínimo as perdas, ações que estão aqui detalhadas num esclarecedor artigo da Embrapa Soja.

Já que os tempos são de colheita, que tal conhecer o que de melhor as empresas de caminhões estão levando ao mercado? São modernas máquinas para todas as necessidades e condições de aquisição. Confira.

E sobre mercado, o que dizer do boom da cana-de-açúcar e de seus investimentos bilionários? Em três anos o setor vai receber mais de uma centena de novas e gigantescas usinas. Mas se o assunto é mercado em alta, não podemos deixar de fora o setor de papel e celulose, um dos braços do agronegócio que mais cresce atualmente. Quem nos fala sobre esse outro boom é o ex-presidente da Fiesp, Horácio Lafer Piva, atual presidente do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa). Outro entrevistado especial da edição é o novo gerente de produção da Souza Cruz, Marcos Salvadego, que traça os destinos da fumicultura de hoje e do futuro.

Boa leitura!

Leandro Mariani Mittmann

“O modelo atual é uma política reativa que já se esgotou. Temos de caminhar para uma fórmula em que o governo seja mais pró-ativo”

disse Luís Carlos Guedes Pinto, ministro da Agricultura. Ele tem em mãos um documento elaborado no próprio ministério que lista as mudanças na política agrícola no novo Governo Lula. Chega de apagar incêndios; a idéia é chegar antes da crise.

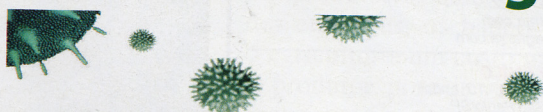


Dona do pedaço

O mercado internacional de sementes e cultivos geneticamente modificados está cada vez mais concentrado em poucas empresas. A Monsanto é responsável por 60% dos cultivos transgênicos no mundo, segundo a própria empresa. Dos 88 milhões de hectares cultivados com OGMs em escala mundial, 53 milhões de hectares são desenvolvidos nos laboratórios da empresa norte-americana. Os outros 40% são divididos por nove empresas, entre elas a Syngenta e a Dupont.



Vírus contra a lagarta



Pesquisadores da Embrapa estudam a produção de vírus que elimine a danosa lagarta do cartucho-do-milho, e também pragas da mandioca, da seringueira e do trigo. O trabalho segue o exemplo do bioinseticida utilizado contra a lagarta-da-soja que já está sendo testado com sucesso em mais de dois milhões de hectares. O inseticida viral não causa danos à natureza, nem resistência nos insetos, mas exige orientação.



Chance aos pequenos

A BR Distribuidora e a empresa gaúcha Alsol firmaram parceria para implantar projeto de produção de álcool no Rio Grande do Sul. Diferentemente do que ocorre em São Paulo e no Nordeste, onde predominam grandes usinas, o combustível gaúcho seria gerado por agricultores familiares em microdestilarias. Segundo os planos da Alsol, os agricultores familiares formariam grupos ou cooperativas e construiriam microdestilarias e entregariam o álcool pronto.



Enquanto na Argentina...

Uma década de transgênicos em lavouras argentinas proporcionou retorno sócio-econômico de mais de US\$ 20 bilhões. Só no caso da soja tolerante à herbicida, os benefícios de 1996 a 2005 bateram em US\$ 19,7 bilhões, dos quais 77,45% ficaram nas mãos dos produtores e 13,39% nos cofres do Estado (em impostos).



... no Brasil

A redução do número mínimo de votos necessários na CTNBio para liberar a comercialização de transgênicos só deverá ter impacto na safra 2007/08. Para o presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), João Carlos Jacobsen Rodrigues, foi "mais um ano perdido".

Números



775
Especies

Abençoado por Deus

Levantamento feito em todo o País revelou que o Brasil possui 775 espécies de plantas do futuro ainda pouco exploradas comercialmente. O governo federal pretende divulgar as opções para cada espécie no âmbito nacional e incentivar o seu uso sustentável. As espécies destacadas se dividem em 12 grupos de uso, entre eles as plantas ornamentais, alimentícias e frutíferas, com potenciais medicinais e as adequadas à fabricação de aromas e óleos.



45,05
Milhões

O Milho vem com tudo

Segundo estimativa da consultoria Céleres, a produção brasileira de milho na atual safra poderá ser a segunda maior em volume da história, ou 45,05 milhões de toneladas (safra + safrinha). O clima favorável e a perspectiva de bons preços, sobretudo pelo boom do etanol nos Estados Unidos, são as principais explicações para o bom momento.



+99,9%
Exportações

Apesar do câmbio...

De 2002 a 2006, as exportações de produtos agropecuários tiveram um aumento de 99%: saltaram de US\$ 24,8 bilhões para US\$ 49,4 bilhões. O complexo sucroalcooleiro teve o melhor desempenho, com incremento de 243% nas vendas externas. A expansão das carnes foi de 170%. Em terceiro, aparece o café, com crescimento de 143%; em quarto, cereais e preparações, com 123%; e em quinto, frutas, com 91%.



Preferência lulista

O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) teve um orçamento de R\$ 3,6 bilhões em 2006, 4,3 vezes maior que o montante de R\$ 828 milhões do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). E o Mapa pagou apenas 38,8% do orçamento total previsto em 35 de seus mais importantes programas e ações, enquanto para o MDA os desembolsos efetivos chegaram a 55,8% nas 16 principais atividades da Pasta.

SRB com novo presidente

Cesário Ramalho da Silva assumiu a presidência da Sociedade Rural Brasileira (SRB) no final de 2006 no lugar de João de Almeida Sampaio Filho, que se licenciou do cargo para comandar a secretaria da Agricultura de São Paulo. Empresário rural, pecuarista e produtor de grãos e cana-de-açúcar no Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, Ramalho também é filho, neto e bisneto de fazendeiros, e foi presidente da Câmara Setorial Paulista da Carne Bovina. "Nossa missão será dar continuidade ao êxito da gestão de João Sampaio, com o objetivo maior de garantir o direito do produtor rural ter renda".



APROVEITAMENTO de resíduos

Sou estudante de Agronomia e leitor da revista **A Granja**, e gostaria da ajuda de vocês para saber mais sobre o aproveitamento de resíduos de produtos agrícolas, como o bagaço da cana. Atualmente, quais são os principais usos desses produtos? Obrigado.

Jorge Padilha
Uberaba/MG

R — Prezado Jorge, com a possibilidade de utilização de resíduos agrícolas como combustíveis renováveis, agricultores e empreendedores vêm nessa atividade uma alternativa lucrativa e ambientalmente correta. O pesquisador João Pratagil de Araújo, da Embrapa Agroindústria Tropical, lembra que os resíduos são historicamente considerados “lixo” que precisam ser descartados do processo de produção, gerando ainda custos elevados para os empreendedores. No entanto, já existem experiências no Brasil nas quais o que era “lixo” passa a ser mercadoria, como a utilização do bagaço da cana-de-açúcar, resultante do processo de



A Granja

fabricação do etanol, do açúcar e da cachaça. “Esses resíduos são utilizados como combustível das caldeiras que fornecem a energia para o processamento desses produtos”, explica. O pesquisador reitera, no entanto, que, ainda hoje, o aproveitamento de resíduos é geralmente ina-

propriado, causando problemas ambientais e de saúde pública. Muitos dos resíduos são queimados sem qualquer reciclagem gerando a emissão de dióxido de carbono (CO₂) ao meio-ambiente. De acordo com Pratagil, os resíduos que podem ser aproveitados de forma mais intensa são aqueles gerados no cultivo da cana-de-açúcar, da indústria de papel e celulose, e a serragem e gravetos da indústria madeireira e moveleira. Além disso, eles podem ser usados como cama para criação de animais, adubação orgânica, controle de erosão e alimentação de animais. No caso do bagaço da cana-de-açúcar, por exemplo, tecnologias de produção de etanol a partir da hidrólise do bagaço estão em desenvolvimento e poderão atingir estágio comercial em um período entre 10 e 15 anos. O bagaço pode ter uso energético fora das usinas e destilarias como insumo de ração animal, fabricação de papel de bagaço, fabricação de elementos estruturais e hidrólise para produção de álcool.

ÓLEOS essenciais

Tenho interesse em obter informações sobre a cadeia produtiva de óleos essenciais do Brasil. Quais são os maiores desafios desse segmento e onde está localizada a maior parte da produção? Grata.

Maria Thereza Vicentini
Florianópolis/SC

R — Maria Thereza, apesar de relevante, a cadeia produtiva de óleos essenciais ainda carece de articulação no Brasil. Na avaliação de pesquisadores do Instituto Agrônomo (IAC), com sede em Campinas/SP, falta interação para fortalecer os elos da cadeia envolvidos na produção de matéria-prima, extração de óleo, industrialização do produto final e comercialização. Apesar de o Brasil ser o maior produtor de óleo essencial de laranja, um subproduto da indústria cítrica, o País importa a maior parte dos óleos essenciais, justamente em razão do menor preço, qualidade e disponibilidade do produto. “Além desses fa-

tores, temos que considerar também a falta de política agroindustrial para o setor e a expansão do uso de produtos sintéticos nas formulações”, diz Márcia Ortiz, pesquisadora do IAC. No Brasil, o principal Estado produtor de óleos essenciais é São Paulo, em razão da forte atividade citrícola. Segundo Márcia, além dos produtores de citros, há algumas indústrias de porte médio e pequenos produtores de plantas aromáticas e óleos essenciais no Estado, que produzem, principalmente, óleo essencial de citronela, gengibre e eucalipto. De acordo com a pesquisadora, o Brasil continua exportando óleos essenciais de pau-rosa, eucalipto, citronela, limão, laranja e outros. Atualmente, observa-se maior procura por parte das indústrias, em especial as de perfumaria, por novos óleos essenciais. “É uma boa oportunidade para o Brasil, que detém a maior diversidade genética vegetal do planeta”, avalia a pesquisadora do IAC.

UVA no Paraná

Sou agricultor familiar e estou interessado em saber das possibilidades do plantio de uva comum na Região dos Campos Gerais no Paraná. Desde já, obrigado.

Ernesto Romualdo
Ponta Grossa/PR

R — Caro Ernesto, técnicos do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) apontam algumas vantagens da produção de uva rústica na Região dos Campos Gerais. “O grande diferencial da uva rústica é a versatilidade. Se o produtor plantar uva fina, ele terá um produto de qualidade superior para fazer vinho, mas fica limitado a esse mercado. Se ele optar pela uva rústica, ele pode vender *in natura*, fazer produtos como geléias e doces ou ainda vender para

MOFO cinzento



tituir o uso de defensivos químicos nas suas lavouras por uma estirpe do fungo *Clonostachys rosea* para a redução das perdas causadas pelo fungo *Botrytis cinerea*, causador do mofo cinzento. De acordo com avaliações de pesquisadores da Embrapa Uva e Vinho, aplicações semanais de *Clonostachys* reduziram em até 69% a podridão dos frutos. O fungo *Botrytis cinerea* é bastante comum em regiões úmidas, tanto no cultivo protegido, como no campo, e ocasiona queda de flores e frutos e diminui a durabilidade na pós-colheita, ocasionando um grande prejuízo para os produtores. Com a adoção do controle biológico, elimina-se o risco toxicológico tanto para o produtor como para o consumidor, possibilita-se a produção de frutas livres de qualquer resíduo químico e contribui-se para a produção orgânica e integrada das pequenas frutas. Além da utilização em pequenas frutas, o controle biológico com o *Clonostachys rosea* também está sendo utilizado como alternativa para o controle do mofo em plantas ornamentais como a fúcsia.

Olá amigos da Revista **A Granja**. Por favor, gostaria de saber quais são os benefícios do controle biológico do mofo cinzento em pequenas frutas. Grato pela atenção.

Armino Xavier
Caxias do Sul/RS

R — Caro leitor, os produtores de morango, amora e framboesa, conhecidas como pequenas frutas, podem subs-

a indústria fazer suco”, explica Marcelo Malgarim, pesquisador do instituto. Ele também salienta que a uva é uma alternativa para quem quer diversificar a produção e não ficar dependente demais de determinada cultura. Para o pesquisador, a região dos Campos Gerais tem boas condições de solo e clima para a produção de uva comum. Ele afirma que hoje existem em torno de 4 mil hectares plantados com uva no Paraná e que esse número pode ser maior com a entrada de novos agricultores nessa cultura. É importante que você procure orientação técnica e se mantenha informado sobre as



corretas técnicas de instalação de parreirais, sistema de condução e poda, fertilidade do solo, manejo de pragas e doenças, irrigação, eficiência na aplicação de produtos químicos, pontos de colheita e perspectivas de mercado.

O BRASIL AGRÍCOLA **agranja** À SUA DISPOSIÇÃO

ASSINATURAS

Call Center

Ligue grátis
0800-5410526
Grande Porto Alegre
Fone/Fax: (51) 3232-2288
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h30
Sábado, das 9h às 14h

INTERNET



www.agranja.com

Para edições atrasadas, edições anteriores, mudança de endereço, troca da forma de pagamento, ligue para os mesmos números acima.

FALE COM A REDAÇÃO

Por e-mail:
mail@agranja.com
Fax: (51) 3233-1822
Cartas:
Av. Getúlio Vargas,
1.526 – Porto Alegre/RS
CEP 90150-004



As cartas devem conter assinatura, RG e telefone do autor. Por motivo de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas de forma reduzida. Só poderão ser publicadas na edição seguinte as cartas que chegarem até o dia 18.

PRESENTEIE
UM AMIGO
COM UMA
ASSINATURA



Ligue grátis
0800.5410526

Grande Porto Alegre (51) 3232-2288
amalia@agranja.com
ou www.agranja.com

Para anunciar ligue:

(11) 3331-0488
comercialsp@agranja.com
(51) 3233-1822
comercial@agranja.com

País **ABENÇOADO**

Ao ler as últimas edições da revista **A Granja** e acompanhar o noticiário, fiquei pensando o quanto este País é abençoado por Deus. Etanol, biodiesel e papel & celulose são o futuro da sociedade, justamente produtos que o nosso Brasil “nasceu” pra produzir. E sem contar alimentos, que o nosso País também é especialista na geração. Ou seja, o Brasil oferece justamente o que mais o mundo precisa hoje, amanhã e sempre. É preciso que nós todos, principalmente nossas autoridades, saibamos aproveitar estas bênçãos divinas e transformemos o Brasil numa verdadeira potência mundial.

Ariovaldo Zancan

Lucas do Rio Verde/MT



A Granja

De olho no **CONGRESSO**

Sou um eterno otimista. Por isso tenho todas as esperanças que o novo Congresso Nacional que toma posse no início deste ano seja bem diferente do último que, segundo dizem, foi o pior de todos os tempos. aguardo que as decisões de nossos nobres deputados e senadores sejam em prol do povo brasileiro e não em defesa dos próprios interesses. Também espero que os nobres deputados se preocupem um pouco mais com a agricultura, principalmente com a agricultura familiar, que precisa de ajuda para não deixar de existir. Vou ficar bem atento às ações deles.

Gilmar Estevão

Divinópolis/MG

Espera pela **RETOMADA**

Pelo amor de Deus!! Eu espero animadamente que 2007 seja o ano da “Safrada Retomada”, como define a matéria de capa da edição de janeiro. Estávamos realmente em crise, mas tudo indica que teremos resultados mais favoráveis. Se depender de São Pedro, acho que Ele vai dar uma força, pelo menos para quitarmos as dívidas das safras anteriores. Apesar do prejuízo, ainda me sobra esperança para acreditar que tudo vai melhorar.

Maria dos Santos

Caxias do Sul/RS



A Granja

BUBBLER, simples e barato

Confesso que até ler a matéria sobre o bubbler eu não sabia do que se tratava. Já como é simples e barato resolvi prestar atenção. Esse sistema para pequenos fruticultores é simples e fácil, o custo de implantação de R\$ 1.100 por

hectare é encorajador. Gostei também que pelo tamanho do tubo é possível dosar a quantidade de água que cada planta recebe. A matéria foi muito explicativa. Um abraço!

Ricardo Antônio

Telêmaco Borba/PR



A Granja

Acesse www.agranja.com ou mail@agranja.com

A comovente generosidade com o dinheiro do contribuinte

Luis Inácio ‘Imposto’ da Silva já tem o seu lugar de evidência garantido na história deste País. Por uma série de razões. Uma delas, pelo mensalão, para alguns a maior crise de corrupção da história republicana do Brasil. Mas também por ter sido o presidente que mais viajou até hoje. Nos primeiros 48 meses de mandato Lula esteve por 193 dias bem longe do Brasil. Ou 13,2% de seu tempo. Foram 900 horas dentro do avião (do saudoso Sucatão ao milionário “Aerolula”, além de aeronaves da FAB), tempo suficiente para dar 18 voltas ao redor da Terra. Foram 102 visitas a 52 países diferentes, média de 2,12 visitas por mês, quase o dobro de seu antecessor, FHC, que visitou 1,12 país por mês e já tinha ganho o rótulo “Viajando Henrique Cardoso”...

E para onde o homem foi? Para lugares que oferecem negócios promissores como EUA, Europa ou Ásia? Não, é claro que não. América do Sul e África foram as preferências dos destinos do Aerolula, com quase 60% das decolagens. Mas ele não perdeu a viagem. Na verdade, quem não perdeu mesmo foram os anfitriões.

Afinal, Lula, em arroubos de bondade para com o próximo, passou os quatro anos perdoadando dívidas de países da África, América do Sul e Central e Caribe. Vamos aos fatos:

Moçambique — perdão de 95% da dívida moçambicana, um montante de US\$ 315 milhões. “Eu penso que isso pode servir de exemplo para que outros países da mesma magnitude do Brasil tenham o mesmo gesto com outros países pobres do mundo, que muitas vezes têm uma dívida que todo mundo sabe que é praticamente impagável, mas que funciona como uma espécie de espada na cabeça dos devedores”, justificou.

Nigéria — o Brasil vai receber apenas US\$ 67,3 milhões da dívida de US\$ 150,4 milhões que a Nigéria contraiu com o País, há mais de 20 anos, em financiamentos e seguros de exportações. Os outros US\$ 83,1 milhões serão cancelados.

Cabo Verde — de Cabo Verde, foram deixados de lado US\$ 4 milhões devidos por instituições locais.

Gabão — foram US\$ 36 milhões. Lula vai converter a dívida em incentivos fiscais para empresas brasileiras investirem no país, mas na prática é perdão mesmo. Em encontro com o ditador Omar Bongo, há 37 anos no poder, Lula justificou que, mesmo o Brasil não sendo um país rico, tem o dever histórico, ético, político e humanitário de repassar experiências e distribuir parte de seus recursos com as “nações irmãs”.

Bolívia — indulto de uma dívida de US\$ 52 milhões que a Bolívia tinha com o Brasil. E Lula anunciou a abertura de uma linha de crédito do BNDES para que os bolivianos possam construir uma rodovia ligando Puerto Suarez (cidade bolívia-

na na fronteira com o Brasil, perto de Corumbá/MS) a Santa Cruz de La Sierra. (Ainda bem que as estradas brasileiras não precisam de investimentos...) Com toda esta “colher de chá”, Evo Morales afirmou na lata que não quer generosidade, quer mesmo é manter o preço do gás para o Brasil por uma questão de justiça! E as terras dos brasileiros em Santa Cruz de la Sierra como vão ficar?

Nicarágua — perdão de 95% da dívida de US\$ 141 milhões, outra gorjeta milionária.

Cuba — a ilha de Fidel não podia ficar de fora. O pagamento da dívida cubana de 40 milhões de euros será suavizada com a redução de 20% dos valores de alguns produtos comprados pelo Brasil. Será facilitado o pagamento de 20% da dívida de cerca de R\$ 134 milhões do país com o Banco do Brasil e serão investidos R\$ 20 milhões do BNDES na construção de uma usina de álcool combustível.

Paraguai — no mês passado Lula doou R\$ 20 milhões ao Paraguai com a finalidade de “modernização da administração tributária” e “redução do desequilíbrio social do país”.

Com estes atos comoventes de doçura, ele não só posa de salvador do mundo, uma posição que faz muito bem para a vaidade dele, como alimenta uma obsessão política externa do Brasil: integrar o Conselho de Segurança da ONU, que seria ampliado para receber mais países permanentes. O Conselho possui hoje apenas cinco integrantes permanentes: EUA, Rússia, França, Inglaterra e China. A pergunta que cabe é pra quê precisamos de um assento de segunda categoria na ONU, organismo cada vez mais desimportante para resolver os problemas internacionais. Tudo muito bom, tudo muito bem caso o Brasil tivesse recursos saindo pelo ladrão. Não é preciso listar aqui as necessidades deste País. Sem contar que muitos dos recursos emprestados ou devidos na verdade tiveram destinos digamos não muito claros. Se em democracias mais avançadas como a brasileira por vezes não se sabe para onde vão os recursos, imagine-se em nações africanas.

E agora um Lula todo pomposo anuncia o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que prevê mais de R\$ 500 bilhões em investimentos em infra-estrutura. A questão é que o volume gigantesco de recursos prevê a boa vontade de investimentos dos setores privados que, por sua vez, sonharam com a diminuição da carga tributária. E também gostariam de ver o governo anunciando corte de despesas, o que não ocorre de jeito nenhum. É, diminuir impostos e gastos, nem pensar. Assim, não há PAC que dê jeito.

Vamos rezar para que o nosso presidente viaje de 2007 a 2010 bem menos, e que o PAC não vire piripaque e que seja ajustado no seu devido tempo por um pouco de ousadia e bom senso. ■

REPORTAGEM DE CAPA

O *DESAFIO* D ***dentro e fora***



DA LOGÍSTICA ra da porteira

Preparar a terra, plantar e colher. Depois, armazenar e vender. Na rotina de trabalho do homem do campo, sempre há uma série de desafios. Alguns, como a estiagem e os preços baixos, vêm e voltam. Outros, no entanto, teimam em permanecer. A cada escoamento da safra, a cena se repete: filas de caminhões em torno dos portos, milhões de grãos perdidos ao longo das rodovias e menos dinheiro no bolso do produtor. Do lado de dentro da propriedade, o desafio é ampliar a armazenagem para conquistar mais rentabilidade. No País das contradições, a distância percorrida entre a lavoura e o mercado mostra que ainda há um longo caminho para ser trilhado em busca da competitividade

Denise Saueressig
denise@agranja.com

O Brasil agrícola competente, da terra disponível e fértil, da riqueza vegetal e da alta tecnologia produtiva, passa longe do Brasil dos gargalos do transporte, onde a logística é inimiga do agronegócio. Nessa etapa ineficiente da infra-estrutura nacional, perdem-se grãos, rentabilidade e competitividade frente aos concorrentes internacionais. Ao longo das estradas do País, basta viajar alguns quilômetros atrás de um caminhão carregado para perceber que parte da pro-

dução perde-se entre os buracos do asfalto.

E é justamente nas rodovias que reside um dos maiores entraves do escoamento da safra nacional. Segundo a Confederação Nacional dos Transportes (CNT), 62% do transporte de cargas no Brasil é feito por meio das rodovias. Em países de grandes dimensões – como é o caso do Brasil, o mais comum é uma maior utilização de outros modais, como as ferrovias e as hidrovias. “Aqui, os produtos mais

baratos, no caso a soja e o milho, são transportados pelo modal mais caro, que é a rodovia”, diz o professor Mauro de Rezende Lopes, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV). Como consequência, os elevados custos de logística no Brasil estão estimados entre 16% e 20% do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto a média é de 11% a 12% na Europa e de 9,8% nos Estados Unidos.

O problema é que o Brasil é um

país rodoviário com muitas estradas intransitáveis. São cerca de 1,6 milhão de quilômetros, mas apenas 196 mil quilômetros são pavimentados. A Pesquisa Rodoviária CNT 2006 revelou que 75% da malha pesquisada apresenta algum tipo de deficiência. O estudo foi feito entre junho e agosto e avaliou 84.382 quilômetros de rodovias federais pavimentadas e trechos sob gestão estadual e sob concessão. Do total pesquisado, 10,8% foram classificadas como ótimas; 14,2% como boas; 38,4% regulares; 24,4% ruins e 12,2% péssimas. São Paulo é o Estado que apresenta a melhor malha rodoviária do País, enquanto o Nordeste concentra a maior parte das estradas em condições precárias.

A CNT fiscaliza e cobra do governo federal a aplicação da Contribuição de Intervenção sobre Domínio Econômico (Cide), que é incidente sobre os combustíveis e foi instituída para ampliar os investimentos em estradas e em infra-estrutura. Boa parte do volume arrecadado, no entanto, não chega ao destino proposto. “A média de arrecadação é de R\$ 7,5 bilhões por ano, desde 2002. Se esse valor fosse aplicado, hoje estaríamos lamentando menos a situação das nossas estradas”, conclui Flávio

Benatti, presidente da Seção de Cargas da CNT e presidente da Federação das Empresas Transportadoras de Cargas do Estado de São Paulo (Fetcesp).

BR 158, BR 101, BR 163. São muitos os exemplos de rodovias, federais ou não, que têm condições precárias e são utilizadas para o transporte da safra. O professor Mauro Lopes, da FGV, lembra da BR 242, que liga Luís Eduardo Magalhães/BA à capital Salvador. O município está em uma das regiões mais promissoras para a produção de grãos e algodão do País, o Oeste baiano. “Em condições normais, uma carreta levaria 18 horas para percorrer esse percurso, mas com a estrada precária, a viagem leva até quatro dias. E os motoristas ainda precisam andar em comboios devido à insegurança”, observa.

Necessidade de investimentos

— O caos visto nos principais aeroportos brasileiros desde o ano passado é mais um flagrante indício das deficiências do transporte nacional. As salas de embarque congestionadas, a irritação dos passageiros, os vôos atrasados. Ocorrências que têm aspectos familiares com fatos que acontecem ao longo do País na época de escoamento da produção agrícola.

Hoje, o Brasil prepara-se para colher uma super safra. O clima ajudou e a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima que a produção 2006/2007 chegará a 121,5 milhões de toneladas. Mas será que a infra-estrutura e, principalmente, as estradas, estão em condições de receber toda essa colheita? Na opi-

não de produtores e representantes do setor privado, o País carece de investimentos bilionários que capacitem o sistema logístico.

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) estima que sejam necessários US\$ 16 bilhões em recursos no transporte nos próximos dez anos. Nesse período, os investimentos seriam da ordem de 3% do PIB, ou 0,3% do PIB ao ano, calcula José Ricardo Severo, assessor técnico da CNA. Ele avalia que esses recursos poderiam proporcionar uma economia de US\$ 14,23 bilhões no transporte, o que representa redução de gastos em torno de 20% ao ano. A CNA estima que a falta de atenção às estradas e ferrovias e a má gestão dos portos acarretam um prejuízo anual de R\$ 31 bilhões para a agricultura brasileira.

O transporte da soja até o porto de Roterdã, na Holanda, é um exemplo das perdas causadas por problemas de logística. O produto chega na Europa cotado a US\$ 220 a tonelada/FOB. Descontados os custos da operação, o preço final cai para US\$ 95 a tonelada FOB. Esses custos significam itens como burocracia, tributação, gestão, seguros, multas de espera, qualidade, sanidade, segurança, sistemas de navegação, riscos, transporte rodoviário e ferroviário, pedágios, segurança jurídico-institucional e sistemas de informação.

A conta da Confederação Nacional dos Transportes (CNT) indica a necessidade de aplicação de R\$ 22,5 bilhões em recuperação de rodovias e outros R\$ 1 bilhão por ano para a manutenção. “Isso significa, entre outras obras, a correção do pavimento, da sinalização e da geometria em estradas mais antigas”, ressalta Flávio Benatti, presidente da Seção de Car-



CNA estima que a solução dos problemas de transporte exige recursos da ordem de US\$ 16 bilhões nos próximos dez anos

Divulgação CNT

Divulgação CNT

gas da confederação. Na opinião dele, uma das possíveis soluções é a privatização de vias, seguindo exemplos que deram certo no País. “Mas essa é apenas uma das alternativas, que não pode ser aplicada a toda e qualquer rodovia com problema. A situação deve ser avaliada caso a caso”, pondera. Para o executivo, o investimento em transporte é mais do que essencial para o crescimento do Brasil. “É necessário agir com urgência se quisermos chegar à meta de crescermos 5% ao ano, caso contrário, vamos continuar nos pífios 2,5% ao ano”, enfatiza.

Benatti acredita que falta planejamento na hora de escoar a safra. “Mal acaba a colheita e os grãos seguem para os caminhões, que se transformam em silos ambulantes. Os embarcadores e recebedores também precisam dessa organização, afinal, são conhecidos o fluxo de caminhões e a capacidade de silagem nos portos”, completa.

Burocracia nos portos — Para os portos, a CNT estima que sejam necessários US\$ 5 bilhões em investimentos nos próximos cinco anos.

Esse valor inclui a melhoria dos acessos, renovação dos equipamentos,

adequação das instalações portuárias e qualificação dos sistemas de informação. Para a construção de novas embarcações nacionais e para a navegação de cabotagem, é preciso a aplicação de US\$ 4,5 bilhões. A Pesquisa Aquaviária CNT 2006 revela que 76,7% dos entrevistados apontam como grave ou muito grave o excesso de burocracia nos portos. O estudo

ainda verificou que as obras de dragagem, na maioria, não são realizadas com regularidade. Também foi observado que os problemas relacionados aos acessos terrestres por via rodoviária agravaram-se nos últimos quatro anos.

O economista Luiz Antônio Fayet, consultor da CNA para logística e infra-estrutura, critica os impedimentos

GARGALOS LOGÍSTICOS

Rodovias:

- Estradas com buracos, ondulações e afundamentos
- Balanças inativas
- Déficit de capacidade em regiões desenvolvidas
- Inadequação de cobertura e de extensão em regiões em desenvolvimento e de fronteira agrícola
- Falta de acostamento
- Placas com legibilidade deteriorada

Ferrovias:

- Invasões de faixa de domínio em áreas urbanas e em acesso aos portos
- Quantidade excessiva de passagens de nível
- Redução da velocidade operacional
- Falta de contornos em áreas urbanas

Portos:

- Falta de dragagem de manutenção e aprofundamento
- Deficiência de infra-estrutura e berços
- Falhas de coordenação e de gestão
- Dificuldades para obtenção de licenciamento ambiental
- Excesso de burocracia

Hidroviias:

- Restrições de calado
- Deficiência de sinalização e balizamento
- Restrições à navegação pela inexistência de eclusas



Segundo a CNT, 62% do transporte de cargas no Brasil, um País continental, é feito por estradas

Divulgação CNT



Gerson Panatier

O escoamento pelos portos esbarra na falta de infra-estrutura, que resulta em filas e, por consequência, aumento do custo do transporte

gerados por questões ambientais para trabalhos como as dragagens e as duplicações de rodovias. “Há casos de obras que estão paradas há mais de 20 anos em função de entraves ambientais”, aponta. O professor Mauro Lopes, da FGV, classifica os portos brasileiros, com algumas exceções, como modestos e acanhados, com poucas condições de competitividade. Ele compara um dos problemas nacionais

com a situação do Paraguai, que mesmo sendo um País mediterrâneo (sem acesso ao mar) conquistou grandes investimentos em infra-estrutura para o uso dos rios Paraguai e Paraná. “Enquanto isso, o Brasil, que tem 8 mil quilômetros de costa, não consegue evoluir”, assinala.

Muitos especialistas defendem que o escoamento da safra fuja de portos tradicionais, como Santos/SP e Para-

naguá/PR. Como a fronteira agrícola se expande em direção ao norte do País, o ideal seria fazer a exportação via portos como Santarém/PA. Essa sugestão vale para a safra colhida na região de Sorriso/MT, por exemplo. Dali, os carregamentos percorrem 2,4 mil quilômetros até Paranaguá. “É preciso haver adequação, porque mudou a geografia da produção de grãos do País. Só que essa mesma produção pode ser travada se não houver investimentos em logística”, destaca Fayet. O consultor da CNA avalia que o ideal é que a exportação dos grãos seja direcionada principalmente para os portos de Santarém/PA, Porto Velho/RO e São Luís/MA. “Hoje, produtores do Tocantins e do norte do Mato Grosso recebem 30% a menos pela saca do que agricultores que estão em regiões mais próximas da exportação”, complementa.

Para viabilizar a exportação agrícola através de portos não tradicionais, é fundamental investir nos corredores de exportação, o que significa a implementação de soluções inte-

PAC prevê investimentos no setor

O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), lançado dia 22 de janeiro pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, contempla uma série de obras voltadas para melhorias logísticas. As operações previstas na esfera de competência do Ministério dos Transportes incluem intervenções em rodovias, ferrovias, portos (marítimos e fluviais) e hidrovias, totalizando investimentos de R\$ 55,3 bilhões no período 2007-2010. Estão programadas realizações em 45.337 quilômetros de rodovias, dos quais 42.090 receberão melhorias por meio da ação do próprio governo, enquanto o setor privado promoverá benefícios em 3.247 quilômetros de estradas. Em ferrovias, 2.518 quilômetros terão investimentos públicos e privados. A desobstrução de gargalos logísticos também vai focar 12 portos marítimos, além da previsão de construção de 67 portos fluviais e uma eclusa.

Alguns projetos programados por região:

Norte: R\$ 6,2 bilhões

BR 163/MT-PA: Pavimentação/trecho Guarantã do Norte/MT – Rurópolis/PA – Santarém/PA

Construção da Ferrovia Norte-Sul: Araguaína – Palmas/TO

Nordeste: R\$ 7,3 bilhões

Recuperação e ampliação dos berços 101 e 102 do Porto de Itaqui/MA

BR 116/BA: execução de ponte sobre o Rio São Francisco – Divisa PE-BA

Sudeste: R\$ 6,1 bilhões

BR 153-365/MG: Duplicação Divisa GO-MG – Trevão - Uberlândia

Dragagem de aprofundamento no canal de acesso, bacia de evolução e junto ao cais do Porto de Santos/SP

Sul: R\$ 3,9 bilhões

Ampliação dos molhes e dragagem de aprofundamento do Porto do Rio Grande/RS

Construção e recuperação de berços do Porto de Paranaguá/PR e construção e recuperação de berços do Porto de São Francisco do Sul/SC

Centro-Oeste: R\$ 3,5 bilhões

BR 163-364/MT: Duplicação Rondonópolis – Cuiabá - Posto Gil/MT

Dragagem e Derrocagem na Hidrovia do Paraná-Paraguai – MS/MT

Fonte: Ministério dos Transportes

ACOMPANHAMENTO DA CIDE*

Ano	Arrecadação bruta	Investimentos em transporte	Percentual investido em transporte pela União
2003	7.504,00	1.115,92	14,9%
2004	7.669,00	1.396,11	18,2%
2005	7.680,00	4.702,18	61,2%

Fonte: Secretaria da Receita Federal/Consultoria de Orçamento e Fiscalização Financeira da Câmara dos Deputados / Elaboração: CNT

*Em milhões de reais

gradas, de utilização de vários modais, como a conclusão de estradas, conclusão e interligação de vias férreas, viabilização das hidrovias e melhoria da infra-estrutura e da tecnologia utilizada nos portos.

Exportação recorde — Mesmo com a estrutura de transporte precária, o agronegócio nacional bateu mais um recorde de exportações no ano passado. Segundo o Ministério da Agricultura, as vendas externas al-

cançaram US\$ 49,4 bilhões, um incremento de 13,4% em relação a 2005. O valor representa 36% do total dos embarques realizados pelo País. “Nos próximos 50 anos, a população mundial deve dobrar e o mundo não tem como se abastecer sem contar com o Brasil. O problema é que, ao mesmo tempo em que temos essa potencialidade, também enfrentamos dificuldade em fornecer nossos produ-



Para Arantes, da Faeg, além das perdas físicas, as más condições das estradas aumentam os custos do escoamento

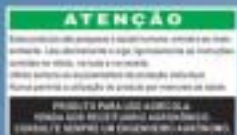
Edson Leite / Ministério dos Transportes

CHEMINOVA

No Brasil desde 1998, a Cheminova já faz parte da história de sucesso que a agricultura brasileira vem construindo.

Ciência, pesquisa e tecnologia são matérias-primas que usamos e a busca por resultados é a nossa inspiração. É assim que a Cheminova atua, lado a lado com o produtor brasileiro, formando lavouras mais saudáveis e produtivas.

Cheminova, inovando e crescendo junto com a agricultura brasileira.



0800 77 20 320
www.cheminova.com.br
alo.cheminova@cheminova.com.br
Rua Alexandre Dumas, 2220 • 6º andar
São Paulo • SP
04717-004

CHEMINOVA
Inovação em todos os campos

tos”, declara Fayet, da CNA.

A verdade é que os entraves logísticos podem impedir a retirada da produção do campo e sua colocação no mercado internacional a preços competitivos. O economista considera os problemas de gestão como os mais graves quando se trata de infra-estrutura de transportes. “Não adianta colocar dinheiro bom em cima de estruturas administrativas podres. Estamos vivendo a gravidade do apagão logís-

tico e, nesse processo, o Ministério dos Transportes tem sido o grande omisso”, frisa. Na avaliação dele, falta entrosamento entre as diferentes áreas governamentais e a efetiva execução de projetos anunciados pelo governo. Para Fayet, os gargalos internos enfrentados pelo agronegócio nacional atingiram um patamar tão grave, que os subsídios oferecidos pelos países ricos aos seus agricultores se tornaram um problema menor para o Brasil

quando se fala em concorrência internacional. “Nos últimos cinco anos, a produção mudou e evoluiu, mas o dólar desvalorizou e a burocracia, os custos e os juros aumentaram”, enumera.

Plano para evolução do setor — Ainda no primeiro semestre deste ano, o governo federal deve lançar o Plano Nacional de Logística e Transporte (PNLT), que vai apresentar as diretrizes do segmento até 2023. Segundo o Ministério dos Transportes, será

Entraves limitam expansão das ferrovias

O sistema de transporte ferroviário está completando dez anos de privatização. As concessionárias assumiram aproximadamente 28 mil quilômetros de malha férrea existente no Brasil. Os gargalos físicos e operacionais, entretanto, limitam o desenvolvimento do setor. Entre os entraves, estão a precariedade das vias permanentes, os elevados números de pontos críticos na transposição de centros urbanos, a invasão de faixa de domínio e a interligação deficiente com zonas portuárias. Esses e outros problemas reduzem a velocidade média de 40 km/h para 5 km/h, principalmente nas áreas urbanas, comprometendo o desempenho das ferrovias.

O diretor-executivo da Associação Nacional dos Transportadores Ferroviários (ANTF), Rodrigo Vilaça, ressalta a importância da aplicação de recursos públicos no setor. “Defendemos o retorno da Cide e o retorno do que o segmento gera em receitas para o País”, acentua. De acordo com a ANTF, as empresas transportadoras recolheram aos cofres públicos, entre 1997 e 2005, R\$ 5,6 bilhões, em concessão e arrendamento, Cide e outros impostos. O dirigente diz que os investimentos são fundamentais para o crescimento do sistema ferroviário, que é estimado entre 7% e 9% ao ano até 2010. Vilaça considera essenciais os projetos de intermodalidade para a melhor utilização da infra-estrutura no Brasil. Segundo ele, 42 terminais intermodais foram inaugurados nos últimos 18 meses. No total, são 206 terminais rodo e hidro-ferroviários. “A malha ferroviária precisa expandir-se de forma integrada e com os diversos modos de transporte, por meio de um sistema de corredores logísticos de exportação que considere todas as regiões do País”, sintetiza.

Implantar e manter ferrovias não sai barato. A América Latina Logística (ALL) investe pesado para garantir a competitividade aos serviços prestados e o crescimento das operações. Hoje, a empresa tem uma malha de 20.495 quilômetros de extensão, que abrange os Estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e as cidades de Paso de los Libres, Buenos Aires

e Mendoza na Argentina. A frota é de 960 locomotivas e 27 mil vagões. Com a aquisição da Brasil Ferrovias, em maio de 2006, a ALL se tornou a maior empresa ferroviária do País, estendeu seu negócio aos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, ampliou sua atuação em São Paulo e passou a ter acesso ao Porto de Santos.

Em 2006, no segmento de granéis, nas operações do Rio Grande do Sul, a ALL transportou 4,3 milhões de toneladas, entre grãos e fertilizantes. Em soja direcionada para o Porto do Rio Grande, foram 2 milhões de toneladas. Para 2007, a expectativa é de aumento de 20% nesses volumes, informa Leandro Mayer, gerente da Unidade de Negócios Granéis Sul da ALL. “Trabalhamos com a expectativa de uma safra maior e com planejamento para a ampliação do trabalho”, projeta o executivo.

A compra de vagões em parceria com clientes é uma das ações de investimento realizadas pela companhia. Todos os anos, a ALL importa dos Estados Unidos locomotivas seminovas. Aqui, as estruturas são reformadas e adaptadas à malha nacional. Cada operação de importação e reforma de uma locomotiva tem custo de US\$ 500 mil, financiados através de uma linha do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). “O sistema ferroviário nacional tem potencial para crescer, mas essa evolução depende, entre vários fatores, de grandes estações, grandes pátios de manobra, mais locomotivas em operação e novos terminais de carga e descarga”, analisa Mayer.



Divulgação ALL

Mayer, da ALL: sistema ferroviário tem potencial para crescer, mas isso depende da ampliação da infra-estrutura



Programa de Aceleração do Crescimento do governo federal inclui intervenções em rodovias em diferentes regiões do País

feita uma análise prospectiva envolvendo 42 setores produtivos e 80 produtos da economia nacional. Através do projeto, pode haver alterações na legislação, novas resoluções das agências, melhorias nos sistemas de gestão em cada modal e propostas de financiamentos.

Um dos subsídios ao PNLT foi a Operação Safra, realizada no ano passado pelo Centro de Excelência em Engenharia de Transportes (Centran). A operação percorreu 20 pontos do País, numa parceria entre o Exército Brasileiro e o Ministério dos Transportes. O objetivo foi reunir informações que possibilitassem o estudo e o planejamento de ações de infra-estrutura para

facilitar o transporte dos grãos nos principais eixos rodoviários federais. “A intenção era dar um ‘zoom’ nas rodovias para ajudar a traçar um mapa do escoamento e concluir quais são os trechos que merecem uma atenção especial”, explica Saul Quadros, gerente do Núcleo de Planejamento de Transporte do Centran.

O governo federal reconhece a longa lista dos problemas logísticos que travam o crescimento do Brasil. Em novembro, durante um seminário promovido pelo Tribunal de Contas da União (TCU), o ministro dos Transportes, Paulo Sérgio Passos, falou sobre os gargalos e sobre as ações desenvolvidas pela União. Segundo

ele, o ministério obteve a partir de 2005 recursos mais adequados às necessidades do País. Foram R\$ 6 bilhões em 2005 e R\$ 4 bilhões até outubro de 2006. Passos afirmou que o aproveitamento do Projeto Piloto de Investimentos (PPIs) permitiu a redução do alto nível de endividamento do governo com relação ao setor de construção pesada, agora mantido em níveis mais aceitáveis de rolagem.

Para a manutenção da malha rodoviária, o governo investiu em torno de R\$ 2 bilhões anuais, a partir de 2005, valor bem superior às médias anuais de R\$ 700 milhões entre 2000 e 2004. No ano passado, parte desses recursos foi aplicada na tão criticada Operação Tapa-Buracos. Segundo o Departamento Nacional de Infra-estrutura de Transportes (Dnit), foram realizadas obras em 25 mil quilômetros de rodovias, através do Programa Emergencial de Trafegabilidade e Segurança nas Estradas (Petse), nome oficial da operação. O programa, no entanto, foi considerado inconsistente por muitos segmentos da economia.

“Não adianta só tapar os buracos, porque a chuva chega e estraga tudo de novo”, contesta o economista Pedro Arantes, analista de mercado da

PESQUISA RODOVIÁRIA CNT 2006

54,5% da malha rodoviária pesquisada encontram-se com o pavimento em estado regular, ruim ou péssimo, totalizando 45.950 km

70,3% da extensão pesquisada apresentam sinalização com problemas

40,5% da extensão avaliada não possuem acostamento

11,7% da extensão avaliada possuem placas total ou parcialmente cobertas pelo mato

Na propriedade, o desafio é armazenar a safra

No caminho entre a plantação e o consumidor, armazenar a safra é essencial para desafogar as rodovias e conquistar preços mais competitivos na hora da venda. Quando a opção é por reservar os grãos na propriedade, o alto investimento é compensado pela redução nos gastos com o frete e pelo maior poder de barganha com a comercialização na entressafra.

É verdade que o Brasil tem índices de armazenagem na fazenda bem distantes de outros países grandes produtores de grãos. A boa notícia é que esses números, assim como a capacidade total de armazenamento no território brasileiro, vêm crescendo nos últimos anos. De acordo com dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a armazenagem no País chegou a 121,892 milhões de toneladas em 2006, número praticamente igual à safra 2006/2007, estimada em 121,5 milhões de toneladas.

Mesmo com o crescimento da capacidade em diferentes Estados, ainda há carência de silos em regiões importantes economicamente, como as novas fronteiras agrícolas. Para manter uma posição confortável, o ideal é que o Brasil mantenha uma estrutura com capacidade no mínimo 20% superior à safra de grãos, avalia a economista Denise Deckers, superintendente de Armazenagem e Movimentação de Estoques da Conab.

O crescimento do registro da capacidade de 2005 para 2006 deve-se mais ao credenciamento de armazéns já existentes do que à construção de novas estruturas, explica a dirigente. Isso aconteceu devido à intervenção do governo no mercado da soja através da realização dos leilões que exigiram silos cadastrados para as operações de venda.

Em torno de 15% da

capacidade estática do Brasil está instalada nas propriedades rurais. Especialistas do setor avaliam que o País deveria elevar esse índice para 25%. “Se não fosse a crise financeira enfrentada pelos produtores nos últimos dois anos, acredito que já teria sido possível atingir esse patamar”, destaca Denise. A Argentina, por exemplo, mantém nas fazendas entre 35% e 45% da sua estrutura total. Nos Estados Unidos, esse número fica entre 55% e 66%, enquanto no oeste canadense, mais de 85% fica nas propriedades.

No Brasil, o crescimento desse número, que em 2004 era de apenas 9%, é atribuído ao Moderinfra, programa do governo federal criado para financiar a instalação e modernização de estruturas armazenadoras nas fazendas. Para 2006/2007, o Plano Agrícola e Pecuário do Ministério da Agricultura estipula R\$ 500 milhões para o programa, que tem um limite de crédito por operação de R\$ 600 mil, encargos de 8,75% ao ano e prazo de pagamento de até oito anos. “Investir em armazenagem significa diminuir a carga nas estradas e a pressão nos portos em períodos críticos. É ultrajante a condição indigna dos motoristas de caminhões nas filas para os portos e toda a situação criada em função desse problema. Manter uma estrutura eficiente de armazéns é mais uma forma de melhorar nossas condições de escoamento e de criar empregos no setor”, salienta Denise.

O governo federal está investindo na certificação das unidades armazenadoras com o objetivo de profissionalizar o setor no País. A proposta está baseada em três pilares: requisitos técnicos mínimos obrigatórios recomendados, registros documentais dos armazéns e qualificação da mão-de-obra nas unidades. Segundo a dirigente da Conab, a certificação vai propiciar uma concorrência mais justa no mercado, na medida que esse mecanismo indica claramente os produtos ou serviços que atendem a requisitos especificados. O processo também estimula a melhoria da qualidade, informa o consumidor e facilita o comércio exterior, incentivando as exportações de produtos com garantia de procedência.

Conforme Denise Deckers, da Conab, investir em armazenagem diminui a carga nas estradas e a pressão nos portos em períodos críticos



Divulgação / CONAB

Conforme Denise Deckers, da Conab, investir em armazenagem diminui a carga nas estradas e a pressão nos portos em períodos críticos

Federação da Agricultura do Estado de Goiás (Faeg), onde a precariedade invade as rodovias municipais, estaduais e federais. “Mais do que as perdas físicas decorrentes das más condições das estradas, nosso drama são os altos custos para escoar a safra”, relata. Na opinião do especialista, o investimento maior em estratégias de intermodalidade é uma das grandes necessidades do setor de transportes nacional.

Arantes cita o exemplo dos Estados Unidos, onde o maior uso das ferrovias permite um custo reduzido em comparação ao Brasil. “Num percurso de mil quilômetros entre a propriedade e o porto, o gasto do produtor norte-americano fica entre US\$ 16 e US\$ 18 por tonelada. Para o agricultor brasileiro, a mesma distância custa entre US\$ 48 e US\$ 52”, cita.

A conta é pesada para quem planta no Centro-Oeste. O produtor Rui Prado, presidente da Associação dos Produtores de Soja do Estado de Mato

Grosso (Aprosoja), lamenta os custos com o transporte até os portos de Santos e Paranaguá. “A tonelada vale US\$ 250 no porto, mas o custo para que chegue até lá é de US\$ 90”, calcula. “A localização geográfica do Estado exige ainda mais investimentos logísticos. Não adianta continuarmos produzindo com eficiência, se ainda temos que percorrer 2 mil quilômetros de rodovias para poder exportar a safra”, acrescenta. Este ano, ainda há o agravante das fortes chuvas ocorridas no Sudeste e no Centro-Oeste no mês de janeiro. Muitas estradas que já apresentavam condições ruins de tráfego podem ficar ainda mais prejudicadas pela ação da água.

No Mato Grosso, uma parceria entre o governo do Estado, produtores rurais e prefeituras vem ajudando a pavimentar estradas estaduais. Através do sistema de Consórcios Rodoviários, foram pavimentados 1.154 quilômetros nos últimos quatro anos.

“Poucos recursos e muitos problemas nos levaram a buscar essa alternativa”, define Vilceu Marcheti, secretário de Infra-Estrutura do governo do Estado.

Os agricultores que participam dos consórcios reúnem-se em associações. O custo total de cada projeto é dividido igualmente entre a associação e o governo, sendo que os produtores ficam responsáveis pela licitação da obra. “O trabalho acaba valorizando a propriedade rural, já que diminuem os custos com a chegada dos insumos e a saída da produção”, menciona Marcheti. Até janeiro deste ano, 59 consórcios foram assinados e 11 estavam concluídos. Em 2006, o programa andou mais devagar devido à crise financeira do agronegócio, mas a expectativa é de evolução dos projetos em 2007. No final do ano passado, duas rodovias receberam pedágios para a manutenção das obras. Além da cobrança, essas praças farão a pesagem dos veículos de carga. ■

Lancer Multiuso 10.000/12.000



Apto para diversas tarefas, distribuição calcário, adubação pré-plantio e de cobertura até 36 m, graças a sua esteira de borracha, sua bitola regulável e uso de prolongador de altura. Maiores detalhes com o revendedor de sua preferência.



Jan

Implementos Agrícolas Jan

Fone - 054 3332 1744 decom@jan.com.br
CEP:99470-000 Não-Me-Toque-RS



Perdas: afaste-se desta **DESGRAÇA!**

Apesar de toda a evolução técnica e tecnológica no cultivo da soja, a fase de colheita apresenta índices de perdas praticamente inalteráveis desde o ano de 1927. Um absurdo, visto as magras margens de lucro da commodity.

E principalmente porque evitar o prejuízo normalmente exige apenas algumas pequenas ações ou cuidados

*Nilton Pereira da Costa, PhD, coordenador do Programa de Redução dos Desperdícios da Cultura da Soja no Brasil,
pesquisador da Embrapa Soja*

Cezar de Mello Mesquita, PhD, consultor internacional na colheita da soja



Divulgação

A produção de soja no Brasil tem aumentado acentuadamente nos últimos anos. O alto valor comercial da leguminosa rica em proteínas é ditado pelo aumento do consumo na alimentação humana e animal em todo o mundo. No entanto, apesar da tecnologia moderna utilizada durante as etapas de produção, a fase de colheita apresenta índices de perdas praticamente inalteráveis desde o ano de 1927. Sabe-se que os desperdícios no decorrer da colheita da soja são uma realidade para a maioria dos produtores brasileiros, sendo que a má regulação das colheitadeiras, velocidade incorreta, a utilização de máquinas alugadas, fal-

ta de treinamentos dos operadores das colhedoras e manejo deficiente das lavouras, têm contribuído significativamente para a elevação das perdas.

Os trabalhos conduzidos pela Embrapa Soja e Emater/Paraná indicam que mais de 80% das perdas são atribuídas ao mau funcionamento da plataforma de corte das máquinas e da inadequação da velocidade de avanço com relação a velocidade do molinete. Já 13% podem ser atribuídas a falta de ajustes dos mecanismos internos da colhedora, e 3% à debulha natural das vagens. Por outro lado, tem sido observado crescente expansão da cultura em regiões tropicais do Brasil, o que pode apresentar uma séria limitação, ou seja, a falta de tecnologias adequadas que permitam a produção e o armazenamento de sementes de alta qualidade sob tais condições adversas.

Essas regiões são caracterizadas pelas altas temperaturas e umidades relativas na fase de maturação da semente e pelo alto índice de dano mecânico na operação de colheita, resultando em perdas na colheita e nas suas qualidades física, fisiológica e sanitária.

O Brasil também perde — Já é conhecida e preocupante, por suas repercussões econômicas, as perdas que se verificam na cadeia produtiva da soja. As fases de produção, colheita, transporte, pré-processamento, armazenamento, processamento, comercialização e consumo apresentam diferentes níveis de perdas cujo volume pode alcançar, em uma única safra, 23% da produção total estimada. Por sua vez, a etapa referente à colheita de soja, segundo dados estimados, pode ficar situada

ao redor de duas sacas/ha/ano em nível nacional, resultando em redução de 6% da produção que se estima colher para três safras.

Quanto se perde — Levando em conta a área plantada de soja de 20,660 milhões de hectares em 2006/07, e considerando-se uma estimativa média de perdas durante a colheita de duas sacas/ha, pode-se projetar que o Brasil deixará nos solos onde se cultiva soja aproximadamente o seguinte: a) 41,320 milhões de sacas, ou seja, 2.480.192 toneladas. Empregando a tecnologia para evitar as perdas na colheita é possível reduzir à metade esse prejuízo, que deverá então assumir o valor de R\$ 619,8 milhões, que equivale à aquisição dos seguintes bens: 1) 1.770 colhedoras (R\$ 350 mil cada); 2) 3.873 tratores (R\$ 160 mil); 3) 23.838 carros populares (R\$ 26 mil).

A colheita constitui uma importante etapa no processo produtivo da soja, principalmente pelos riscos a que está sujeita a lavoura destinada ao consumo ou à produção de sementes. A operação deve ser iniciada tão logo a soja atinja o estágio R8 (ponto de colheita de campo) a fim de evitar perdas na qualidade do produto. Para tanto, o agricultor deve estar preparado com antecedência com suas máquinas, armazéns, etc., pois uma vez atingida a maturação

Nilton da Costa, da Embrapa Soja: Perdas em todas as fases da colheita e pós-colheita pode chegar a 23% do volume de produção



Divulgação



Levando-se em consideração a perda de duas sacas/hectare, o Brasil vai perder nesta safra 2,5 milhões de toneladas de soja

Divulgação

de campo, a tendência é a deterioração dos grãos e debulha em intensidade proporcional ao tempo em que a soja permanecer no campo. Durante o processo de colheita é normal que ocorram algumas perdas. Porém, é necessário que estas sempre sejam reduzidas a um mínimo, para que o lucro seja maior. Para reduzir desperdícios, é necessário que se conheçam as suas causas, sejam elas físicas ou fisiológicas.

A seguir, algumas das principais causas de perdas na colheita:

Mau preparo do solo – solo mal preparado pode causar prejuízos na colheita, devido a desníveis no terreno que provocam oscilações na barra de corte da colhedora, o que faz com que haja corte desuniforme e muitas vagens deixem de ser colhidas. A presença de paus e/ou pedras podem danificar a barra de corte, atrasando a colheita. A quebra de facas da barra de corte prejudica o funcionamento desta, deixando muitas plantas sem serem cortadas.

Inadequação da época de semeadura, do espaçamento e da densidade – a semeadura em época pouca indicada pode acarretar baixa estatura das plantas e baixa inserção das primeiras vagens. O espaçamento e/

ou densidade de semeadura inadequada podem reduzir o porte ou aumentar o acamamento das plantas.

Cultivares não adaptadas – o uso de cultivares mal adaptadas a determinadas regiões, pode prejudicar o bom desenvolvimento da colheita, interferindo em características como altura de inserção de vagens e índice de acamamento.

Ocorrência de plantas daninhas – a presença de plantas daninhas faz com que a umidade permaneça alta por muito tempo, prejudicando o bom funcionamento da colheitadeira e exigindo maior velocidade no cilindro de triilha, o que resulta em maior dano mecânico às sementes e, ainda, facilita a maior incidência de fungos. Além disso, em lavouras infestadas, a velocidade deve ser reduzida.

Retardamento de colheita – em lavouras destinadas à produção de sementes, muitas vezes, a espera de menores teores de umidade para efetuar a colheita pode provocar a deterioração das sementes pela ocorrência de chuvas e conseqüente elevação da incidência de patógenos. Quando a lavoura for para produção

de grãos o problema não é menos grave, pois a deiscência de vagens pode ser aumentada, havendo casos de reduções acentuadas na qualidade do produto.

Umidade inadequada na colheita – a soja, quando colhida com teor de umidade entre 13% e 15%, tem minimizados os problemas de danos mecânicos e redução das perdas durante a fase de colheita. Sementes colhidas com teor de umidade superior a 15% estão sujeitas a maior incidência de danos mecânicos latentes e, quando colhidas com teor abaixo de 12%, estão suscetíveis ao dano mecânico imediato.

A má regulagem da colheitadeira é o ponto principal do problema de perdas na colheita. O trabalho harmônico entre o molinete, barra de corte, velocidade de avanço, cilindro e peneiras é fundamental para uma colheita eficiente, com o mínimo de desperdício. O molinete tem a função de recolher as plantas sobre a plataforma à medida que são cortadas pela barra de corte. Sua posição deve atender a um melhor recolhimento do material cortado, não deixando que plantas cortadas caiam fora da plataforma e também não deixando de recolher plantas acamadas. A velocidade deve ser ligeiramente superior a velocidade de deslocamento da máquina.

A barra de corte deve trabalhar o mais próximo possível do solo, visando deixar o mínimo de vagens



Divulgação

Segundo estudos, a má regulagem da colheitadeira é o ponto principal do problema de perdas na colheita

PROJEÇÕES DE ESTIMATIVAS DE PERDAS NA COLHEITA DA SOJA PARA SAFRA 2006/07

	Dados médios estimados da soja no Paraná	Dados médios estimados da soja no Brasil	Perdas no Paraná sc/ha	Perdas no Brasil sc/ha	Ganhos com a tecnologia no Brasil sc/ha
Preço da soja (R\$/sc)	33,00	30,00	1,0	2,0	1,0
Preço da soja (R\$/t)	550,00	500,00	—	—	—
Área cultivada (1000 ha)	3.967,80	20.660,20	—	—	—
Produção prevista (1000t)	11.566,10	54.717,70	—	—	—
Total de sacas (1000)	192.691	911.597	—	—	—
Total sacas perdidas (1000)	—	—	3.968	41.320	—
Perdas evitadas com uso da tecnologia* (1000 sc)	—	—	1.984	20.660	—
Valor (R\$1.000)			65.482,00	619.800,00	619.800,00
Valor (US\$1.000)	—	—	—	—	289.626,00

**Tecnologia da Embrapa: copo medidor de perda na colheita de soja*

presas nos restos da cultura que permanecem na lavoura. A velocidade de deslocamento da colhedora deve ser sincronizada com a velocidade das lâminas e do molinete e deve ser de 5 a 6 km/hora. Porém, devem ser considerados os casos individualmente. Em lavoura com qualquer tipo de problema o cuidado deve ser redobrado (desnível no solo, presença de plantas daninhas, maturação desuniforme, acamamento, baixa inserção de vagens, etc.).

No cilindro de trilha as perdas não são muito grandes, porém, quando a lavoura é para semente, a velocidade é fator importante para reduzir perdas por dano mecânico. Nesse caso, é necessário que se regule a velocidade do cilindro duas vezes ao longo do dia de colheita, uma vez que a umidade da semente é reduzida nas horas mais quentes e as sementes podem sofrer maiores danos. A faixa de umidade das sementes, em que a ocorrência de danos mecânicos é

mínima, vai de 13% a 15%. Além disso, para que o índice de danos mecânicos não seja muito elevado, a velocidade do cilindro de trilha não deve ultrapassar 500 a 600 rpm. Velocidades muito altas do cilindro podem provocar a fragmentação das sementes até níveis de 25% a 30%, o que se constitui em perda grave. Associada à velocidade do cilindro está a abertura do côncavo que pode reduzir a quebra de grãos ou sementes. Sugere-se ainda adotar, como

Agricultura de Precisão.

GPS-Sítio

Skippy

DELAVAN
BOMBAS ELÉTRICAS 12 V.

INTERNATIONAL SPRAY-JETS

(41) 3668-7020
Rua Amazonas, 238
Pindamonhangaba - Paraná
agrojet@agrojetbrasil.com.br

(66) 3421-1001
Rua Cândido Mariano, 238
Rondonópolis - Mato Grosso
aragmt@terra.com.br

critério, o seguinte: o índice de 3% de sementes partidas, no granelleiro, como parâmetro para fins de regulagens do sistema de trilha da colhedora, obtendo-se, na maioria dos casos, baixos valores de sementes quebradas e por conseguinte reduzidos índices de danos mecânicos no processo de colheita da soja.

Um drible nas perdas — Para que os desperdícios sejam mínimos, os seguintes ajustes rigorosos da colhedora devem ser observados durante a etapa de colheita:

a) Troque as navalhas quebradas, alinhe os dedos das contra-navalhas substituindo os que estão quebrados e ajuste as folgas da barra de corte. A folga entre uma navalha e a guia da barra de corte é de aproximadamente 0,5 mm. E a folga entre as placas de desgaste e a régua da barra de corte é de 0,6 mm.

b) Opere a colhedora mantendo a barra de corte o mais próximo possível do solo. Este cuidado é dispensável na utilização de colhedoras com plataformas flexíveis que, automaticamente, controlam a altura de corte.

c) Use velocidade de trabalho entre 5 a 6 km/hora. Este cuidado é importante pois a maioria das combinadas possui uma velocidade padrão da barra de corte corresponden-

do, em movimento retilíneo contínuo, a 4,8 km/hora. Portanto, velocidades superiores a esses valores tenderão a causar maiores perdas devido ao impacto extra e à raspagem da haste, com possível arranquio de vagens, antes do corte.

Para determinar a velocidade da colhedora, de forma prática, conte o número de passos largos (cerca de 90 cm) tomados em 20 segundos, caminhando na mesma velocidade e ao lado da máquina. Multiplique o número encontrado por 0,16, para obter a velocidade em km/hora.

d) Use a velocidade do molinete ao redor de 25% superior à velocidade da máquina colhedora. Para ajustar a velocidade ideal faça uma marca em um dos pontos de acoplamento dos travessões na lateral do molinete e regule a velocidade do mesmo para cerca de 9,5 voltas em 20 segundos (molinete com 1 m a 1,2 m de diâmetro) e para cerca de 10,5 voltas em 20 segundos (molinete com 90 cm de diâmetro). Outra forma prática de ajustar a velocidade ideal do molinete é pela observação da ação do mesmo. Caminhando-se ao lado da colhedora, a velocidade ideal é obtida quando o molinete toca suavemente e inclina a planta ligeiramente sobre a plataforma antes da mesma ser cortada

pela barra de corte.

e) A projeção do eixo do molinete deve ficar de 15 a 30 cm à frente da barra de corte e a altura do molinete deve permitir que os travessões com os pentes toquem na metade superior da planta, preferencialmente no terço superior, quando a uniformidade da lavoura assim o permitir. Desta forma, o impacto dos travessões contra as plantas será mais suave e evitará o tombamento das plantas para frente da colhedora no momento do corte das plantas.

f) Confira e/ou ajuste as folgas entre o cilindro trilhador e o côncavo. Regule as aberturas anterior e posterior entre o cilindro e o côncavo, que devem ser as maiores possíveis, evitando danos às sementes, mas permitindo a trilha satisfatória das plantas colhidas.

g) Ajuste a velocidade do cilindro trilhador, que deve ser a menor possível, evitando danos mecânicos às sementes, mas permitindo a trilha normal do material colhido.

h) Mantenha limpa e desimpedida a grelha do côncavo.

i) Mantenha o bandeirão limpo, evitando o nivelamento da sua superfície pela criação de crosta formada pela umidade e por fragmentos da poeira, de palha e de sementes

j) Ajuste a abertura das peneiras. A superior deve permitir a passagem dos grãos ou pedaços de vagens. A abertura da peneira inferior deve ser um pouco menor do que a da peneira superior, permitindo apenas a passagem dos grãos. A abertura da extensão da peneira superior deve ser um pouco maior do que a abertura da peneira superior, permitindo a passagem de vagens inteiras.

k) Ajuste a velocidade do ventilador. A velocidade deve ser suficiente para soprar a palha miúda e todo material estranho mais leve do que as sementes e que estão misturados às mesmas.

l) Fazer a avaliação das perdas continuamente durante toda a etapa da colheita, utilizando-se de preferência a metodologia preconizada pela Embrapa Soja. ■



Para que os desperdícios sejam mínimos, é necessário uma série de ajustes rigorosos na colheitadeira durante a colheita

Divulgação



Kátia Marcon/Emater

Pequeno produtor grita por **SOCORRO**

Excesso de produção, entrada maciça do produto argentino e principalmente o surgimento de novos – e profissionalizados – pólos produtivos complicam a vida do cebolicultor de regiões tradicionais, como de Ituporanga/SC e de municípios do Rio Grande do Sul. A saída é a organização do agricultor

Thaise Teixeira

Os cebolicultores brasileiros enfrentam um momento delicado. Atividade tradicional de agricultores familiares de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo, o cultivo do bulbo vem, também, sendo realizado por

novos produtores de outros Estados, que estão formando verdadeiros pólos ceboleiros. Localizados em Goiás, Minas Gerais e Bahia, os investidores, mais industrializados e profissionalizados, concorrem com os tradicionais produtores, que

ainda produzem em pequena escala e não detêm tecnologia. O resultado é um excesso de oferta no mercado e, conseqüentemente, queda no preço pago ao agricultor familiar, responsável por 51,7% da produção nacional. Segundo levantamento



Cebola argentina chega ao Brasil mais atrativa em preço e qualidade do que a produzida por aqui

Divulgação

do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2005 a 2006 a produção de cebola no Brasil cresceu 6,37%: passou de 1.098.790 toneladas para 1.168.788 toneladas. Também se verificou um aumento na área plantada, de 56.891 para 57.273 hectares, e na produtividade, 19.314 kg/ha para 20.407 kg/ha.

Além disso, o cebolicultor enfrenta a concorrência do produto importado, principalmente da Argentina, que responde por 30% a 40% da cebola consumida no Brasil. Segundo o pesquisador da Embrapa Hortaliças, Nozomu Makashima, o produto argentino tem qualidade superior ao nacional. Com melhor aparência e padronização devido ao clima e ao solo fértil, o bulbo cultivado no país vizinho necessita de pouca adubação, principalmente de fósforo e potássio, o que contribui para a redução dos seus custos operacionais. O resultado é que chega ao Brasil mais atrativo do que a cebola brasileira.

Também ocorrem situações em que a cebola, como única fonte de renda dos produtores, precisa ser comercializada imediatamente após a colheita, até mesmo sem cura, para recuperar o escasso capital de giro e sustentar a sobrevivência da família.

Sem cura (processo que remove o excesso de umidade das camadas mais externas dos bulbos e das raízes, antes do armazenamento), a cebola, além da

Novos pólos produtores são mais profissionalizados, e tiram fatias de mercado das regiões tradicionais

aparência não-atrativa, fica mais exposta às deteriorações. Além dos bulbos mal curados, acontece o apodrecimento por falta de ambiente adequado ao armazenamento, ataque de pragas e doenças e manuseio e transporte feito sem cuidados.

Descapitalização —

O quadro vem levando à desestabilização do setor e à descapitalização dos produtores que, em alguns momentos e em algumas safras, são obrigados a comercializar o produto a preços inferiores ao próprio custo de produção. É o caso do município de Ituporanga/SC, que produz 38% da cebola cultivada no Brasil e 70% da produção catarinense. São 4,7 mil hectares. Segundo o gerente regional da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) e coordenador da Câmara Setorial da Cebola no Estado, Daniel Schmitt, o produtor está recebendo em torno de R\$ 0,25 o quilo, preço equiparado ao custo de produção. A produtividade varia de 20 a 22 toneladas por hectare. “A média ainda é baixa para competir com a produção de São Paulo e da Argentina”, argumenta.

O presidente da Associação dos Produtores de Cebola do Estado de Santa Catarina (Aprocesc), Dalvino Mafra, revela que atualmente o produtor ‘paga para trabalhar’. “Estamos recebendo R\$ 0,20 o quilo da cebola enquanto o custo de produção está R\$ 0,27. Tem muita região nova produzindo”, justifica. Cultivan-



Segundo Schmitt, da Epagri/SC, o preço recebido pelo agricultor é o mesmo do custo de produção

Divulgação

do o bulbo desde criança com o pai, Dalvino conta que a situação se repete há quatro anos. Atuando numa área de 23 hectares e contando com 16 funcionários, ele faz as contas na ponta do lápis para conseguir cobrir com os custos de produção. “Para pagar um litro de diesel, preciso vender 10 quilos de cebola”, detalha. De acordo com ele, a atividade passou a ser deficitária devido à concorrência externa e à dispersão

da cultura em várias regiões do País. “Isso ocasionou um alto índice de endividamento dos produtores, resultando em atrasos de pagamentos de financiamentos de investimentos e custeios”, relata.

A situação é ainda pior porque, ao não quitar os compromissos financeiros, os produtores tornam-se inadimplentes, passam a ter seus nomes bloqueados para novos créditos e correm o risco de perder a propriedade para quitação de dívidas. “O setor precisa de uma política agrícola adequada desde a revitalização dos produtores, com renegociação de dívidas, redução dos custos de produção e normas que disciplinem a importação de cebola e que venham de encontro às necessidades de consumo, sem que esta afete tão drasticamente a produção nacional”, projeta Mafra.

Predominância familiar — De acordo a Aprocesc a cultura da cebola no Estado de Santa Catarina está presente em aproximadamente 15 mil propriedades rurais, que a tem como principal atividade econômica. Destas, cerca de



Divulgação

Desorganização de um lado, profissionalização de outro

Segundo o pesquisador da Embrapa Hortaliças, Nozomu Makashima, o grande problema está na desorganização do produtor. “Nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Bahia, os produtores se profissionalizaram e têm verdadeiras empresas produtoras de cebola, tendo um poder muito forte de pressão sobre o mercado”, enfatiza. A tendência, segundo ele, é de que o pequeno produtor seja engolido por essas empresas. “Eles têm máquinas próprias, armazenam o produto, produzindo em quantidade e com qualidade”, avalia Makashima.

O pesquisador acredita que a solução esteja na organização do pequeno produtor através de pequenas cooperativas para de alguma forma conseguir competir com os grandes produtores. “Só assim, eles conseguirão vender em escala, comprar insumos mais baratos e farão com que a tecnologia chegue a todos os agricultores”, projeta. Porém, esta mudança passa pela transformação no perfil do produtor. De acordo com Makashima, hoje, ele está deixando de ser somente agricultor para tornar-se empresário. “Ele tem que mudar o comportamento de querer sobreviver sozinho”, salienta.



Divulgação

73,80% dos produtores são proprietários e os demais trabalham em regime de parceria e arrendamento. As propriedades são pequenas, sendo que 30% têm menos de 10 ha e 66% têm área de 10 a 100 ha. A grande maioria dos produtores de cebola possui imóveis com área inferior a 25 ha e cultivam em média dois hectares, caracterizando-a como atividade típica de agricultura familiar. A produção catarinense neste ano é estimada em 400 mil toneladas, colhida em uma área de aproximadamente 21 mil ha.

No Rio Grande do Sul, terceiro maior produtor nacional do bulbo, o cenário também é desanimador. Na região litorânea de Mostardas, São José do Norte e Rio Grande, que responde por 70% da produção estadual, o agricultor está recebendo, nesta safra, entre R\$ 0,10 a R\$ 0,12 pelo quilo. Enquanto isso, o custo de produção está R\$ 0,20. “O produtor está vendendo pra não jogar fora”, explica o técnico Emater, Paulo Costa. Se-

gundo ele, o quadro deve-se ao excesso de oferta registrado também em Estados que não eram tradicionais produtores de cebola como Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná, que acabam concorrendo com o produto gaúcho, já que 95% da produção gaúcha é exportada para o centro do País. “Temos uma produção de 400 mil toneladas de Santa Catarina, 180 mil t do RS e 100 mil t do Paraná para um consumo nacional mensal de 100 mil t”, exemplifica.

Um dos motivos apontados pelo especialista para o aumento da produção de cebola em nível nacional na última safra foram os preços animadores praticados na safra de 2005/2006. “O que estimulou outros agricultores é que a cebola estava sendo comercializada a R\$ 0,35 o quilo”, diz. Aliado a isso, o custo de produção do produto ainda é baixo se comparado com outras culturas, e a cebola é uma hortaliça fácil de ser cultivada. Na maior região produtora do Estado, cerca de 10 mil pro-

dutores dependem do cultivo do bulbo. A produtividade alcança a média de 20 mil quilos/hectare, volume que sobe para 25 mil kg/ha em São José do Norte. A perspectiva, em 2007, é de que o quadro se mantenha, pelo menos, até baixarem os estoques ou haver alguma intervenção do governo federal para escoar a produção. “Nossa colheita se estende de novembro a janeiro, e, em fevereiro, já entra no mercado a cebola argentina”, argumenta Costa.

O agricultor de São José do Norte, Elson Silva, é cebolicultor há 44 anos. Ele cultiva o bulbo em 3,5 hectares, e revela ter obtido uma ótima colheita em 2006: foram 150 toneladas de cebola precoce, de ciclo médio e tardia. Porém, lamenta que o preço pago ao produtor esteja tão baixo. “Recebo R\$ 0,13 por quilo enquanto o custo de produção está em R\$ 0,18. Tirando o frete, sobra R\$ 0,10. Só não está pior porque a produção foi alta”, reclama. De acordo com ele, o grande problema do cebolicultor está concentrado nas grandes empresas do centro do País. “Essa cultura que era predominantemente familiar está sendo industrializada”, diz. ■

An advertisement for All Comp GPS equipment. The top part features the logo "All COMP" with the tagline "Equipamentos de Precisão". Below the logo is a photograph of a Garmin GPS device. To the right of the device, the text "GPS" is written in a large, stylized font, followed by "Mapeamento e cálculo de área com GPS". At the bottom, there is a red oval with the text "Vendas, cursos e treinamento". Below the oval, the phone number "(51) 3024.7100" is displayed in large, bold letters. At the very bottom, the address "Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS" and the email "vendas@allcompgps.com.br" are listed, along with the website "www.allcompgps.com.br".



A LOCOMOTIVA da agroenergia

Investimentos pesados é o que mais se ouve quando o assunto é cana-de-açúcar. Vultuosas quantias são anunciadas quase todos os dias para o segmento, sobretudo para a construção de novas usinas. As atuais 346 unidades produtoras desta safra deverão saltar para 437 em três anos

Adriana Ferreira

O aquecimento da demanda interna por álcool aliado à diminuição das reservas mundiais de petróleo e a conscientização global que o combustível fóssil é finito de petróleo vai acabar um dia determinam as excelentes condições para o setor sucroalcooleiro no Brasil. A cadeia produtiva desliza em céu de brigadeiro e vislumbra novas altitudes, impulsionada pela revolução energética. A economia mundial, até aqui, movida pelo petróleo finalmente entendeu que era hora de buscar fontes renováveis para o seu desenvolvimento e descobriu o Brasil e a sua agroenergia.

Com a experiência acumulada ao longo de mais de três décadas, desde a criação do Programa Nacional do Alcool (Proálcool), o País, que já é líder em cana-de-açúcar, produz com o menor custo do mundo. Cenário tão promissor está gerando uma corrida comparável à do ouro ou ao da borracha, atraindo empreendedores e pesquisadores de todo o mundo, interessados em conhecer a tecnologia tupiniquim e investir em novos negócios dentro e fora do País. Mas, diferente dos ciclos da borracha e do ouro, de caráter puramente extrativista, o ciclo econômico da cana parece querer entrar para a história como aquele capaz de promover o desenvolvimento sustentado do Brasil. E não faltam entusiastas dessa tese.

O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, é um deles. Após deixar a pasta, dedica-se à missão de unir diferentes setores da sociedade em torno de um projeto global para a expansão da agroenergia. Incansável, ele comanda o recém criado GV Agro – Cen-

tro de Estudos de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas, preside o Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp, atua como pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP, além de trabalhar na constituição de um fundo de investimentos para fomentar projetos na produção de álcool e biodiesel. “No século 20, a grande preocupação da Europa era garantir comida para todos. E isso foi feito com tanta eficiência que a Europa, antes importadora de alimentos, passou a ser a maior exportadora, como é até hoje. Esse foi o ciclo da segurança alimentar. Atualmente, o tema central do mundo é segurança energética, a humanidade se deu conta de que a civilização construída ao longo do século 20 em cima de um produto finito, fóssil e mal distribuído, como é o petróleo, é uma civilização que vai chegar ao seu ocaso”, discorre.

E os substitutos eleitos para o outroira chamado “ouro negro” são os biocombustíveis, etanol e biodiesel. “São produtos renováveis, qualquer país pode produzir. Ambientalmente são mais corretos, geram empregos nos países tropicais, diminuindo a diferença entre pobres e ricos. Mas, fundamentalmente, são produtos líquidos que atendem aos motores em funcionamento hoje no mundo”, argumenta Rodrigues.

O interesse dos investidores internacionais se faz notar pelos grandes



Divulgação

Meneghin, da Agroconsult: “Diferente da soja, a expansão da cana está sendo realizada por empresários que já têm experiência no setor”

negócios fechados no ano passado, como a compra da Cevasa pela Cargil. Além das visitas constantes de pesquisadores e empresários, como os donos do Google, Larry Page e Sergey Brin, que estiveram no interior de São Paulo para conhecer a produção local e analisar oportunidades. Representantes das *tradings* japonesas Mitsubishi e Mitsui também prospectam novos negócios no País.

A entrada de capital externo de risco já detém 5% da cana moída em 2006/07, segundo Plínio Nastari, diretor da Datagro. No entanto, ainda não é possível falar em migração de empresários saídos de outras áreas. Segundo os especialistas, a ampliação do setor ocorre, principalmente, por crescimento orgânico dos grupos já instalados no País. Nastari comenta que pre-



Unica

Surtem novos pólos canavieiros no País, como em regiões agrícolas do Triângulo Mineiro, sul de Goiás e sul do Mato Grosso do Sul

domina o capital francês. “As principais empresas estrangeiras são: Tereos, Louis Dreyfus, Kok, Cargill, Adeco-agro e Infinity”.

“Diferente da soja, a expansão canavieira está sendo realizada por empresários que já têm experiência no setor, como empresas exportadoras de soja, produtoras de óleo e farelo, *tradings* de açúcar e grupos tradicionais de algodão”, reforça Fábio Meneghin, engenheiro agrônomo e analista do mercado de commodities agrícolas da Agroconsult. “Os novos *players* sabem que o terreno a ser pisado não é um mar de rosas, assim, estão se associando a empresas já tradicionais com novos aportes de capital ou compran-

do unidades e mantendo o quadro de funcionários para não perder o *know-how* do negócio”, assinala.

O consultor revela que muitos dos atuais investimentos partem de tradicionais grupos produtores de açúcar da Europa. “Com a redução escalonada dos subsídios à produção por lá, esses grupos têm migrado para o Brasil onde os custos são menores com maior ganho de escala. Há também uma tendência de investimentos vindos de fundos de pensão internacionais e fundos diversos em busca de maior rentabilidade”, explica. “Por enquanto o que há é substituição. Em São Paulo houve substituição de lavouras, sobretudo laranja, porque houve uma crise muito grande, mas a gran-

de substituição foi de pastagem por cana”, afirma Roberto Rodrigues.

Novos pólos canavieiros se configuram no Triângulo Mineiro, sul de Goiás e sul do Mato Grosso do Sul. “Futuramente há boas perspectivas nos Estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, obviamente dentro das suas limitações físicas”, prevê Meneghin. Na safra 2006/07, havia 346 unidades produtoras em todo o Brasil. Em 2010, a Datagro estima que este número deva subir para 437 unidades. As atuais 360 usinas geram uma renda de 40 bilhões de reais por ano, empregando 1 milhão de pessoas. Mais 12 novas usinas foram instaladas em 2006 e, de acordo com as previsões, 16 devem ficar prontas

Tecnologia para vender e exportar

Mais do que exportar etanol, o Brasil pode exportar usina, tecnologia, inteligência e conhecimento, assegura o ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues. “No entanto, isso exige uma série de ações e a primeira delas é manter investimento em tecnologia”. E quando se trata de agir, ele não perde tempo. Na FGV Agro trabalha para criar as Empresas de Propósito Específico, previstas na Lei de Inovação Tecnológica, em que o setor privado pode investir minoritariamente para desenvolver tecnologia se beneficiando economicamente dos resultados do processo produtivo, além de ganhar com os royalties. No terreno da formação de recursos humanos, em breve a instituição, em parceria com a Embrapa e Esalq/USP, estará lançando um MBA em agroenergia, que em dois anos deve formar as primeiras turmas.

A “commoditização” do etanol também está na ordem do dia, Rodrigues assinou, recentemente, um tratado junto aos EUA que criou a Comissão Interamericana do Etanol, para influir nas políticas continentais de agroenergia. A intenção é tornar viável a produção do etanol em mais países, criando regras e padrões para o álcool no mercado

mundial, assim, tornando possível a negociação do etanol em bolsas.

Sobre o Fundo Private Equity, idealizado por Rodrigues para atrair recursos internos e externos para novos investimentos em agroenergia, ele é sucinto. “O que posso dizer é que está em fase de constituição”. Em relação à meta de R\$ 250 milhões divulgada por uma revista de circulação nacional, ele afirma que “é uma bobagem”. “O fundo ainda está sendo constituído e não tem meta, depende da nossa capacidade de aplicar recurso e depende do interesse dos investidores estrangeiros em aplicar recursos”. No entanto, é provável que o negócio não demore a entrar em operação, visto que diariamente Rodrigues recebe vários telefonemas, pedindo informações e convidando-o para dar palestra sobre o tema. Ele faz questão de esclarecer que não é um mecanismo de crédito.

“Trata-se de um fundo que aproxima investidores estrangeiros de quem tem terra”.

O grande desafio para o momento é unir todos os atores da cadeia para que trabalhem em sinergia e com objetivos claros, investindo constantemente em tecnologia, sob

o risco de perdermos espaço para países como os EUA, que avançam nas pesquisas com celulose e milho. “É importante saber para onde estamos indo e onde queremos chegar, em termos de mercado interno e externo. Também deve haver uma interlocução muito forte entre governo e iniciativa privada para definir regras de estocagem, que ofereçam clareza para compradores e consumidores”, explica Rodrigues. Em relação ao gargalo da infra-estrutura, Rodrigues demonstra tranquilidade: “O governo está preocupado com isso”. Ele revela que empresas privadas, interessadas em investir no setor, estão propondo parcerias, como a Mitsue, que quer criar um duto para escoamento de álcool.

Ex-ministro Rodrigues:
“É importante saber para onde
estamos indo e onde queremos chegar”



Divulgação

Não falta espaço pra crescer ainda mais

A pesar do grande número de usinas novas e em projeto, não há risco de faltar cana. O ajuste entre a instalação industrial e o canavial é extremamente fino devido aos altos custos envolvidos. Onde há um projeto de construção de uma usina, primeiramente se faz a prospecção das terras para arrendar e implanta-se o canavial, só depois a indústria chega. “Temos ainda 22 milhões de hectares aptos para cana no País. Desses, 90% estão hoje ocupados com pastagens. Como a agropecuária de corte teve um desenvolvimento fantástico no Brasil, produzindo muito mais carne por hectare, a demanda por pasto vai diminuir e, portanto, vai sobrar terra para fazer etanol, soja, amendoim, arroz e o que mais o Brasil e o mundo precisem”, empolga-se o ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues.

Observa-se uma euforia coletiva em relação ao futuro do setor. Como demonstra um estudo do IEA,

muitos produtores estão desistindo de outras culturas para investir nos canaviais. Tanto que o presidente da Organização dos Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil (Orplana), Manoel Carlos Azevedo Ortolan, reivindica maior suporte, por parte do governo, aos produtores oriundos de outras culturas que queiram ingressar no setor sucroalcooleiro. “O governo poderia facilitar o acesso ao crédito, tornando-o mais ágil, garantindo a participação do produtor no negócio, via financiamento do Banco Nacional do Desenvolvimento Social (BNDES). Quem migra de uma outra cultura, como a de soja, por exemplo, precisa de apoio, visto que são estruturas completamente diferentes”.

Contudo, é preciso ponderar. As oscilações são inerentes à atividade agrícola. Partir para outra cultura não vai livrar ninguém dessa realidade. “Já vi momentos de euforia. Com o próprio Proálcool vi muita gente cheia de dinheiro que investiu e fez coisa mal feita e quebrou. Mas o tema da agroener-

gia é definitivo, veio para ficar, e não interessa só ao Brasil, interessa ao mundo inteiro. E quem fizer bem feito no Brasil ou fora dele ganhará. Quem praticar gestão adequada, tecnologia correta, escoamento adequado e se tiver localizado em áreas certas não vai morrer, vai ter momentos difíceis, como em outras atividades, mas não vai morrer”, vaticina Rodrigues.

Mas de acordo com informações do Instituto de Economia Agrícola (IEA), de São Paulo, a maior parte da expansão está se dando sobre substituição de outras culturas, como pastagem, laranja, soja e milho, etc. O pesquisador da instituição Sérgio Torquato adverte: “O Brasil não pode se tornar um grande produtor de energia a partir da cana, em detrimento da produção de alimentos. As áreas de expansão da cana não podem se sobrepor às áreas de produção de alimentos e de floresta nativa e ecossistemas (Pantanal, Amazônia)”.

ainda este ano.

Sociedade de resultados — Os investidores externos têm se concentrado na indústria, deixando a produção agrícola para os brasileiros. Com a consolidação desse processo, espera-se uma mudança no perfil dos empresários da área e, conseqüentemente, na dinâmica da relação agricultor/usineiro. O diretor da Datagro acredita que, no longo prazo, a intensificação dessa tendência significará para o produtor “mais competição e maiores desafios e uma necessidade cada vez maior de buscar eficiências em todos os elos da cadeia de produção”.

“Um tema delicado, velho e polêmico”, assim o ex-ministro definiu a relação entre produtores e usineiros. “Hoje mesmo estamos assistindo a esse boom espetacular do setor, mas o fornecedor de cana não está participando em termos de renda. Ele ganha muito menos, proporcionalmente, em relação à indústria. O privilégio é para quem tem o capital”.

Por outro lado, Rodrigues diz que “graças ao Consecana” esse cenário está

se transformando. O Consecana é uma associação civil e sem fins lucrativos formada por produtores de cana e industriais produtores de açúcar e álcool para definir os métodos de pagamento da cana. “Acredito que haverá uma mudança na forma, de maneira que o fornecedor de cana seja sócio no resultado final da indústria”. E explica: se a cana representa 70% do custo do álcool, o usineiro lucraria sobre esse custo e o fornecedor rece-

beria pela sua cana os 70% do custo do álcool. “A indústria seria uma processadora de matéria-prima, quase que, entre aspas, uma prestadora de serviços. Pois ela não vive sem a matéria-prima, mas o produtor pode viver sem ela, criando a sua própria usina.” O homem que empunha a bandeira da agroenergia também identifica nessa nova etapa da produção sucroalcooleira oportunidades para o Brasil rever essa conflituosa relação. ■



GPS

Agricultura de Precisão
Pulverização / Mapeamento
Levantamento de Áreas
Distribuição de Fertilizantes e Calcário

All COMP
Equipamentos de Precisão

Av. Pernambuco, 1207
Fone: (51) 3024.7100 - Porto Alegre/RS
alcomp@alcompgps.com.br

Melhor **PREVENIR** do que gastar e lamentar depois

Doenças como greening, clorose variegada dos citros (CVC), cancro cítrico, morte súbita dos citros (MSC), leprose e pinta preta são graves de espécies cítricas, e podem não só acabar com o pomar, mas sobretudo com os mercados arduamente conquistados pelo Brasil

Adriana Ferreira

A expansão do trânsito internacional de pessoas e mercadorias tem aumentado significativamente a introdução de novas pragas e doenças na citricultura, nos últimos anos. No Brasil, atualmente seis moléstias vêm se destacando por seu grau de dificuldade no controle e danos que podem causar. São as seguintes: greening, clorose variegada dos citros (CVC), cancro cítrico, morte súbita dos citros (MSC), leprose e pinta preta. De acordo com informações do pesquisador Renato Beozzo Bassanezi, do Fundo de Defesa da

Citricultura (Fundecitrus), de 2004 a 2006, 700 mil plantas foram erradicadas em São Paulo – onde está concentrada 80% da produção citrícola do País – por causa do greening. Já a CVC, que atingiu 43% das plantas, em estágio avançado compromete até 25% da produtividade.

A incidência de cancro em São Paulo é de 0,19% dos talhões, o que indica que 99,81% deles estão saudáveis. “Gasta-se em torno de R\$ 40 milhões por ano para a campanha de erradicação no Estado”, revela o doutor Bassanezi. A MSC, por sua vez, afetou

4 milhões de plantas desde 2001. E cerca de 15% do custo de produção hoje é destinado aos acaricidas que combatem a leprose. Já a pinta preta, que causa a queda prematura de frutos, inviabiliza as exportações de fruta fresca para a Europa.

Apesar dos prejuízos, o maior produtor de laranjas do mundo tem enfrentado com sucesso os inimigos dos pomares. Para Antonio Nascimento, pesquisador da Embrapa Fruticultura, os estudos brasileiros estão bastante avançados. Ele conta que existem vários grupos de pesquisa nas universi-



Fundecitrus/Henrique Santos

dades, na Embrapa e nos institutos gerando informação básica e aplicada que são rapidamente incorporadas ao Manejo Integrado de Pragas dos Citros. “Podemos mencionar, como exemplos recentes, o uso de feromônio no controle do ‘bicho furão’ (*Ecdyolopha aurantianum*), o uso do controle biológico com o parasitóide (*Ageniaspis citricola*) no controle da larva minadora (*Phyllocnistis citrella*) e da Técnica do Inseto Estéril no controle da mosca-da-fruta (*Ceratitis capitata*), dentre outros”, destaca.

Bassanezi reforça o discurso do colega da Embrapa. “O setor hoje tem a capacidade de se mobilizar rapidamente para investigar sobre cada nova doença que surge. Existe uma rede de instituições responsáveis pela pesquisa de citros, principalmente no Estado de São Paulo (Fundecitrus, Centro APTA Citros Sylvio Moreira, Estação Experimental de Citricultura de

Bebedouro, Unesp/Jaboticabal, Esalq/USP, Unesp/Botucatu, Instituto Agrônomo e Instituto Biológico). Os estudos estão caminhando em praticamente todas as áreas. Além das instituições paulistas, existem diversos trabalhos em parcerias com grupos de outros Estados e países”, ressalta. Entre os obstáculos a serem vencidos, Nascimento destaca a necessidade de maior rigor na fiscalização do trânsito de material vivo nos portos, aeroportos e nas rodovias. “É nesse trânsito onde ocorre a introdução das pragas quarentenárias entre países e a disseminação entre regiões dentro do País”, explica ele.

Para Bassanezi, um grande passo já foi dado com a obrigatoriedade da produção de mudas cítricas em ambiente protegido no Estado de São Paulo, usando material genético de qualidade e livre de doenças. “Seria muito importante que outros Estados também adotassem esta prática”, sugere. Ele acredita que as pesquisas caminham para o melhoramento genético, pela busca de novas variedades e porta-enxertos que sejam resistentes às doenças, além de muito produtivos. “Este é nosso maior desafio!”

O papel do produtor — O agricultor pode e deve utilizar os avanços da tecnologia no combate às moléstias, mas os cientistas alertam: a prevenção ainda é o melhor remédio, mais efici-

ente e barato. “Para isso é imprescindível estar bem informado e atento ao seu pomar”, aconselha o pesquisador do Fundecitrus. Cuidados básicos como adquirir mudas sadias, de viveiros registrados, e controlar entrada de pessoas, veículos ou animais na propriedade, implantando, inclusive, cercas vivas, fazem a diferença. A instalação de bins (barreiras físicas) também auxilia nesse sentido, pois diminui o trânsito de caminhões.

É recomendado utilizar quebra-ventos, pois o plantio de árvores de grande porte nas fronteiras diminui a ação do vento e da poeira sobre o pomar e dificulta a entrada ou a disseminação da bactéria e outras pragas e doenças. Os quebra-ventos protegem uma distância de oito a dez vezes maior que sua altura. O pomar tem de estar em boas condições de nutrição e sanidade. Plantas debilitadas e doentes são infectadas mais facilmente. É imprescindível fazer a desinfestação e retirada de restos de material vegetal dos veículos, máquinas, materiais de colheita e outros equipamentos, antes de adentrar a propriedade.

“E, em se tratando de pragas o importante é que o produtor realize uma inspeção geral e só faça o controle químico se as pragas estiverem em um nível que justifique. Esse nível pode ser identificado por um engenheiro



Divulgação

Nascimento, da Embrapa, diz que estudos sobre doenças estão avançados no Brasil



Divulgação

Bassanezi, da Fundecitrus: setor consegue rapidamente investigar e enfrentar novas doenças

DOENÇAS: PREVE

**Greening**

Surgida há pouco tempo no Brasil, o greening tem preocupado produtores e mobilizado cientistas na busca por um controle eficaz. É uma doença difícil de deter e está atingindo severamente a produção de citros na Ásia e na África. Os primeiros sintomas foram identificados nos pomares do município paulista de Araraquara, em março de 2004. Outras 46 cidades do Estado já manifestaram infecção pelo greening.

Quando surgem os indícios a planta já está completamente contaminada, pois ela tem um ciclo de seis meses a um ano para se desenvolver e não apresenta sintomas antes disso. Por isso a árvore pode parecer sadia, mesmo já infectada. A bactéria se aloja em seus vasos internos, atacando o floema, tecido vascular responsável pela distribuição do açúcar produzido pela planta. Assim, o fruto se desenvolve de maneira desigual, uma parte cresce, a outra não, tornando-se inviável o seu consumo.

Calcular quando ela começa a se espalhar e em que temperatura este processo ocorre de forma mais veloz é um passo importante para identificar o tempo que a planta leva para desenvolver os sintomas. Não há cura para o greening, por isso, é necessário que o citricultor tome as rédeas da situação rapidamente, por meio de inspeções constantes – pelo menos quatro por ano – e eliminação da planta afetada, assim que surgirem os primeiros sinais, para evitar a contaminação do restante do pomar. Não adianta podar somente os ramos. Controlar o inseto transmissor também é indispensável. A eliminação de plantas com sintomas de greening e cancro é obrigatória por Lei Federal e Estadual.

**MSC**

A morte súbita dos citros (MSC), de causa ainda desconhecida, atinge todas as plantas enxertadas em limão cravo e volkameriano. No que tange a prevenção, deve-se evitar o trânsito de material propagativo (borbulhas e mudas) para fora das áreas contaminadas. Nas regiões já afetadas é preciso fazer sub-enxertias das árvores em limão cravo com porta-enxertos de tangerina cleópatra ou sunki. Usar dois sub-enxertos por árvore doente. Como valência e natal sobre limão cravo são mais suscetíveis, o sub-enxerto deve ser feito o mais cedo possível, antes das árvores serem afetadas.

**Cancro cítrico**

Como não existe método curativo para a doença, a única forma de eliminá-la é por erradicação do material contaminado. Isso reforça a necessidade das medidas de prevenção, tais como, dar preferência a material próprio de colheita: escadas, caixas, sacolas e sacos-caixa. Se tiver de usar material vindo de fora, fazer antes a desinfestação com amônia quaternária. É preciso pulverizar muito bem as escadas com essa solução, além de mergulhar caixas e sacolas, e comunicar a Secretaria de Agricultura ao encontrar material suspeito.

agrônomo”, adverte Fernando Azevedo, do Centro APTA Citros Sylvio Moreira/Instituto Agronômico (IAC). Ele destaca as pragas as quais o produtor tem de estar mais atento: ácaro da leprose, ácaro da ferrugem,

ortézia, mosca-das-frutas, bicho furão, larva minadora, cigarrinha, psilídeo, ácaro branco, besouro de raiz, cochonilha e pulgão.

Olho na dosagem — “De um modo geral existem práticas cultu-

rais que favorecem o equilíbrio no agroecossistema do pomar cítrico”, orienta Nascimento, pesquisador da Embrapa Fruticultura. Suas dicas são as seguintes: a redução do uso da grade, o manejo adequado do

NÇÃO E CONTROLE



Leprose

A doença é causada pelo vírus da leprose dos citros e é transmitida por ácaros *Brevipalpus phoenicis*, sendo endêmica no Estado de São Paulo. Os frutos temporões caídos e com sintomas tem de ser retirados. No inverno, é preciso fazer a poda e limpeza dos ramos afetados. Além da colheita antecipada e retirada de todos os frutos da planta na época da colheita. Não pode haver frutos remanescentes, visto que é a parte preferida para a multiplicação do ácaro. O citricultor precisa deter a verrugose e o ataque do minador do citros, uma vez que as lesões servem de abrigo ao ácaro. Também é tarefa imprescindível eliminar as plantas daninhas, hospedeiras do ácaro. A inspeção do microorganismo no pomar deve ser feita a cada 7 ou 15 dias, em pelo menos 1% das plantas de cada talhão. Quando 5% a 10% dos frutos ou ramos examinados apresentam um ou mais ácaros deve ser aplicado o acaricida. Mas recomenda-se evitar o uso de um mesmo princípio ativo e classe química nas pulverizações, para que não surjam ácaros resistentes ao acaricida empregado.



Pinta preta

A pinta preta tem maior relevância nas regiões Sul e Centro de São Paulo e é ocasionada pelo fungo *Guignardia citricarpa*, sendo uma doença limitante para a exportação de frutas frescas. Para conter o avanço, os frutos temporões infectados devem ser removidos antes do início da florada. Recomendam-se as práticas que formam cobertura morta sob a copa das plantas (herbicidas pós-emergentes e roçadeiras), que dificultam a liberação dos esporos formados nas folhas em decomposição. E também irrigar o pomar no inverno, no período seco, para evitar a queda excessiva das folhas. A desfolha da planta agrava o nível da doença, aumentando a fonte de inóculo do fungo (ascósporos). A pulverização das folhas caídas precisa ser feita com uréia, que abrevia a sua decomposição, reduzindo a produção de ascósporos. O controle químico, assim como o manejo do pomar, deve levar em conta as seguintes condições: histórico da doença na propriedade; clima; desenvolvimento da planta; destino da produção (mercado ou indústria); estado nutricional e sanidade do pomar. Uma forma de racionalizar o uso de fungicidas é conciliar o controle químico da pinta preta com o de outras doenças fúngicas.



CVC

Doença transmitida pela cigarrinha. Existe em todas as regiões de São Paulo, mas é mais intensa no Norte, Noroeste e Centro. O primeiro passo para conter a moléstia é a poda de ramos com sintomas iniciais em plantas com mais de dois anos e a erradicação de plantas abaixo dessa idade. O controle químico de cigarrinhas deve ser feito quando for constatado que 10% das plantas de um talhão possuem o inseto, independente da espécie. É necessário fazer o controle até as plantas atingirem seis anos, além de monitoramentos e pulverizações periódicas em talhões velhos, que fiquem perto dos novos. A mesma recomendação vale para locais próximos a matas naturais e baixadas. O uso indiscriminado de produtos químicos elimina os inimigos naturais, que sozinhos controlam 40% da população de cigarrinhas. O exagero na utilização deles pode também causar surtos de pragas secundárias.

mato e o uso de leguminosas nas entrelinhas do pomar são práticas que devem ser adotadas, pois elas contribuem para a reprodução e manutenção de inimigos naturais; reduzir o efeito prejudicial da poeira sobre

as plantas e insetos úteis e evitar o corte de raízes e, conseqüentemente, a infecção pela gomose ou podridão do pé. “A pulverização com defensivos em todo o pomar tem de ser evitada. Dessa forma, o citricultor

estará dando chance aos inimigos naturais (insetos, ácaros e fungos benéficos) de se estabelecerem no pomar, contribuindo assim para o equilíbrio entre insetos-praga e insetos benéficos”. ■

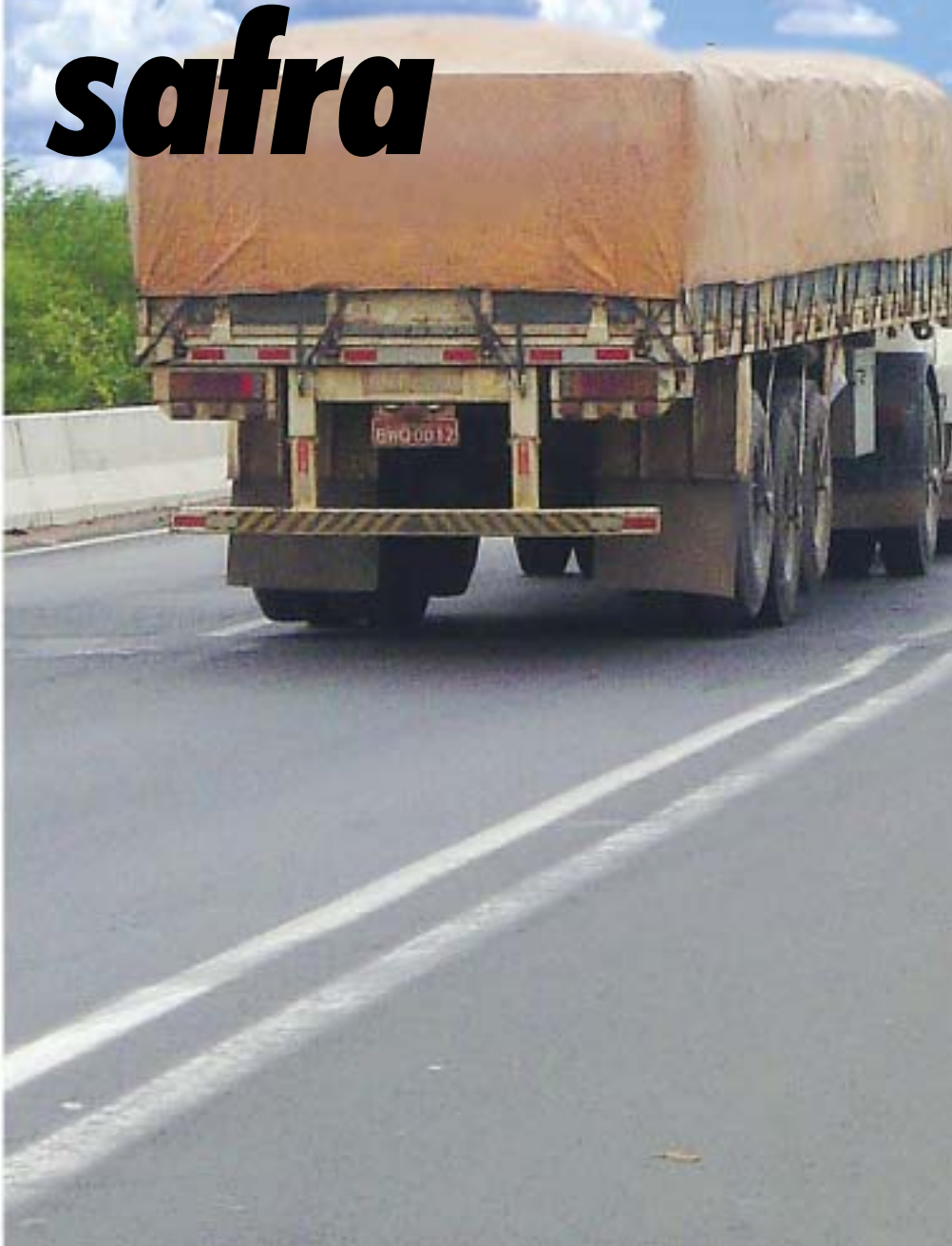
*As principais montadoras
de caminhões se
mobilizaram para
oferecer modelos
modernos e versáteis
para transportar a safra
de grãos que deixa as
lavouras*

Adriana Ferreira

Boa parte da safra de grãos que começa a ser colhida vai rodar em carroçarias bem antigas. Dados do Registro Nacional do Transportador Rodoviário de Cargas (RN-TRC), da Agência Nacional do Transporte Terrestre (ANTT) demonstram que a idade média da frota nacional de caminhões é de 16,8 anos. O elevado tempo de vida da frota dos transportadores autônomos (20,8 anos) ajuda a compor esse número. Mas não estão incluídos no cálculo os reboques e semi-reboques, que também têm idade média avançada, nem os utilitários e os veículos de apoio. Na opinião de Neuto Gonçalves dos Reis, chefe do Departamento de Custos Operacionais, Estudos Técnicos e Econômicos da NTC&Logística, a frota brasileira de caminhões é obsoleta, insegura e altamente poluente. “Como os veículos são velhos, consomem mais combustíveis, têm maiores custos de manutenção e reduzida produtividade, pois apresentam baixa potência e ficam tempo demais parados nas oficinas”, afirma.

Acesso ao crédito para compra de veículos novos é uma das soluções apontadas, mas não a única, conforme explica o especialista. “É preciso criar regras que induzam o sucateamento dos veículos muito antigos (com mais de 25 anos), seja pela elevação do imposto de propriedade, seja através de incentivos e linhas especiais de financiamento de veículos novos ou seminovos, a exemplo de programas existen-

Os CAMINHÕES da nova safra





tes em outros países”. E emenda: “Além disso, é indispensável aprovar, no plano federal, com validade em todo o território nacional e no Mercosul, a inspeção de segurança veicular e de emissão de gases, bem como, inicialmente, estabelecer idade máxima para caminhões operarem em rotas interestaduais, ampliando paulatinamente tal limitação a todas as estradas”.

No que diz respeito ao aumento da produtividade, o consultor informa que as tradicionais configurações de 45 toneladas serão substituídas por composições mais pesadas. “Esta tendência tornou-se irreversível após a edição da Resolução Contran nº 210, de 13 de novembro de 2006, que elevou o limite de peso bruto de 45t para 57t extinguiu definitivamente a necessidade de Autorização Especial de Trânsito para bitrens e liberou a utilização das “Vanderléias” (semi-reboques que utilizam eixos distanciados) de até 53t”, explica ele.

Além de uma frota nova, mais veloz e com maior capacidade de carga, para assegurar um bom transporte de safra é preciso melhorar as condições das estradas. Só assim é possível atingir os objetivos de maior rapidez, segurança e menor custo. Mas é justamente esse o maior gargalo dos transportes nacionais. Segundo a última “Pesquisa Rodoviária” da Confederação Nacional do Transporte (CNT), do ano em curso, 75% das rodovias deixam a desejar, pois se encontram em estado geral regular, ruim ou péssimo. Contribuem para esta situação calamitosa não apenas o mau estado dos pavimentos (54,4% deixam a desejar), mas as deficiências de sinalização (70,3% estão neste caso) e principalmente da geometria (78,4%).

“Estima-se que cerca de R\$ 20 bilhões seriam suficientes para recuperar todas as rodovias pavimentadas. Isso é menos do que custam os acidentes de trânsito ou do que o custo adicional gerado pelo mau estado das rodovias em apenas um ano”, conta o chefe de operações da NTC. “Ou seja, fazer o que precisa ser feito é muito mais barato do que deixar de fazer. Especialmente porque, após a instituição da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico), a falta de recursos não mais pode servir de pretext-

Scania: montadora complementa sua linha de caminhões pesados “fora-de-estrada” para setores florestal e canavieiro



Iveco: empresa lança no mercado brasileiro o EuroCargo 450E32T Cavallino, para 43 toneladas de Peso Bruto Total combinado



to para a omissão oficial. E há ainda as alternativas das concessões e das parcerias público-privadas, que não podem ser esquecidas”, salienta o executivo da NTC.

Sobre os canais de financiamento para a renovação de frotas também há muitos obstáculos a serem vencidos. A opção de crédito oferecida atualmente pelo governo, com taxa fixa de 13% ao ano (6,5% de TJLP, 1,5% de spread do BNDES e 5,5% de spread do agente financeiro) apresenta melhoras em relação às anteriores, mas há que se aprimorar. “Há o problema dos fretes aviltados, que não permitem ao carreteiro arcar com as elevadas prestações na compra de um veículo novo. Outro entrave é que, embora o financiamento possa incluir o seguro do bem e um seguro da vida do próprio comprador, continuam sendo exigidas garantias reais, como aval, fiança, penhor ou hipoteca, o que também dificulta o financiamento”, relata Reis.

Para o chefe de operações da NTC, essas e outras questões só podem ser solucionadas por meio de uma regulamentação que exija autorização oficial para o exercício da atividade, estabelecendo as condições mínimas para o ingresso de novos operadores, tal como já ocorre no setor de táxis. Os novos modelos de caminhões lançados no Brasil escapam das críticas do especialista em logística. “De modo geral, o País está bem servido em matéria de caminhões novos, pois geralmente não há defasagem entre seus lançamentos na

Europa e no Brasil. A existência de bons caminhões, definitivamente, não é problema para o setor de transportes. Se existem diferenças, elas se limitam às maiores exigências européias quanto à segurança (freios ABS, por exemplo) e à defasagem na aplicação das normas de emissão”, resume.

A seguir, os principais fabricantes apresentam os lançamentos que vão transportar a safra atual:

Ford — Dentro da linha Cargo 2006 da Ford destacam-se dois modelos, o Cargo 5032e 6x4 e o Cargo 4432e MaxTon. O primeiro foi desenvolvido a partir do modelo C-5031 6x4, sendo o caminhão ideal para aplicações voltadas ao transporte de cana e madeira. Graças à sua capacidade de tração de 50 toneladas, ao motor eletrônico Cummins ISC de 319 cv e à transmissão Eaton de 10 velocidades, ele permite transportar com eficiência cargas altamente densas e volumosas em terrenos de difícil acesso. No Cargo 4432e MaxTon o cavaleme-cânico Ford MaxTon 2006 foi aperfeiçoado com o novo motor Cummins ISC, de 8,3 litros e 24 válvulas (4 por cilindro), de 319 cv. Ele dispõe de mais torque e maior capacidade

de rampa, que melhoram a dirigibilidade e garantem a performance em percursos rodoviários, além de nível reduzido de ruídos. É Ideal para o transporte de carga utilizando carreta de três eixos em viagens de entrega de média distância.

Randon — A Randon agregou inovações às linhas de produto. As mudanças alcançam todas as alternativas de equipamentos para o transporte de carga. O Granelero Randon Brasilis, por exemplo, lançado em 2005 com a tecnologia Ecoplate, traz agora laterais de 0,80 x 1m, apropriadas para o transporte de farelo de soja, entre outras aplicações, já que oferece a possibilidade de otimizar o volume de carga nestas dimensões. Outra novidade é o conceito do Balancim Lub-Free que elimina o único ponto da suspensão que necessitava de lubrificação. Além da isenção de lubrificação, o conceito de bucha Silent-Block oferece maior durabilidade, menor índice de ruídos e maior facilidade de manutenção. No bitrem e tritrem florestal intercambiáveis, destinados ao transporte de toras reflorestadas, o bitrem intercambiável ganha facilmente a configuração de tritrem em rodovias onde essa composição é permitida com a simples colocação do semi-reboque intermediário.

Scania — Preocupada em dar uma resposta ao aumento na movimentação de carga em setores como a exploração florestal e canavieira, a Scania complementa sua linha de caminhões pesados “fora-de-estrada” com a introdu-

ção do P 310 6x4, indicado para o peso bruto total (PBT) de até 28,5 toneladas. “São veículos que não transportam tanta carga,



Ford: Dentro da linha Cargo 2006 destacam-se dois modelos, o Cargo 5032e 6x4 e o Cargo 4432e MaxTon

mas trafegam igualmente em topografias acentuadas”, explica Roberto Leoncini, gerente executivo de Vendas de Caminhões da Scania. O novo veículo possui motor de 9 litros, com 310 cavalos de potência e torque de 1.550 Nm entre 1.100 e 1.300 rpm, o maior de sua categoria. Além da capacidade de 28,5 toneladas de carga, o caminhão pode tracionar configurações do tipo “Romeu e Julieta”, que superam 50 toneladas, graças à suspensão traseira por molas trapezoidais, dois eixos de tração e chassi reforçado.

Agrale — A principal novidade nos lançamentos 2007 da Agrale é que todos os modelos de caminhões e ônibus já estão preparados para utilizar o biodiesel B5 (diesel com adição de 5% de biodiesel), antecipando-se assim em seis anos às futuras normas nacionais. Essa linha recebeu ainda importantes avanços técnicos. Todos os modelos serão equipados com um novo sistema de embreagem de acionamento, mais suave, proporciona o aumento da vida útil e a redução de manutenção. Todos os modelos 2007 passam a ter novo filtro secador do ar do sistema pneumático que impede a entrada de umidade no circuito, elevando a vida útil do conjunto, além de proporcionar maior segurança na frenagem.

Iveco — A Iveco lança no mercado brasileiro o EuroCargo 450E32T Cavallino, para 43 toneladas de Peso Bruto Total Combinado (PBTC). Com o EuroCargo Cavallino, a empresa introduz no País o motor Iveco Cursor 8, um dos mais modernos motores diesel do mundo. Produzido em Sete Lagoas/MG, juntamente com o caminhão, este motor pertence à mesma família do Cursor 13, que equipa o pesado Iveco Stralis. O projeto do EuroCargo 450E32T, desenvolvido especificamente para os mercados brasileiro e da América do Sul, foi batizado como Cavallino pelo fato de ser ele um cavalo mecânico para a faixa de entrada

no segmento dos pesados. Ele utiliza cabina e motor Iveco, sendo portanto um caminhão com o “DNA” da marca, o que justifica o slogan de toda a campanha publicitária da empresa a partir do lançamento: “um verdadeiro puro sangue”.

Volvo — A nova linha de caminhões pesados FH e FM da Volvo promete performance total. Os produtos trazem um novo e avançado motor de 13 litros, uma nova caixa de transmissão eletrônica I-Shift com capacidade para até 60 toneladas, freio motor VEB 410 e VEB 500, os mais potentes do mercado, novos bancos e cama para o motorista, melhorias internas na cabine, suspensão a ar e freios a disco com EBS para alguns modelos e, para uma das versões do FM, uma cabine 15 centímetros mais longa. Com mais faixas de potência, maior torque e menor consumo de combustível, o novo motor é moderno, avançado e econômico e equipará toda a linha “H” de veículos Volvo. “Estudos da engenharia da Volvo indicam que os novos caminhões são até 5% mais econômicos em relação à linha anterior”, destaca Sérgio Gomes, gerente de planejamento estratégico da Volvo.

Mercedes-Benz — Tradicional no segmento extrapesado, a Mer-



Mercedes-Benz: tradicional no segmento extrapesado, a empresa oferece ao mercado o modelo 6x2 Axor 2540

cedes-Benz traz o modelo 6x2 Axor 2540. Além dos atributos já conhecidos da marca, ele agrega mais valor em termos de componentes e de desempenho. O 2540 6x2 é indicado para transporte de cargas frigoríficas, produtos químicos, GLP, combustíveis, cereais, entre outros. Também é utilizado no transporte realizado com bitrens. O cavalo-mecânico 6x2 é equipado com o motor OM 457 LA de 401 cavalos. Já o cavalo-mecânico Axor 2640 6x4 para aplicações é indicado para multicomposições como rodotrem e bitrem, utilizados no transporte de grandes volumes e cargas de alto peso específico. A capacidade máxima de tração (CMT) desse modelo Axor é de 80 toneladas. ■



Volvo: pelas características, nova linha de caminhões pesados modelos FH e FM da empresa promete performance total



Agrale: principal novidade nos lançamentos da marca é que todos os modelos estão preparados para utilizar o biodiesel B5



Divulgação

Mirem-se no **EXEMPLO** dos agricultores de Jaíba

Leandro Mariani Mittmann
leandro@agranja.com

Agricultores, principalmente familiares, do norte de Minas Gerais, no Vale do Jaíba, oferecem um exemplo simples e certo que poderia muito bem ser seguido por pequenos de outras regiões do País, independente do que produzem. A união na hora de vender, o que manda para bem longe a nociva figura do atravessador. Com organização e profissionalismo, alguns deles, os integrantes da Associação dos Produ-

tores de Limão do Jaíba (Aslim), já chegaram inclusive ao mercado europeu com o limão tahiti. Além de atender o mercado interno, afinal uma das especialidades do tahiti é compor a brasileiríssima caipirinha. O Projeto Jaíba, assentado numa área irrigada pelo Rio São Francisco de 66 mil hectares, é integrado por quase 1.900 agricultores, que produzem frutas das mais diversas, de banana a pinha. A área plantada com limão tahiti

chega a 336 hectares, com 200 mil árvores em produção. As propriedades variam de cinco a 50 hectares.

Os produtores de limão tahiti se juntaram há dois anos. Desde à época, a quantidade de limão processado aumentou quase dez vezes, o mesmo incremento dos números da exportação. Em 2004 a comercialização com os europeus foi de aproximadamente 152 mil quilos, e no ano passado chegou 1,2 milhão de

quilos embarcados para o exterior. Como mais recente vitória, o limão tahiti recebeu a certificação Eurepgap, um passaporte muito quente para o mercado europeu. Segundo o técnico do Sebrae Jadilson Borges, para chegar à certificação os produtores tiveram que atender a várias normas e procedimentos, principalmente de controle ambiental e de qualidade do limão. “Tivemos que desenvolver manual de normas e procedimentos de colheita, pós-colheita, adequação da estrutura física para armazenagem, processamento e embalagem do produto. Cuidados com a higiene e atenção ao trabalhador são fundamentais”, destaca Borges.

A Aslim surgiu em agosto de 2004, e reúne hoje 15 associados e

87 fornecedores, num total de 102 envolvidos no processo de venda por associativismo. Dos 15 associados, quatro são pequenos produtores e 11 são de médio porte. No caso dos fornecedores, a maioria, 65, é formada por pequenos produtores, que passaram a receber remuneração mais justa pelo produto do suor do trabalho. “O pessoal reclamava muito dos atravessadores”, comenta Borges. “Antes cada um vendia para um atravessador. Hoje, eles vendem diretamente para poder lucrar”, descreve. A rentabilidade deles é de 20%. “O que ele (agricultor) iria passar para o atravessador, agora ele ganha”, deduz. Segundo ele, a venda simultânea para os mercados interno e externo reforça a rentabilidade,

pois um dos destinos garante a lucratividade quando o outro está em baixa.

O preço no mercado interno melhorou nos últimos dois anos. Em 2004, o produtor recebia, em média, R\$ 0,52 pelo quilo do limão tahiti, mas no ano passado chegou a R\$ 0,56 no caso da exportação. Em 2004 o quilo da fruta era de R\$ 0,99, que caiu no ano seguinte para R\$ 0,56, por duas razões: a desvalorização do real junto ao dólar e porque em 2004 a atuação no mercado internacional iniciou-se em setembro, período de entressafra, quando os preços tendem a se elevar. Mas no ano passado o preço atingiu um equilíbrio, sendo pagos aos produtores R\$ 0,86 por quilo, R\$ 0,30 superior ao preço pago pelo mercado interno. “É o retorno que eles começam a perceber depois de muita luta, dedicação e investimentos. Eles tiveram que investir no plantio e na propriedade para se encaixarem nas regras. Ao mesmo tempo, descobriram como é importante trabalharem juntos”, afirma Borges.

O produtor e gerente comercial da Aslim, o piauiense Reginaldo Nunes Saraiva, chegou no Jaíba há 11 anos e conseguiu dois hectares de terra para recomeçar a vida. Apos-tou muito do seu trabalho na associação e hoje já tem 13 hectares de terra em produção, média de 44 toneladas por hectare/ano. “A profissionalização dos produtores ajudou a eles e a toda a região. A geração de emprego é grande e ajuda muita família que antes ficava meses sem ter onde trabalhar, ou tinha até que sair daqui para trabalhar em colheitas de outros Estados”, conta. Os carregamentos de limão que seguem para a Europa saem do porto de Salvador diretamente para o porto de Roterdã, de onde é distribuído para Inglaterra, Alemanha, Suíça, França, entre outros.

A intermediação da Aslim com os europeus é feita por uma *trade* em São Paulo. No mercado interno, os principais compradores são Minas Gerais, Brasília, Rio de Janeiro, Alagoas e Pernambuco. No ano passado a Aslim negociou 6 mil toneladas. ■

Sempre em busca de alternativas

Os agricultores de Jaíba vêm na comercialização associativa a redenção do negócio deles. Para facilitar a venda para os grandes centros, a Central de Associações de Produtores Rurais do Projeto Jaíba (CentralJai) passará a cuidar da comercialização. Na região estão instaladas cerca de 20 associações de agricultores familiares atuantes, que reúnem cerca de 1,6 mil pessoas.

Outra alternativa é a venda para a Conab. Nesse caso, a Emater visita as propriedades para prever o volume das safras e elabora projetos para venda de acordo com a expectativa de produção. Já para um grupo de 35 produtores de banana, goiaba e limão, a alternativa foi a criação de uma fábrica de doces. A Cooperativa dos Pequenos Produtores Rurais do Projeto Jaíba tem uma pequena fábrica e começaram a produzir em 1998. “Hoje fazemos cerca de 130 kg de doce de banana por dia”, conta a coordenadora da fábrica Cidélia da Anunciação.



Luiz Moraes

CORPORATIVISMO **bobo**

Ex-presidente do Incra, o agrônomo Xico Graziano não deve ser confundido com seu primo José Graziano, ex-ministro de Lula. Xico é lúcido, inteligente, informado e escreve muitíssimo bem sobre assuntos ligados ao campo; seu primo é o Zé que todos conhecemos.

Xico Graziano publicou artigo nos jornais, no final de 2006, comentando a atuação dos advogadecos que vivem de instigar os trabalhadores rurais contra seus patrões. Fico muito à vontade para tratar do assunto porque fui empregador rural, de 1955 até outro dia, e nunca fui levado à Justiça pelos empregados. Mas vi cada injustiça de horrorizar, como por exemplo: dois carvoeiros moraram numa fazenda fluminense, durante seis meses, produzindo carvão a meias. Depois, conseguiram “provar” que passaram vários anos trabalhando na fazenda, como empregados sem carteira assinada – eles e suas mulheres e filhos, além dos cunhados que moravam noutros Estados. Resultado: a fazendinha, que podia valer US\$ 150 mil, foi condenada a pagar mais de US\$ 200 mil aos pilantras, pelas artes e manhas de um advogado espertíssimo.

Por essas e outras, enquanto as favelas se multiplicam feito bactérias em leite a 40° C, as áreas rurais do Estado de São Paulo têm mais de 230 mil casas vazias. Mesmo que você empreste uma dessas casas em comodato, sem qualquer vínculo empregatício com a família comodatária, amanhã ou depois, graças a um advogado esperto, a fazenda pode ser condenada a pagar uma fortuna. Em São Paulo, terra dos primos Grazianos, tais advogados são chamados de *paqueiros*.

Nos muitos anos em que fui empregador rural, devo admitir que só raramente pedi recibo daquilo que pagava aos compadres. Sei que estava errado e que a prudência recomenda que se peguem recibos até daquilo que

não foi pago. Um contador amigo meu, muito organizado, tinha escrita perfeita e todos os recibos. Quando o empregado não sabia assinar, o que hoje é comum até nos altos cargos da República, plantava o dedão no recibo. Sabe o leitor qual foi a exigência do juizeco? Peritagem das impressões digitais! E tem mais uma coisa: não aceitou os recibos dos dias em que, com as mãos ainda sujas do honesto trabalho rural, as impressões digitais ficaram “ilegíveis”.

Nas bacias leiteiras, as relações empregado/empregador são mais de compadrio, de vizinhança, do que da “escravização” de que nos falam certos repórteres, hoje e sempre a serviço da luta de classes. Durante anos tive um retireiro sem carteira assinada. Motivo: não tinha carteira de trabalho, carteira de identidade, certidão de nascimento ou casamento – o compadre existia fisicamente, tirava leite e tinha uma porção de filhos, mas não era documentado. Acabou tirando os documentos, sem que sua vida mudasse grande coisa.

O fenômeno paqueiro existe entre os advogados, como existem jornalistas-marrons, médicos incompetentes, engenheiros idiotas, deputados ladrões, juizes corruptos: existem e sempre existiram, sem que por isso toda uma categoria profissional seja manchada.

O texto de Xico Graziano era transparente, citando nomes e locais, o que não impediu que um advogado, terceiro suplente de um sindicato, tomasse a defesa de todos os advogados brasileiros. Com sua intromissão, o defensor da classe acabou caindo no ridículo, sobretudo nestes dias em que, a três por dois, advogadecos de terceira classe têm sido pilhados nas mais abjetas situa-

ções, a serviço do tráfico de entorpecentes e do crime organizado.

Em princípio, desconfio dos profissionais que se candidatam à direção de certos órgãos de classe, pelo seguinte: os realmente bons, competentes e trabalhadores não têm tempo a perder com sindicatos, associações, ordens, conselhos regionais, conselhos federais, etc. Sobra, então, para os incompetentes, que desejam aparecer e mostrar que existem, ainda que através dos órgãos de classe.

Sou especialista em sofrer ataques verbais e escritos de idiotas que se consideram ofendidos por ofensas que não lhes fiz. Escrevem ofícios furiosos e instigam outros dirigentes, de outros conselhos da mesma categoria profissional, para que também mandem ofícios furibundos para os veículos em que trabalho.

E o pior é que essas briguinhas me divertem à beça. Ainda agora, os profissionais de determinada especialidade médica, conhecida pelo trinômio – 1. não é chamada de noite; 2. não assina atestado de óbito; 3. não cura – andam afinzões de me pegar. Eles próprios não sabem quantos são: 2.000, 3.000 ou 5.000, ao me ameaçar com todas as chamas do inferno.

Admitamos que sejam 2.000: deles, uns 80 desocupados, formados em faculdades de araque, escreveram cartas furiosas; os outros 1.920 estão trabalhando e não têm tempo a perder escrevendo para os jornais, cartas em que dizem mais ou menos o seguinte: “um jornalista *houve* uma notícia”. Assim mesmo: verbo ouvir com agá. Donde se conclui que, além de bobos, são analfabetos de pai e mãe. E dirigem órgãos de classe. ■

Nos muitos anos em que fui empregador rural, devo admitir que só raramente pedi recibo daquilo que pagava aos compadres. Sei que estava errado e que a prudência recomenda que se peguem recibos até daquilo que não foi pago

ANÚNCIO



A Granja

ESTRELA da safra

Depois de anos com preços irrisórios, o milho se converteu na estrela desta safra. Somente a atitude do governo pode colocar sombras sobre o brilhante presente desta cultura. Isso porque, o governo do presidente Nes-

tor Kirchner formalizou acordos com os produtores de frangos e suínos para manter os preços ao consumidor dentro de certos valores, e a alta internacional do produto conspiram contra esses convênios.

GRÃOS: outra colheita recorde

As primeiras projeções privadas para a safra 2006/2007 apontam para um total de 85,2 milhões de toneladas. Se essas previsões forem confirmadas, será um novo recorde produtivo, gerado por um volume de grãos 11% superior ao obtido um ano antes e 0,5% maior que no período 2004/2005. Claro que ainda falta a opinião do clima, um ator decisivo a partir de agora até abril deste ano. O que está confirmada é a área plantada: 29 milhões de hectares, também um recorde. Quanto ao volume produtivo, a maior elevação deve se concentrar nos cereais, com um incremento próximo a 20% a partir de um aumento na colheita de 6,4 milhões de toneladas. Com as oleaginosas, se espera também um aumento da colheita a partir das maiores superfícies semeadas com soja – que alcançaram um novo recorde, amendoim e girassol.

Cadeia TRITÍCOLA

As duas entidades que agrupam os produtores de ponta do país, a Associação Argentina de Consórcios Regionais de Experimentação Agrícola (AACREA) e a Associação Argentina de Produtores em Plantio Direto (AAPRE-

SID), impulsionam a formação de uma nova organização que reúna todos os elos da cadeia do trigo, onde estejam representados os setores produtivos, comerciais, industriais, desenvolvimento e serviços, com uma visão de

Trigo

Praticamente toda a área plantada com o cereal foi colhida. Calcula-se que a produção ficará em torno de 13,8 milhões de toneladas. Os rendimentos médios devem ficar em torno de 2.600 quilos por hectare.

Soja

Em torno de 96% da área prevista para a oleaginosa já foi semeada. A estimativa é de que o plantio alcance 16,1 milhões de hectares. A produção deve ficar entre 44 milhões e 45 milhões de toneladas.

JUNTOS

Os produtores de leite e a indústria conseguiram limar as diferenças que os distanciavam. É que enquanto esta última consegue capturar os atraentes preços internacionais, os produtores, compelidos pelo controle de preços do governo, deviam conformar-se com os mais modestos valores internos. Compreendendo que a situação poderia criar maiores problemas, a indústria aceitou que parte do montante proveniente das exportações seja destinada a melhorar o preço ao produtor mediante um mix que se definirá através da gestão de uma auditoria externa e independente de ambas partes. Este mecanismo determinaria que os maiores preços recebidos pelos produtores não representarão os valores da gôndola.

longo prazo. Esta iniciativa procura gerar e agregar valor sustentável para a cadeia do trigo e para a sociedade. Entre os objetivos estratégicos estão os seguintes: o desenvolvimento e a inovação científico-tecnológica, reconhecendo a propriedade intelectual; a transparência dos mercados; a formalidade nas transações comerciais; o aumento e diversificação de mercado, identificando as necessidades da demanda para melhorar o posicionamento do trigo argentino no mundo; a produtividade, sanidade, qualidade do cultivo e o máximo cuidado com o meio ambiente; e a incorporação do trigo na rotação de cultivos para a sustentabilidade do sistema produtivo.



Paulo Kurtz/Embrapa Trigo

Aspectos **ECONÔMICOS** do Sistema de Plantio Direto

Rafael Fuentes Llanillo, Engº Agrº, MS em Economia Agrária, rfuentes@iapar.br
Dimas Soares Júnior, Engº Agrº, MS em Administração, dimasjr@iapar.br
Sérgio Luis Carneiro, Engº Agrº, MS em Administração, slcarneiro@emater.pr.gov.br
Maria de Fátima Guimarães, Engº Agrº, Doutora em Solos, mfatima@uel.br

Agricultura de conservação é a forma de fazer agricultura, pecuária e florestas com base no manejo integrado do solo, da água e dos recursos naturais para obter a produção de forma sustentável do ponto de vista ecológico, econômico e social. É um modelo mais amigável de produzir, respeitando a natureza com vistas à preservação da vida e do planeta. Fazer agricultura de conservação requer uma visão integrada do ambiente produtivo, adotando todo um elenco de “boas práticas” a seguir sumariamente listadas:

- Plantio direto de culturas anuais
- Integração lavoura-pecuária sem degradação
- Culturas permanentes e sistemas agrosilvipastoris
- Proteção de mananciais, matas ciliares e outras áreas de proteção permanente
- Planos integrados de microba-

rias hidrográficas.

O sistema de plantio direto é o principal instrumento para diminuir o impacto negativo da agricultura intensiva provocado pelo preparo de solo das culturas anuais, gerador de erosão, compactação e de diminuição da matéria orgânica. São inegáveis os

ganhos ambientais do sistema de plantio direto quando executado com qualidade, atendendo os requisitos de sustentabilidade ecológica. Sem revolver o solo, com cobertura permanente e rotação de culturas.

Em termos de sustentabilidade social, o sistema de plantio direto apre-



Divulgação

Em termos de sustentabilidade social, o sistema de plantio direto apresenta características favoráveis em pequenas propriedades

Para as incertezas do tempo, a certeza da qualidade Agrimec.

Plaina Niveladora Multilâminas ROBUST



Um projeto pioneiro de lâminas que aplaina diretamente o solo sem necessidade de preparo prévio. Seis modelos adequados a qualquer potência de trator.

Carreta Graneleira

Força e resistência para transportar sua colheita com segurança e rapidez. Modelos com capacidade para 120, 140, 175 e 200 sacas.





Divulgação

Em plantio direto o objetivo é de manter o solo permanentemente coberto sem abrir mão da geração de renda

senta características favoráveis principalmente em pequenas propriedades, onde diminui a penosidade do trabalho ao eliminar as tarefas de preparo de solo, liberando também a força de trabalho familiar para atividades mais nobres em termos de geração de renda como a fruticultura, as hortaliças, pequenas agroindústrias, turismo rural e uma série de atividades não-agrícolas. Um exemplo coberto de êxito foi a adaptação do sistema de plantio direto à tração animal, que desde final dos anos 80 vem apresentando seus frutos, havendo hoje cerca de 500 mil hectares sob esse sistema no Brasil.

Mas é na sustentabilidade econômica do sistema de plantio direto que está o foco deste texto. Normalmente os aspectos econômicos são os que

tência Técnica e Extensão Rural (Emater/PR) e agricultores, com a colaboração de diversos parceiros.

O objetivo é a melhoria do nível de renda e de vida das famílias rurais, através do desenvolvimento tecnológico da agricultura. Uma rede é um conjunto de propriedades representativas de determinado sistema de produção que após processo de aperfeiçoamento conduzido por agricultores e técnicos serve como referência técnica e econômica para outras propriedades do mesmo sistema. Quatro sistemas de produção formam a base dos comentários: produtor familiar de grãos especializado; produtor familiar de grãos diversificado; empresário familiar de grãos especializado e empresário familiar de grãos diversificado.

mais sensibilizam os agricultores, principalmente aqueles ligados à gestão das propriedades.

Os exemplos aqui utilizados estão relacionados ao plantio direto de grãos em propriedades familiares, mas o modelo de análise pode ser utilizado também em outras situações. Estas considerações são frutos de diagnóstico, acompanhamento e intervenção em cerca de 30 propriedades familiares de grãos do norte do Paraná de um total de 300 trabalhadas pelo projeto Redes de Referências para Agricultura Familiar (Redes) em todo o Estado. É um projeto conjunto do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), Instituto Paranaense de Assis-

Foram selecionados sete aspectos considerados essenciais na gestão do sistema de plantio direto em culturas anuais, sendo que um destaque especial foi dado ao sétimo aspecto que é o monitoramento de custos, receitas e margens para o qual foi reservado um tópico final. Os sete aspectos são os seguintes:

É importante ter um mapa de caracterização da propriedade e dos recursos disponíveis — Para fazer uma gestão profissional de um negócio agrícola é preciso ter uma visão clara do potencial produtivo da área que está sendo trabalhada, conhecer o tamanho exato dos talhões, a aptidão e qualidade dos solos de cada um, uso da terra em atividades agrosilvipastoris, características e capacidade das máquinas, equipamentos e benfeitorias, e quem são as pessoas que vão operar o sistema na prática. Esse mapa deve desejavelmente ser atualizado numa base anual.

É fundamental ter informações de mercado e fazer rotação de culturas — Para adotar um esquema de rotação de culturas com flexibilidade é necessário contar com informações de mercado e diversificar as espécies e famílias de plantas na medida do possível. Nesse particular a soja e o milho são as principais culturas de verão no Sul e Sudeste. As culturas de inverno mais usuais são o trigo e o milho safrinha. Normalmente essas culturas são de rentabilidade muito variável e relativamente baixa, abrindo possibilidades para culturas alternativas de mercado como aveia branca, triticale, feijão (inverno e verão), centeio, girassol, canola ou culturas de cobertura restauradoras como aveia preta, ervilha, nabo forrageiro, solteiras ou em associação. A repetição das mesmas culturas tem condicionado o incremento e permanência de pragas e doenças que se favorecem na presença de palha.

O capital de máquinas é um aspecto crucial — Na agricultura de grãos o capital em máquinas significa em torno de 70% a 80% do capital total. O sistema de plantio direto desvincula-se dos equipamentos de preparo de solo, mas necessita de plantadora e semeadora específicas de va-

lor considerável. Normalmente as colheitas são terceirizadas, mas colheadoras próprias antigas podem fazer serviço bom e barato. O capital de máquinas gera custos fixos que podem ser de R\$ 200 a 500/ha, quando não maiores.

Os custos do preparo de solo são substituídos pelo controle de ervas daninhas que podem ser minimizados com o tempo — A adoção do plantio direto reduz o consumo de combustível e os gastos com manutenção de máquinas em aproximadamente 20% dos custos variáveis e 20% dos custos fixos, sendo esses recursos totalmente ou em parte utilizados no controle de ervas daninhas, principalmente herbicidas e sua aplicação. O plantio direto de qualidade com cobertura permanente permite minimizar tais gastos ao longo do tempo.

A reciclagem de nutrientes permite racionalizar os custos com fertilizantes — Os fertilizantes representam em torno de 20% dos custos variáveis que podem ser racionalizados em plantio direto principalmente pelo efeito da reciclagem e dos benefícios do aumento da matéria orgânica. Consulte seu agrônomo.

A necessidade de planejamento e de controle técnico e gerencial é maior — Em plantio direto o objetivo de manter o solo permanentemente coberto sem abrir

mão da geração de renda requer uma maior atenção às rotações de culturas além do manejo diferenciado de talhões que acaba exigindo maior planejamento do agricultor. O sistema de plantio direto vai mostrando suas vantagens ao longo do tempo e não permite uma atitude comodista de seguir sempre usando uma receita de bolo. Exige mais raciocínio de agricultores e técnicos para consolidação de seus benefícios.

O monitoramento de custos, receitas e margens é o aspecto mais importante — O monitoramento de custos, receitas e margens é a medida administrativa essencial ao controle de resultados de qualquer atividade econômica, sendo eficaz mesmo quando feita com simplicidade e anotações manuais. Como será descrito a seguir, procedimentos simples, como o cálculo criterioso das margens brutas obtidas, podem se constituir em importantes ferramentas para análise e tomada de decisão.

Para poder comparar as diferentes situações é necessário expressar custos, receitas e margens em relação à unidade de área, ou seja, no nosso caso, por hectare. No monitoramento de custos, os custos variáveis são fáceis de contabilizar, porque são aquelas despesas diretas, dinheiro que sai do bolso. Na produção de grãos os custos variáveis abrangem insumos, todas as operações inclusive os serviços de colheita mecanizada e

transporte, e também as despesas com mão-de-obra temporária. A renda bruta por hectare é expressa pela multiplicação da produtividade alcançada pelo preço recebido. Renda bruta menos custos variáveis é igual a margem bruta.

O monitoramento de margens brutas é relativamente simples e pode ser facilmente calculado para cada lavoura ou criação. As margens podem ser expressas em dinheiro (R\$/ha) ou produto. O cálculo de margens líquidas é mais trabalhoso, até porque os custos fixos são específicos de cada propriedade, incluindo sua estrutura administrativa.

Normalmente as maiores margens brutas são resultado de boas produções com custos intermediários. Verificando as situações com custos variáveis superiores a 32 sacas/hectare, conclui-se que gastar mais não traz os melhores resultados. Já a observação das produtividades acima de 50 sacas/hectare permite concluir que, nem sempre as maiores produtividades trazem os melhores resultados. É possível obter resultados de margens brutas acima dos 30 sacas/hectare com custos variáveis desde 16 até 28 sacas/hectare. Isso reforça que é necessário racionalizar despesas prioritariamente naqueles componentes de custo que são mais significativos. Em plantio direto de soja as operações mecanizadas mesmo sem o preparo de solo representam 20% dos custos variáveis, fertilizantes 20%, herbicidas 20%, sementes 10%, inseticidas/fungicidas 10% e colheita/transporte 8%. Nesses itens residem as maiores possibilidades de intervenção, mesmo sabendo que operações mecanizadas e colheita/transporte são menos suscetíveis a reduções.

A análise das últimas oito safras realizadas no âmbito do projeto “Redes” permite deixar como mensagem final a idéia de que é possível obter bons resultados mesmo em anos desfavoráveis, através da gestão profissional das propriedades agrícolas familiares, especialmente com relação às decisões de comercialização, à eleição correta das rotações de culturas e a racionalização dos custos de produção principalmente nos momentos de crise. ■



Divulgação

A adoção do plantio direto reduz o consumo de combustível e os gastos com manutenção de máquinas

AÇÚCAR E ÁLCOOL

Fábio Rübenich - fabio@safras.com.br

Álcool pára de subir após ameaça do governo

Com o fim da colheita de cana-de-açúcar no Centro-Sul do Brasil em novembro, os preços do álcool começaram a reagir no mercado físico. As festas de final de ano, o “apagão aéreo” e as férias escolares aumentaram ainda mais a demanda pelo combustível limpo no Brasil, induzindo o reajuste das cotações nas usinas, apesar da boa produção obtida nesta safra e dos estoques acumulados. Em Ribeirão Preto, principal praça de comercialização de São Paulo, os preços do álcool hidratado não demoraram muito para romper a barreira de R\$ 1,00/litro ainda em dezembro, fazendo aumentar os temores de que uma crise semelhante à ocorrida no início de 2006 estourasse.

A União da Indústria da Cana de Açúcar (Unica), principal entidade representativa dos usineiros, alega que os preços do álcool são livres desde a desregulamentação do setor, no final da década de 90, e assim reagem às for-

PREÇO DO AÇÚCAR NO INTERIOR DE SÃO PAULO (R\$/em sacas de 50 kg)

julho	50,17
agosto	43,52
setembro	39,05
outubro	37,51
novembro	36,38
dezembro	36,00
janeiro	37,06

ças de oferta e demanda. Segundo a Unica, o governo não pode esquecer que o álcool é o único combustível da matriz energética brasileira cujos preços são determinados pelo mercado, sendo influenciados pelos períodos de safra e entressafra da cana-de-açúcar.

Por conta da ameaça de redução no índice de mistura ou mesmo pela acomodação de mercado, devido a uma menor pressão de compra por parte das

distribuidoras, como disse a direção da Unica, o fato é que os preços do álcool pararam de subir, logo depois da determinação de monitoramento dos preços por parte do presidente Lula. Em Ribeirão Preto/SP, os preços do hidratado giram em torno de R\$ 1,03 a R\$ 1,04 o litro, com 12% de ICMS, enquanto que as cotações do anidro oscilam entre R\$ 0,92 a R\$ 0,95 em todo o Estado de São Paulo.



ALGODÃO

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

Especulação faz preço subir

O mercado interno de algodão em pluma iniciou o ano com forte especulação por parte de comerciantes e produtores. As cotações estão indicadas em patamares que oscilam de R\$ 1,39 a R\$ 1,40 à libra-peso, posto fábrica em São Paulo, para pagamento curto, na base 41-4. “Diversas indústrias que passaram o final de 2006 com estoques baixos resolveram efetuar aquisições, enquanto a oferta está concentrada e escassa em algumas titulagens e características, como o micronaire”, explica o analista de Safras & Mercado, Miguel Biegai. Mas, apesar da forte alta, não há surpresa por parte dos agentes de mercado. “Desde dezembro do ano passado, já era amplamente comentado que haveria pesada elevação dos preços no início de 2007, devido à especulação de comerciantes, aos estoques curtos e à estimativa de

MÉDIA DOS PREÇOS DO ALGODÃO EM PLUMA (R\$/@ CIF São Paulo Pgto. 8 dias)

julho	42,75
agosto	44,14
setembro	42,95
outubro	43,05
novembro	42,49
dezembro	43,65
janeiro	46,13

entressafra estendida”, frisa o analista.

No entanto, o dólar em níveis de R\$ 2,15 e as recentes baixas na Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque (NYCE) estão limitando parte da alta no mercado interno, visto que a opção de importação é real, apesar de restrita. O plantio da safra 2006/07 ainda está ocorrendo em algumas regiões do

Mato Grosso. Os produtores indicam que as condições climáticas têm sido favoráveis. “No entanto, a área plantada final pode reservar algumas surpresas, visto que houve recuo considerável nas cotações internacionais do algodão no último bimestre do ano passado, enquanto que os preços da soja apresentaram forte valorização”, adverte Biegai.



SOJA

Corte na previsão de safra americana agita mercado físico

O mercado físico brasileiro de soja se agitou com a alta acentuada em Chicago, após a divulgação do relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). O organismo indicou uma produção de 86,77 milhões de toneladas (3,188 bilhões de bushels) para a safra 2006/07 dos Estados Unidos, frente as 87,198 milhões de toneladas (3,204 bilhões de bushels) apontados no relatório de dezembro. O número ficou abaixo da expectativa do mercado. A produção brasileira de soja em 2006/07 deverá ficar em 54,874 milhões de toneladas, com acréscimo de 2,7% sobre a safra obtida em 2005/06, de 53,413 milhões de toneladas. A projeção faz parte do quarto levantamento de intenção de plantio da Conab.

Nas principais regiões produtoras os preços encerraram o dia do anúncio do relatório em elevação, mas os reportes, no entanto, seguiram limitados diante da retração na compra. Em Rondonópolis/MT, mercado em elevação, cotado a R\$ 27,00/27,20 saca contra R\$ 26,60/26,70 do dia anterior. Em Dourados/MS, a base de compra de final de dia ficou

SOJA EM CASCAVEL/PR (R\$/60 kg)

julho	26,69
agosto	26,40
setembro	27,53
outubro	30,63
novembro	31,81
dezembro	31,45
janeiro	30,31

em R\$ 29,50/saca contra R\$ 29,00 do último fechamento. Em Cascavel/PR, mercado em elevação, com a saca a R\$ 32,00 contra R\$ 31,00 do dia anterior. No Porto de Paranaguá/PR, mercado seguiu cotado a R\$ 33,70, sem alteração se comparado ao último fechamento. Em Passo Fundo/RS, a soja foi cotada a R\$ 31,50/saca contra R\$ 30,30 do dia anterior. Em Santa Rosa, mercado indicado a R\$ 31,00 contra R\$ 29,80 saca do último fechamento. No Porto de Rio Grande/RS, a indicação foi de R\$ 33,50 no transferido contra R\$ 32,00 do dia anterior.

A área está projetada em 20,666

milhões de hectares, 7% inferior aos 22,229 milhões de hectares cultivados no ano passado. Em termos de produtividade, a Conab trabalha com média de 2.655 quilos por hectare, 10,5% superior aos 2.403 quilos por hectare obtidos no ano anterior. O Mato Grosso mantém a liderança no ranking de produção nacional.

A Conab estima produção de 14,622 milhões de toneladas, com recuo de 7,9%. A área plantada no Estado deve cair 15%, para 5,007 milhões de hectares. A produtividade está estimada em 2.920 quilos por hectare, subindo 8,3% na comparação com o ano passado.



EXPOAGRO AFUBRA

A fórmula certa para o seu agronegócio.

ENTRADA FRANCA

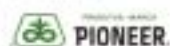


- PALESTRAS TÉCNICAS
- LAVOURAS DEMONSTRATIVAS
- DEMONSTRAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
- NOVAS TECNOLOGIAS EM PRODUTOS E SERVIÇOS
- PECUÁRIA DE LEITE E DE CORTE
- TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO FLORESTAL
- REALIZAÇÃO DE NEGÓCIOS
- CRÉDITO E FINANCIAMENTO
- SORTEIO DE PRÊMIOS
- AGROENERGIA - BIODIESEL
- SISTEMAS DE IRRIGAÇÃO

27
FEVEREIRO A 1º
MARÇO
2007

BR 471 - Km 143
Rincão Del Rey - Rio Pardo/RS
Informações: (51) 3713-7700
www.afubra.com.br

Patrocínio:



apoio:

MILHO

Vanda Araújo - vanda@safras.com.br

Mercado começa ano na expectativa da nova safra

O mercado brasileiro de milho iniciou 2007 com boa movimentação de negócios na expectativa das entregas da safra nova, com os preços seguindo praticamente estáveis em relação à última quinzena de 2006. Nem mesmo no Rio Grande do Sul, onde a oferta se torna maior a partir da segunda quinzena de janeiro com o início da colheita, os preços chegaram a cair muito. Com a realização dos leilões de estoques do governo apenas no dia 11 de janeiro, o setor ficou dependente do pouco milho disponível no mercado, o que ajudou a manter os preços firmes. Para o analista de Safras & Mercado, Paulo Molinari como a retirada do produto negociado se dará apenas a partir do dia 20, a sinalização é de que os preços permaneçam firmes até a última semana do mês.

Molinari afirma que a procura pelos primeiros lotes de milho novo será

MÉDIA DOS PREÇOS DO MILHO (R\$/saca 60 kg – Centro-Sul)

julho	13,86
agosto	14,44
setembro	17,97
outubro	17,31
novembro	18,90
dezembro	20,12
janeiro	19,60



elevada de agora em diante, seja pela qualidade, seja pela necessidade de abastecimento imediato. “Além disso, há a demanda de exportação, que necessita de milho de bom padrão e dentro dos determinados prazos de embarque. Esse fator levou alguns exportadores a antecipar negócios de forma direta com o produtor, caso do Paraná, por exemplo”, destaca. O mercado também pode ser influenci-

ado nos próximos dias pelos números da Conab para a safra 2006/07. Levantamento de janeiro mostra que a produção de milho deverá atingir 44,7 milhões de toneladas, com incremento de 7,2% sobre a safra 2005/06. O destaque fica por conta da safrinha, na qual deverão ser colhidas 10,669 milhões de toneladas, volume 8,1% superior aos 9,874 milhões de toneladas colhidas na safra passada.

CAFÉ

Lessandro Carvalho - lessandro@safras.com.br

Reco nos referenciais externos trava mercado físico

O mercado físico de café brasileiro enfrenta um mês complicado, travado e com poucos negócios. A surpreendente retração no referencial nova-iorquino que se mantém desde o início do ano está afugentando os vendedores, que esperam preços de pelo menos R\$ 300 por saca no café arábica para voltarem às mesas de negociação. Enquanto isso não acontece, as negociações continuam lentas.

Os compradores até tentam fazer algum negócio, mas esbarram na ausência tanto de produto como de vendedores. No sul de Minas Gerais, ao final da primeira quinzena de janeiro, a saca do arábica bebida boa estava indicada entre R\$ 275 a R\$ 280.

As exportações brasileiras de café (verde mais solúvel) chegaram a 27.298.060 sacas de 60 quilos em

CAFÉ: PREÇO PARA BICA CORRIDA DO SUL DE MINAS GERAIS (Bebida Boa – Tipo 6 – R\$/em saca de 60 kg)

julho	216,38
agosto	231,78
setembro	231,05
outubro	232,48
novembro	258,25
dezembro	288,30
janeiro	281,50



2006, conforme balanço divulgado pelo Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé) com uma elevação de 4,2% na comparação com o ano de 2005, quando os embarques foram de 26.187.013 sacas.

A receita total com as exportações de café em 2006 foi de US\$ 3,28 bilhões, com ganho de 12,7% sobre 2005 (US\$ 2,917 bilhões).

Segundo a Cecafé, a receita acumulada com as exportações em 2006 foi a maior dos últimos 280 anos da cafeicultura no Brasil.

As exportações brasileiras representaram 32% no total de vendas externas do mercado mundial no ano passado. Os principais compradores foram a Alemanha, seguida pelos Estados Unidos, Itália e Japão.

ARROZ

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

Mercado inicia o ano como terminou 2006: parado

O mercado brasileiro de arroz iniciou o ano de 2007 exatamente como terminou 2006: parado. De acordo com o analista de Safras & Mercado, Tiago Barata, há pouquíssima liquidez atualmente. “O comportamento dos agentes, tanto os produtores como a indústria, se caracteriza pelo excesso de cautela”, explica. Nas regiões Centro-Oeste, Sudeste, Norte e Nordeste, é escassa a disponibilidade do cereal nas mãos dos produtores. “As necessidades das indústrias estão sendo supridas com os leilões de estoques públicos”, acrescenta Barata. Já nos Estados do Sul, a situação é diferente. Alguns orizicultores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina ainda possuem estoques da safra 2005/2006, mas mesmo assim a comercialização é pouco significativa.

O volume de negócios reduzidos reflete uma série de fatores, como o

PREÇO DO ARROZ IRRIGADO EM ALEGRETE/RS (R\$/50 kg)

julho	19,92
agosto	19,68
setembro	19,32
outubro	22,56
novembro	24,79
dezembro	23,40
janeiro	22,24



pouco interesse da rede varejista em comprar e a retração dos orizicultores em vender, já que estes esperam uma valorização do arroz antes da entrada da safra nova. “A indústria também não faz grandes aquisições, pois acredita ter condições de esperar até a entrada da nova safra”, explica o analista. Para 2007, as perspectivas são mais positivas. A expectativa de redução da produção em

2,6%, um estoque de passagem 45,5% menor e a tendência de preços firmes no mercado internacional avalizam a espera de preços melhores.

Entretanto, depois de dois anos de prejuízos, a grande maioria dos produtores de arroz depende da liberação de recursos públicos para apoio à comercialização para evitar a venda no período de pico da safra.

TRIGO

Antenor Savoldi Jr. - antenor@safras.com.br

Mercado interno com pouca movimentação no início de 2007

O mercado interno de trigo no Brasil está tendo um mês bastante parado em termos de negociações. A razão para essa lentidão é a forte distância entre a pedida dos vendedores e os preços que os compradores estão dispostos a pagar. Os moinhos seguem fortemente abastecidos de trigo e com isso estão sem uma necessidade imediata de compra. Vários produtores continuam gozando esse momento de começo do ano para curtir as férias com suas famílias. Os preços permanecem inalterados, indicações entre R\$ 480 e R\$ 500 por tonelada nas regiões produtoras do Paraná. No Rio Grande do Sul, cotações FOB entre R\$ 450 e R\$ 460.

Na Argentina, os preços do trigo apresentam tendência de queda, acompanhando a desvalorização verificada nas bolsas norte-america-

MÉDIA MENSAL DO PREÇO DE TRIGO EM MARINGÁ/PR (R\$/tonelada)

julho	393,33
agosto	399,35
setembro	425,25
outubro	502,38
novembro	503,33
dezembro	487,11
janeiro	480,00



nas. A colheita do produto na Argentina segue a todo vapor, porém a demanda continua bastante parada, pois assim como por aqui, os moinhos mantêm-se abastecidos. As últimas indicações eram de US\$ 188/t em B. Blanca, US\$ 183/t UP River e Necochea a US\$ 183/t, tudo para janeiro, e preços mais altos para fevereiro. A Companhia Nacional de

Abastecimento (Conab), em seu quarto levantamento da safra 2006/07, fez poucas alterações nos números de projeção para a safra brasileira de trigo. A safra de trigo no Brasil deve ser de 2,233 milhões de toneladas. Este valor representa uma queda de 54,2% em relação à safra passada, de 4,873 milhões de toneladas.

BASF apresenta novo gerente de vendas

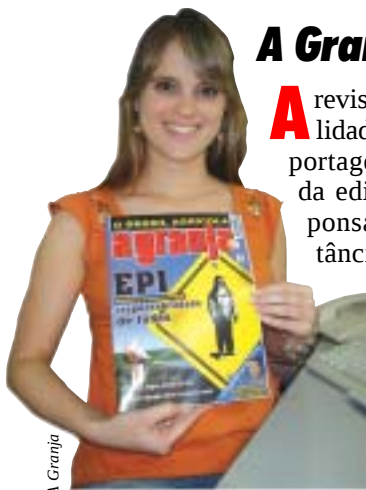
Colaborador da BASF desde 1990, José Munhoz Felipe (foto) é o novo gerente nacional de vendas da Unidade de Produtos para Agricultura da BASF no Brasil. Ele assume a área que até então estava sob a responsabilidade de Emani Costa, que a partir de agora passa a ser o novo gerente de Marketing da Unidade de Produtos para Agricultura para América Latina. Nascido em Osvaldo Cruz/SP e filho de produtores de café, Felipe graduou-se em Engenharia Agrônoma pela Escola Superior de Agronomia de Paraguaçu Paulista com posterior obtenção do título de mestre em Agricultura pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Botucatu/SP. “Tenho muito orgulho de ser agrônomo e trabalhar na agricultura. Aprendi que quando se planta e cultiva, se colhe. Estou muito feliz e entusiasmado com a oportunidade de trabalhar com uma equipe fantástica que é a nossa equipe de vendas. Admiro e valorizo muito o empreendedorismo de nossos produtores e tenho certeza que com a nossa tecnologia e a força de vontade do agricultor brasileiro iremos alcançar excelentes recordes de produtividade”, ressalta Felipe.



Divulgação

A Granja conquista PRÊMIO jornalístico

A revista A Granja venceu o Prêmio Atuando com Responsabilidade de Jornalismo, promovido pela empresa FMC. A reportagem premiada é da repórter Denise Saueressig e foi capa da edição de novembro de 2006. Com o título “EPI – Responsabilidade de Todos”, a reportagem abordou a importância do uso do Equipamento de Proteção Individual pelos produtores rurais. A intenção foi alertar os agricultores de que na hora de ir para a lavoura, vestir o EPI é tão importante quanto defender a plantação. A reportagem também destacou que a informação sobre esse cuidado básico é um dever que precisa ser dividido entre toda a cadeia produtiva.



A Granja

SEMENTES RICETEC: 75% mais área no Brasil

O balanço anual de 2006 da RiceTec – empresa líder em arroz híbrido nas Américas – aponta um crescimento de 75% na área plantada no Brasil com suas sementes em relação ao ano anterior. Isto significa que, a empresa, comemora a venda de toda sua produção no último período. “A média, em variedades convencionais no Rio Grande do Sul é de 6,5 mil kg/ha, enquanto o híbrido produz de 9 até 15 mil kg/ha em alguns casos”, comenta o diretor geral da RiceTec para o Mercosul, Markus Ritter. Além dos tradicionais Avaxi, Tiba e Sator CL, já comercializados pela empresa para a safra 2007/2008, estão previstos os lançamentos de três novos híbridos, sendo todos altamente produtivos.



Divulgação

Lucro líquido da ARACRUZ aumenta em 65%

O lucro líquido da Aracruz Celulose no quarto trimestre de 2006 foi de R\$ 292 milhões, um aumento de 65% em relação ao mesmo período de 2005, quando atingiu R\$ 177 milhões. O ano de 2006 foi o terceiro consecutivo em que o preço da celulose em dólares superou as expectativas do mercado. Estima-se que em 2006 tenham sido consumidas cerca de 48,5 milhões de toneladas de celulose de mercado, 4% acima do ano anterior. A demanda por celulose de mercado de eucalipto apresentou o melhor desempenho entre as fibras de celulose, sendo estimados 12% de crescimento, ou 1 milhão de toneladas, em relação a 2005. Consultores independentes calculam que cerca de 2,2 milhões de toneladas de celulose de mercado deixaram de ser produzidas em 2006.

Presidente da ASIC no Brasil

O presidente da Association for Science and Information on Coffee (Asic), Andrea Illy, também presidente da torrefadora italiana illycaffè, terá agenda cheia em sua visita ao Brasil para as festividades do 16º Prêmio Brasil de Qualidade do Café para “Espresso”, marcado para 2 de março, em São Paulo/SP. Além de brindar com os cafeicultores destaque em qualidade no fornecimento para a illycaffè, Andrea Illy visitará Campinas/SP, cidade escolhida para receber a 22nd International Conference on Coffee Science entre os dias 14 e 19 de setembro de 2008.



Divulgação

RANDON fornece 300 semi-reboques à Cosan

Devido ao impulso positivo no setor canavieiro, a Randon S.A., de Caxias do Sul/RS, vendeu mais de 300 implementos rodoviários entre semi-reboques canavieiros e carrega-tudo para o Grupo Cosan, líder nacional no setor sucroalcooleiro e um dos mai-

ores produtores mundiais de açúcar e álcool. A venda contempla semi-reboques e reboques para cana picada, dollys para formação de rodotrem e semi-reboques carrega-tudo, somando cerca de R\$ 16 milhões. As entregas serão realizadas até março. “O

transporte de cana-de-açúcar terá um grande crescimento em 2007, devido aos impulsos positivos na agroenergia, em biocombustíveis e aos investimentos para atender a demanda com a criação de novas usinas”, afirma Marcos Zanotti, diretor comercial da Randon.

RASIP investe em modernização

A Rasip - Agro-pastoril S/A inicia o ano de 2007 reforçando seus investimentos em infra-estrutura. Os recursos, da ordem de R\$ 4 milhões, serão investidos na modernização do parque fabril e na aquisição de maquinário para melhorias na área de *packing*. Também será ampliada a capacidade frigorífica para sustentar o aumento da safra 2007, quando a empresa deverá processar 20% de maçã a mais do que em 2006. Classificada entre as principais produtoras de maçãs fuji e gala do País, a Rasip atende os principais centros consumidores brasileiros e destina 10% da produção ao mercado internacional. Com uma área cultivada de 800 hectares, em Vacaria/RS, processou um total de 38 mil toneladas na safra de 2006. Além disso, recentemente a Rasip incorporou a empresa Randon Agropecuária, que produz o famoso Gran Formaggio, um queijo tipo grana.

GOLDEN CARGO fatura R\$ 61 milhões

A Golden Cargo, empresa especializada no gerenciamento e operação de toda a cadeia logística de mercadorias especiais, como defensivos agrícolas e produtos químicos embalados, anunciou faturamento de R\$ 61 milhões em 2006 e crescimento de 10% em relação a 2005. A expectativa é chegar a R\$ 80 milhões em 2007, representando um crescimento de 32%. Segundo Mauri Mendes, diretor comercial da Golden Cargo, o mercado agrícola nacional começou o ano muito retraído, mas no segundo semestre o desempenho favorável de produtos como a cana e a soja, focos da atuação da empresa, fez com que o crescimento pudesse ser atingido. “Este ano foi marcado por iniciativas ambientais, que visam diminuir a dependência de combustíveis fósseis e substituí-los por fontes de energia renováveis, como o álcool e o biodiesel. Como somos especializados em produtos para as lavouras de cana e soja, nosso ano foi positivo e nossas previsões para 2007 são ainda mais empolgantes”, afirma.

ANOTE AÍ

A nona edição do *Simpósio da Cultura do Feijão Irrigado*, evento tradicional promovido bianualmente pela ESALQ/USP e que congrega os principais especialistas da área, ocorre em 5 de fevereiro, na Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz, em Piracicaba/SP. No simpósio estarão em discussão os problemas emergentes da cultura do feijão no Brasil.

De 11 a 14 de abril se realiza a 2ª *TecnoHort – Feira de Tecnologia em Horticultura*, no Parque de Exposições de Teresópolis/RJ. Produtores, agrônomos, estudantes e técnicos da área poderão conhecer novas técnicas, tecnologias e oportunidades de negócio, além de serem apresentados a novas formas de cultivo e de produtos que colaboram para uma produção agrícola segura. Teresópolis é responsável por cerca de 80% da produção de hortaliças no Estado do Rio de Janeiro.

A Embrapa, os ministérios da Ciência e Tecnologia e da Agricultura promovem na Embrapa Agropecuária Oeste, em Dourados/MS, dia 13 de fevereiro, o curso *Capacitação Integração Lavoura-Pecuária*.

O evento capacitará, em 40 horas, divididas em três módulos, os profissionais de nível superior ligados ao agronegócio, como agrônomos, veterinários e zootecnistas.



Edner Carraro

OLEOPLAN inaugura primeira usina de biodiesel do Sul

A Oleoplan, tradicional indústria gaúcha esmagadora/extratora de óleos vegetais, inaugura até março a primeira usina de biodiesel da Região Sul. A empresa pesquisa o uso de óleo de soja como combustível, e tem projetos de pesquisa em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e com a Fundação de Ciência e Tecnologia (Cientec). A Oleoplan possui acordos com a Ema-

ter, Fetag e Embrapa, cujo objetivo é operacionalizar o plantio de culturas oleaginosas de canola, mamona e girassol em propriedades familiares distribuídas em 54 municípios. Atualmente, 100% da soja processada pela empresa é cultivada no Rio Grande do Sul. Localizada em Veranópolis, a usina exigiu investimentos de R\$ 21,5 milhões. A unidade tem capacidade de produção instalada de 100 milhões de litros/ano.

SORRISO ganha usina

Neste mês deverá começar a operar uma usina de biodiesel em Sorriso/MT. A unidade já passou pela fase de testes para verificar a qualidade do produto e obter a certificação. “Todas as exigências já foram cumpridas e precisamos da liberação da Agência Nacional do Petróleo (ANP)”, explica o empresário empreendedor do projeto Cláudio Zancanaro. A nova indústria terá capacidade de produção de 80 mil litros por dia e já garantiu a venda de 5 milhões de litros de sua produção em um leilão da Petrobras, ainda para este ano. Entre os produtos para matéria-prima estão sebo bovino e óleo de algodão.

AGRENCO anuncia unidade no Mato Grosso do Sul

A Agrenco confirmou que vai investir na implantação de uma usina de biodiesel no Mato Grosso do Sul. A unidade deverá entrar em

operação em 2008. A Agrenco, que recentemente havia confirmado a instalação de uma unidade no Mato Grosso, já está instalada no Mato

ELETROSUL pesquisa biodiesel no Sul

A Eletrosul, empresa transmissora de energia que pertence ao governo federal, está pesquisando o biodiesel em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ronaldo Custódio, diretor técnico da empresa e presidente interino, diz que as pesquisas integram o planejamento estratégico da companhia, focado na geração de energia. Para ele, o biodiesel começa a ser pesquisado não só pelo compro-

misso de empresa pública junto às políticas federais, mas pelo retorno que pode trazer. Em parceria com a Associação Estadual dos Pequenos Agricultores Catarinenses (Aepac), os dados preliminares da pesquisa, segundo Custódio, apontam potencial para os cultivos de mamona, girassol e amendoim. A expectativa é de gerar energia de biodiesel a partir de 2009.

Embrapa AGROENERGIA define chefe-geral

O pesquisador Frederico Ozanan Machado Durães (foto) foi nomeado o chefe-geral da recém criada Embrapa Agroenergia, o mais novo centro de pesquisa da empresa. Durães, que era da Embrapa Milho e Sorgo, de Sete Lagoas/MG, diz que a nova unidade da Em-

brapa será uma instituição técnica com a missão de sinalizar diretrizes para o desenvolvimento e o sucesso da agroenergia no Brasil. Um dos primeiros objetivos vai ser implantar o Programa Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Agroenergia.



Embrapa

Grosso do Sul, mas trabalha apenas na área de processamento de soja. A Agrenco é formada por um grupo empresarial especializado na co-

mercialização de produtos agroindustriais e em logística de transporte e armazenagem, e agora está investindo na bioenergia.

Produção de biodiesel vai **DISPARAR**

O mercado brasileiro de biodiesel terá crescimento geométrico de produção este ano e em 2008, saltando dos 770 milhões de litros em 2005 para 2,5 bilhões de litros no ano que vem. A previsão é da consultoria Frost & Sullivan, que realizou amplo estudo sobre o setor. Para 2007 a estimativa é de que a produção seja de aproximadamente 1,6 bilhão de litros. De acordo com o estudo, o volume continuará a crescer até 2012, mas em ritmo moderado, somando cerca de 3 bilhões de litros dentro de cinco anos. “O Brasil apresenta vantagens competitivas importantes no biodiesel”, garante Victoria Verdier, analista de pesquisa da Frost & Sullivan. “O País tem ainda muitas áreas disponíveis e deve produzir 85 milhões de toneladas de soja até 2011. Além disso, tem posição de liderança global na pecuária, outro fator importante já que o biodiesel pode ser produzido também a partir de sebo bovino”.

Fabricação em grande escala em **GOIÁS**

A Granol iniciou a produção de biodiesel em sua unidade de Anápolis/GO, com capacidade para produzir 100 mil metros cúbicos/ano, no mês de novembro de 2006. A empresa, a primeira a produzir biodiesel em grande escala em Goiás, ainda dispõe de uma planta em Campinas/SP com capacidade de 60 mil metros cúbicos/ano, atualmente desativada, e outra em Cachoeira do Sul/RS, com capacidade para fabricar 120 mil metros cúbicos/ano, em construção, com inauguração prevista para outubro.



O único peso que a gente não carrega é o peso na consciência.

Tecnologia Biodiesel. Respeito por você e pelo meio ambiente.



A Valtra está sempre à frente do seu tempo. É a primeira empresa de mecanização agrícola a investir no desenvolvimento de novas fontes de energia. Desde 2001, a Valtra testa seus tratores movidos a biodiesel. Os testes comprovaram: o biodiesel em tratores agrícolas é tecnologicamente viável e, nos motores Valtra, uma realidade. Valtra. Pioneirismo e tecnologia a favor dos clientes e, claro, do meio ambiente.

VALTRA
Pioneiro
em Biodiesel

VALTRA
NUNCA FEITO É PARECE BOM SEM FEITO

ANÚNCIO

SULINOX lança Pulsador Eletrônico

A Ordenhadeiras Sulinox lança o Pulsador Eletrônico. Comparado com o pulsador pneumático, o eletrônico não sofre oscilações no seu funcionamento em virtude de possíveis variações de vácuo, proporcionando mais estabilidade ao sistema. Também não necessita de regulação manual e não se desregula em função da temperatura, umidade, pressão atmosférica e sujeira. Segundo o gerente comercial da Sulinox, Norberto Viégas, o Pulsador Eletrônico é produzido com tecnologia própria e chega para preencher uma lacuna no mercado leiteiro brasileiro, já que os modelos existentes são importados.



Fotos: Divulgação

**Sulinox - Av. Frederico Mentz, 483, Pavilhão 7 - Porto Alegre/RS
CEP 90240-110 - Fone: (51) 3024-4088 - www.sulinox.com**

Novazin®, o carbendazim com a qualidade CHEMINOVA

Cheminova obteve o registro do Novazin®, um fungicida do grupo químico dos benzimidazóis, cujo ingrediente ativo é o carbendazim, já conhecido e muito usado pelos agricultores brasileiros no controle de importantes doenças da soja, algodão e feijão, principalmente. Suas principais características são a sistemicidade e a rápida ação dentro das plantas, segundo Fabio Del Cistia, gerente de Marketing Estratégico da empresa. "Novazin® veio para melho-



rar ainda mais o portfólio da Cheminova, não apenas para a cultura da soja, mas para outras culturas como o algodão e o feijão."

**Cheminova Brasil Ltda - Rua Alexandre Dumas, 2220 - 6º andar
Chácara Santo**

**Antônio - São Paulo/SP
CEP 04717-004 - Fone: (11) 5189-2100 - www.cheminova.com.br/**

Uma flor de verão da ISLA

A Isla acaba de incluir na sua linha de sementes a flor torênia, também chamada de amor-perfeito de verão, promete deixar os jardins floridos como na primavera. A torênia é uma flor que pode ser plantada durante todo o ano, mas como se adapta muito bem a sol pleno, é especialmente indicada para os meses de calor. Ela pode ser cultivada em jardins, em canteiros e bordaduras. E como as plantas são bem compactas, também é indicada para cultivo em vasos. De ciclo anual, alcança entre 15 cm e 25 cm de altura. O ciclo da torênia é de 70 dias no verão e de 90 dias no inverno.



**Isla - Av. Severo Dullius, 124 - Cx. Postal 3142 - CEP 90200-310 - Porto Alegre/RS
Fone: (51) 2136-6600 - www.isla.com.br**

Dois novos produtos da MIOLO

A Vinícola Miolo lançou dois produtos. Seguindo as tendências mundiais de consumo, a empresa apresentou com a presença do enólogo francês Michel Rolland o Miolo Brut Millésime (foto), espumante super-premium elaborado com uvas chardonnay e pinot noir do Vale dos Vinhedos. O Millésime será produzido somente em safras excepcionais. O espumante foi envelhecido por 14 meses nas caves subterrâneas da Miolo. A empresa também colocou no mercado o Miolo Brut Rosé, elaborado com uvas chardonnay, pinot noir e merlot, produto feito pelo método champenoise nas caves subterrâneas da vinícola. O Brut Rosé também é comercializado em garrafas de 1,5 litro.



Vinícola Miolo Ltda - RS 444 km 21 - Vale dos Vinhedos - Cx. Postal 094 - CEP 95700-000 - Bento Gonçalves/RS - Fone: 0800 970-4165 - www.miolo.com.br

Bico defletor de cerâmica da JACTO

O mix de produtos da Jacto passam a contar com o bico defletor de cerâmica com alta resistência ao desgaste. Os bicos APM geram gotas grandes, minimizando a deriva e garantindo uma ótima cobertura e eficiência na ação do defensivo. São indicados para a aplicação de fertilizantes líquidos, defensivos pré-emergentes incorporados ao solo e pós-emergentes sistêmicos em lavouras como de café, laranja, cana, etc. Os jatos planos formados pelos bicos APM possuem ângulos de 80 a 160 graus, o que permite um maior espaçamento entre bicos, assim como a pulverização mais próxima ao solo.



**Jacto - Rua Dr. Luiz Miranda, 1650 - Cx. Postal 35 - CEP 17580-000 - Pompéia/SP
Fone: (14) 3405.2100
www.jacto.com.br**

AGRO PORTUNIDADES

FIQUE LIGADO

Ciência Agrônômica e a vida no planeta

A ciência agrônômica está diretamente ligada à sobrevivência dos seres humanos no planeta. Há alguns fatos importantes, porém não perceptíveis num primeiro momento, que condicionam a vida do ser humano no planeta. Dos fenômenos, podem-se citar três como primordiais: capilaridade, retenção de nutrientes no solo e fotossíntese.

Primeiramente, pode-se dizer que o fenômeno de capilaridade é um dos alicerces da vida no planeta. Mas o que vem a ser o fenômeno de capilaridade? Esse fenômeno é o que explica a retenção de água nos poros do solo contra a ação da gravidade, isto é, a água fica retida no solo e somente o excesso, isto é, o que não fica retida nos poros é que é drenado. Sabemos que o solo é trifásico, isto é, composto por minerais e matéria orgânica (fase sólida), por água (fase líquida) e por ar (fase gasosa). O ar e a água ocupam o espaço poroso do solo e concorrem por esse espaço. Quando chove predomina água, quando ocorre estiagem o ar predomina no espaço poroso do solo. Portanto, mesmo em longos períodos de estiagem as plantas conseguem sobreviver porque estas possuem habilidade de extrair água do solo pelas raízes e, mesmo quando muito tempo sem chuvas, o solo ainda retém água, por possuir poros pequenos, entretanto, a água fica retida com grande energia nestes poros, o que dificulta a absorção de água pelas plantas, por isso é que as plantas sofrem quando ocorre uma estiagem, mas acabam não morrendo porque absorvem a água retida com energia nos pequenos poros do solo.

Outro fenômeno importante para a vida no planeta é a retenção de nutrientes no solo. Isso só ocorre por que as rochas estão se intemperizando, isto é, desgastando, sendo gastas pela ação do clima e dos organismos, promovendo a liberação de minerais e de nutrientes, sabendo que estes formam os minerais. Portanto, são as pequenas partículas de minerais que formam o solo que são responsáveis pela retenção de nutrientes no solo e, também o seu desgaste libera nutrientes no ambiente solo, é claro que não podemos esquecer da matéria orgânica do solo, que também retém nutrientes. Essas partículas menores de solo possuem capacidade de reter os nutrientes que são liberados pelo desgaste da rocha e dos minerais, além daqueles adicionados na adubação do solo. Quando adubamos o solo colocamos nutrientes para suprir a necessidade das plantas e um pouco a mais para as plantas poderem utilizar num momento posterior, portanto, esse excesso de nutrientes é que ficará retido nas cargas do solo, não sendo, ou sendo pouco perdido com a água de drenagem. Por isso que quando se pretende adubar o solo faz-se uma análise para verificar a reserva de nutrientes do solo, isto é, mede-se quanto de nutrientes estão retidos nas cargas do solo.

A fotossíntese, fenômeno fisiológico de sobrevivência das plantas também é um dos alicerces da vida na terra, pois é pelo fenômeno de fotossíntese que as plantas retiram o gás carbônico (CO_2) do ar e o sequestram (retêm) em tecido celular, o que permite o crescimento das plantas e a redução da concentração de CO_2 na atmosfera e, em contrapartida, emitem oxigênio (O_2) para a atmosfera. Portanto, as plantas crescem e se desenvolvem produzindo raízes, galhos, folhas, frutos e sementes em função do CO_2 absorvido, da luz, dos nutrientes absorvidos e da água, sendo que o órgão da planta responsável pela fotossíntese é chamado de cloroplasto. Os seres humanos se desenvolvem em função do O_2 emitido pelas plantas, além do alimento produzido por elas e também pelos animais, em função da água e da luz. Portanto, o processo de fotossíntese é fundamental para a sobrevivência humana.

Desta forma, se não houvesse retenção de água nos poros do solo e a retenção de nutrientes nas cargas das partículas do solo, muito possivelmente não haveria sobrevivência das plantas no planeta, pois faltariam água e nutrientes em algum determinado momento, a não ser que estas desenvolvessem um mecanismo compensatório para obter a água e os nutrientes necessários. Também não haveria a sobrevivência humana porque se as plantas não produzissem raízes, caules, folhas, frutos e sementes, o homem não teria alimento, além de que, sem a produção de folhas não haveria a fotossíntese, o que definitivamente impediria a sobrevivência humana no planeta.

Anderson Rhoden

andersonrhoden@mail.ufsm.br

Engenheiro Agrônomo, Mestre em Ciência do Solo
Professor do curso de Agronomia da FAI - Faculdades
Itapiranga/SC

AGENDA

Workshop: 'Como Competir com a Cana-de-Açúcar'

8 a 9 de fevereiro

Michelangelo Hotel Conference Center

São José do Rio Preto/SP

Realização: AgriPoint Consultoria

Sem taxa de inscrição

Informações:

Fone: (19) 3432-2199

<http://www.milkpoint.com.br/leitecompetitivo/index.html>

Curso de Capacitação Integração Lavoura-Pecuária

13 de fevereiro

Embrapa Agropecuária Oeste

Dourados/Mato Grosso do Sul

Taxa de inscrição: R\$ 70,00

Informações:

Fone: (67) 3425-5122 ramal 131

e-mail: sac@cpao.embrapa.br

<http://www.cpao.embrapa.br>

XXX Congresso Paulista de Fitopatologia

13 a 15 de fevereiro

UNESP - Jaboticabal/SP

Programação:

Manejo de doenças de plantas

Sem taxa de inscrição

Informações:

Fone: (16) 3209-2640

e-mail: cpfitopatologia@fcav.unesp.br

<http://www.summanet.com.br>

42ª EMAPA - Exposição Agropecuária Municipal,

Industrial e Comercial de Avaré

26 de fevereiro a 6 de março

Centro de Exposições de Avaré/SP

Descrição do evento:

De acordo com o presidente da EMAPA, Ademir Carlos Belinato, a exposição será dividida em dois turnos. O primeiro turno será dedicado ao nelore e o segundo às raças angus, brahman, canchin, limousin, santa gertrudes e simental.

Sem taxa de inscrição

Informações:

Contato com Luciene -

Matriz da Comunicação Assessoria

Fone: (15) 3211-6446 / 9112-0989

e-mail: luciene@matrizdacomunicacao.com.br



Estágios / Empregos

Para visualizar os currículos completos, acesse www.agranja.com/carregacurriculosview.do

Para incluir seu currículo, anunciar ofertas de empregos ou estágios, contate amaro@agranja.com (área restrita a assinantes)

Os currículos estão dispostos da seguinte forma:

- ▶ Nome
- ▶ Área de atuação/Localidade de atuação

Procuram

▶ REGINALDO AUGUSTOS DE SIQUEIRA PINTO
Agronomia/TODO Brasil

▶ EDNA DA SILVA MACEDO
Engenharia Agrônômica/TODO Brasil

▶ WILLIAM EHLE VIEIRA
Técnico Agrícola Com Habilitação em Zootecnia/RS

▶ FABIANA FONSECA DO CARMO
Agronomia/DF

▶ CRISTIANE ANA DE JESUS
Agronomia/SP

▶ JOSÉ AUGUSTO PEREIRA MADEIRA
Agronomia/MG

▶ ELIPHAS LEVI DA FONTOURA NETO
Técnico Agrícola/RS

▶ MANUELA GONZALEZ
Agronomia/SP

▶ CAROLINA DE BRITO DIAS
Agronomia/MG

▶ CLOVIS FRACALLOSSI
Técnico Agrícola/PR

▶ MARCO IVAN RODRIGUES SAMPAIO
Agronomia/RS

▶ SIDNEI CARLESSO ZORNITTA
Técnico Agrícola/SC

▶ FABIO FREITAS DE BRITO
Agronomia/TODO Brasil

▶ VITOR ANDRÉ XAVIER DE SANTANA
Téc. em Agricultura/SP

▶ RENATO SOUTO BATISTA
Agronomia/TODO Brasil

▶ THIAGO SOETHE RAMOS
Técnico Agrícola/RS, SC, PR, SP, RJ

▶ NEI JOSÉ MORAES PIRES
Téc. Agropecuário/PR

▶ DANIEL MASSAFRA MIRON
Agronomia/RS, SC e PR

▶ FELIPE FERREIRA LEVIEN
Agronomia/RS

▶ TICIANA FERNANDES DIAS
Técnico Agrícola e Florestal/SP

▶ JORGE AUGUSTO BENETÃO
Técnico Agrícola/PR, SP

▶ CAMILA PELIGRINOTTI TAROUÇO
Grad. Agronomia/RS

▶ CELSO FERNANDO BOLONHA
Técnico em Agropecuária/PR, MS

▶ LUCAS PRUDENTE CORRÊA
Grad. em Agronomia/TODO Brasil

▶ DAYANE CRISTINA ROSA DE ALMEIDA
Técnico Secagem e

Armazenamento de Grãos e Sementes/MT

▶ RAQUEL ALBUQUERQUE SOUZA
Engenharia Florestal/SP (concluído)

▶ DION REBERT COSTA
Técnico em Agropecuária/GO

▶ PAULO DENIS MENEGAT
Tecnologia Agrozootécnica/RS

▶ MATEUS MARQUES BUENO
Engenharia Agrícola e Ambiental/MG (5º Período)

▶ DANIELLE CRISTINA TAQUES AMORIM
Tecnologia de Alimentos/MT

▶ JOEL GILVANI KUNRATH
Técnico Agrícola/MG, MS, SP

▶ MAURICIO FERRONATO
Técnico Agrícola/RS

▶ MOISÉS EVANDRO KUSSLER
Téc. em Agropecuária e Agronomia/Região Sul do Brasil

▶ DÊNIS DE LIMA CORREIA
Agronomia/MG

▶ JULIANO ROBERTO BERNARDI
Técnico em Agropecuária/RS

▶ ALEXANDER CORDEIRO GABRIEL
Agrônomo e Administrador de Empresas/TODO Brasil

▶ JÚLIO CÉSAR POLONIO
Técnico Florestal e Téc. em Pecuária/TODO Brasil

▶ MARCO IVAN RODRIGUES SAMPAIO
Agronomia/TODO Brasil

▶ ANDERSON DE SOUZA DOS SANTOS
Técnico Agrícola Hab. em Agropecuária/RS, SC e PR

▶ CAUE FERREIRA PIRES
Técnico Agrícola Hab. em Zootecnia/RS

▶ CLÓVIS FRACALLOSSI
Técnico Agrícola Hab. em Agricultura/PR

▶ ÉDSON WALTRICH
Técnico Agrícola Hab. em Agroecologia/SC, PR e RS

▶ BRUNO FREITAS DA ROSA
Técnico Agrícola Hab. em Agricultura/RS

▶ FABRÍCIO FELIPE
Técnico Agrícola Habilitação em Agroecologia/SC, RS

▶ ALEXANDRE OTÁVIO FERREIRA
Técnico Agrícola e em Agropecuária/PR, SC, RS, SP e MS

▶ ALINE RUBIN FERIGOLO
Técnico Agrícola Hab. em Agricultura/RS, PR, MT, MS e GO.

▶ NEY KAMPA FILHO
Técnico Agrícola e Téc. em Administração

Empresarial/PR

▶ ROBSON JOSÉ MENEGARDI
Técnico Agrícola/PR

▶ DIOGO PEREIRA LEÃO
Técnico Agrícola/MT

▶ JOÃO EDUARDO DOS SANTOS
Técnico Agrícola/RS

▶ JEFFERSON TOLFO DA FONTOURA
Grad. Agronomia/Sul do Brasil

▶ ROGÉRIO SLOMPO
Grad. Agronomia/Região Sul

▶ RICARDO WESLEY FREDERICO
Grad. Agronomia/TODO o Brasil

▶ RAFAEL FONTALVO MARTIN LEVA
Grad. Agronomia/SP

▶ MARCELO PERRONE RICALDE
Grad. Agronomia e Fruticultura/RS

▶ ALINE DE CARVALHO JORGE
Grad. Engª. Agrícola/Centro-Oeste

▶ EVERTON ALEX TAMANINI
Grad. Engª. Agrícola/Região Sul e MS

▶ VICTOR VASCONCELOS EULALIO
Grad. Engª. Agrícola/TODO o Brasil



www.agranja.com

Conheça o novo web site do Brasil Agrícola

Classe Rural / Currículos On-Line / Matérias Atualizadas / Revista A Granja e AG Leilões / Cotações
Previsão do Tempo / Produtos e Serviços / Agro Oportunidades / Agenda de Eventos

clique e descubra o mundo de informações

O BRASIL AGRÍCOLA
agranja

ClassiRural

Anuncie fácil pela internet pelo valor de R\$ 70,00
até 150 caracteres - classi@agranja.com

Ligue para anunciar: (51) 3232-2288 - www.agranja.com

AGROPECUÁRIAS

Casa do Fazendeiro -
Trabalhamos com
medicamentos, defensivos
agrícolas, adubos,
sementes e outros
produtos.

Fone: (63) 3363-1722
Rua Frederico Lemos, 498

CEP 77500-000
Porto Nacional/TO

ASSOCIAÇÕES

Associação Agrícola de
Junqueirópolis: especiali-
zada na cultura de
acerola. Fones: (18) 3841-
1332 / 3842-2113, ou
contatos p/e-mail

COMBATA DEFINITIVAMENTE RATOS E MORCEGOS COM O REPELENTE ELETRÔNICO

RATEC



Tecnologia de ponta

Não afeta animais domésticos

Equipamento ecologicamente correto

Disponível em cinco modelos 300,700,
1000, 1200 e 1500 m²

Distribuímos
para todo
Brasil



Ecotech Projetos Eletrônicos Ltda.

Av. Amazonas, 7675 - CEP 30510-000 - Belo Horizonte - MG

Fone: (31) 3388-7523 - fax: (31) 3388-7522

Site: www.ecotechprojetos.com.br

Feno para eqüinos, bovinos e ovinos

Tifton, Azevém, Mombaça / Braquiária A partir de R\$ 2,50 o fardo.



Cama para melancia a partir de R\$ 1,50 o fardo.

Br 290 Km 132 Expogranja Eldorado do Sul - RS | Fones: (51) **8406-2261 / 81849138**

agrijunq@abcrede.com.br
Rua 780 Distrito Industrial
CEP 17890-000
Junqueirópolis/SP

AVIAÇÃO AGRÍCOLA

**Aeroverde Aviação
Agrícola - Fone: (64)
3613-2968. Av. Eurico
Veloso do Carmo, 1549
CEP 75901-970
Rio Verde/GO**

FENNER - Aviação Agrícola
Ltda: Aplicação aérea de
herbicidas, inseticidas,
fungicidas, maturador,
sementes e adubos.
Atuamos em todo o
território nacional.

Fone: (34) 3356-0101
Nova Ponte/MG

IMÓVEIS

Sandro Roberto de
Campos. Escritório de
advocacia, assessoria de
compra e venda de
imóveis rurais em
Tocantins. Contatos pelos
fones: (63) 3214-4828 ou
(63) 9961-4645 Palmas/TO

INOCULANTES E FERTILIZANTES

Cia da Terra Agronegócios
Ltda - Av. José Andraus
Gassani, 800
Fone/fax: (34) 3211-0800
CEP 38402-322
Uberlândia/MG

OUTROS

Mississippi Agrícolas e
Materiais de Construção -
Fone/Fax: (87) 3887-1106

**Pesquisas e análises de Marcas e Patentes
Registro de Marcas e Patentes
Licenciamento e Averbações de Contratos
Transferência de Tecnologias
Avaliação de Marcas e Patentes
Direitos Autorais**

**Defenda
o que é seu!**



Poli & Kawski
Consultoria e Assessoria
em Marcas e Patentes

Av. Otto Niemeyer, 2.716 - Sl. 301 - Bairro Cavalhada - CEP 91.910-001 - Porto Alegre/RS
Fone/fax: (51) 3242.4077 - www.polikawski.com - polikawski@brturbo.com.br



MARINTEL
Equipamentos que lhe permitem acesso
a sinais de telefonia e de dados em um
lugar remoto, proveniente de um lugar
onde há linha telefônica
e internet disponíveis.

Atuamos também nas áreas de telefonia por monocanal, equipamentos
de radiocomunicação em UHF FM, VHF FM, SSB (fixos, móveis,
portáteis), telefone sem fio, ruralcel, antenas, rádios comunitários,
projetos de Anatel, serviços de instalação e assistência técnica.
Av. Plínio Brasil Milano, 2.304 - Porto Alegre/RS
Fone/fax: (51) 3341.6966 • E-mail: marintel@uol.com.br



www.agranja.com

Conheça o novo web site do Brasil Agrícola

ClassiRural / Currículos On-Line / Matérias Atualizadas / Revista A Granja e AG Leilões / Cotações
Previsão do Tempo / Produtos e Serviços / Agro Oportunidades / Agenda de Eventos

clique e descubra o mundo
de informações

O BRASIL AGRÍCOLA
agranja



mississipiagricolas@ig.com.br
Av. São Sebastião, 114
CEP 56170-000 - Orocó/PE

Dr. Neto Gibran
Agropecuária (Clínica Veterinária) CRMV SP 07 357.
Transferência de embriões em bovinos e eqüinos, inseminação artificial em tempo fixo, ultrasonografia, laboratório de brucelose e tuberculose animal, exames andrológicos e consulta rural.

Fone: (17) 3392-1079 / 4311
Cel.: (17) 9773-8831
netovet@proveg.com.br
Praça Cônego Emílio, 351
CEP 14740-000
Viradouro/SP

PEIXES / ALEVINOS

Peixes Alevinos Juvenis: as mais variadas espécies de água doce; vendemos e entregamos grandes e pequenas quantidades de: pintado, dourado, caxapira e pirarara, pirarucú, etc. Ligue (19) 3631-0763 ou (19) 9777-7789. Acesse nosso site e conheça.

www.pisciculturaaguaboa.com.br
São João da Boa Vista/SP

SEMENTES EM GERAL

Vende-se sementes de milheto, pensacola, capim sudão, sorgo forrageiro. Toda a linha de forrageiras inverno e verão. Contato com o sr. Evandro Pozza

pelos fones: (54) 3392-1110 / (54) 3392-1081 - Lagoa dos Três Cantos/RS

SERVIÇOS

AGRIPEC - Consultoria e Projetos Rurais. Serviços de planejamento, elaboração e execução de projetos agropecuários, licença ambiental e outorgas de água, particulares ou para financiamentos. Engº. Agrônomos: Gilmar ou José Domingos.

Fone/fax: (77) 3424-4381
agripecvc@click21.com.br
Vitória da Conquista/BA

AGROBOI Consultoria e Representação - Temos a solução para sua empresa rural. Engº. Agrônomo Eduardo de Paula Cardoso e Fábio Dantas da Costa. Realizamos projetos de financiamento agrícola e pecuária, além de rastreamento e cálculos de suplementação. Fone: (64) 3433-8348
Av. Santos Dumont, 596 C
CEP 75530-050
Itumbiara/GO

Assessoria a criadores de animais silvestres e exóticos. Cons. em medicina, manejo e reprod. de mamíferos, répteis, aves ornamentais, aquáticas e nativas. Orientamos e encam. de registro no IBAMA, nas

cat. conservacionista e coml.; Méd. Vet. Marcus Vinícius Cândido - Contatos via e-mail: marvincan@gmail.com
fones: (47) 8405-5141 / (41) 8433-5539
Pomerode/SC

Brava Comércio e Representação de Produtos Agrícolas Ltda.
Fone: (61) 3612-3477
Rua Getúlio Vargas, 1711
CEP 73850-000
Cristalina/GO

Trevo Representações Comerciais. Somos representantes Coimma - Balanças e Tronco, Jumil - Plantadeiras de Plantio Direto, Matpar - Barracão Pré-Moldado. Fone: (67) 3454-3091. Rua Senador Felinto Müller, 571. Qd. 12. Lt. 9. CEP 79150-000
Maracaju/MS

TRATORES E IMPLEMENTOS

Derval vende tratores, implementos para

terraplanagem, mineração, pavimentação, agricultura, carga e transporte usados. Fones: (71) 3452-1605, (71) 3452-3142 e Cel.: (71) 9129-4242
dervalmaquinas@terra.com.br
Av. Magno Valente, 523
CEP 41810-620
Salvador/BA

Tratorserv - Venda de tratores novos e usados, implementos agrícolas, peças e serviços. Representante Trator Ursus e revenda autorizada motores Agrale. Contatos p/e-mail: tratorserv@tratorserv.com.br
Fone/fax: (75) 3223-6044
Feira de Santana/BA

Casa do Trator - Palmeira Tratores Ltda. Rua Trinta de Outubro, 116 A
Fone: (82) 3521-8771
Arapiraca/AL

D.E.S Comercial Agrícola Ltda. Representante autorizado Imasa. Peças e implementos agrícolas. Contato com o sr. Daniel

Genética
Cerro Coroadó
oferece:

Cordeiros p/abate
Peso Médio - 35 kg
Preço kg: R\$ 2,30 à vista

Capões p/abate
Peso Médio - 75 kg
Preço kg: R\$ 1,80 à vista

Carneiros Ile, Suffolk, Texel CG3, 4, 5, S0 e PP
Respectivamente de R\$ 270 a R\$ 900 à vista.

Éguas Crioulas Confirmadas, Xuucas, origem chilena, netas de Sendero Kalifa
Preço Unitário: R\$ 2 mil à vista

RP nº: 344, 395, 410, 426, 428, 457, 459

Inf.: Rua D. Pedro II, 111 - POA
Fones/Fax: (51) 3342-4066
Cel.: 9978.8070 / 9978.8071
coroadó@cpovo.net

pelo fone: (53) 3263-6300
Santa Vitória do Palmar/RS

Tratores e colheitadeiras usados, várias marcas e diversos modelos. Contatos p/e-mail: macvendas@laguna.com.br ou consulte-nos pelos fones: (55) 3322-6680 ou (55) 9973-5643
Cruz Alta/RS

BRASTÉCNICA

APARELHO ULTRA-SÔNICO

RATOS E MORCEGOS
Acabe com o problema

Aparelho com tecnologia japonesa sem similar no Brasil. Disponível em quatro modelos para proteção em áreas de 150, 300, 700 e 1.400 m².

www.brastecnica.com.br

Brastécnica Instrumentação Industrial e Científica Ltda. - Fones: (035) 3292-1389 - 3291-2605 / Fax: 3292-1320
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 880 B - Centro - CEP 13130-000 - Cx. Postal 181 - Alfenas/MG - bt@brastecnica.com.br

El Rincón

Trevo Branco, Trevo Vermelho, Cornichão San Gabriel, Cornichão El Rincón, Festuca, Dactilis, Azevém E-284, Aveia Preta e outras forrageiras.

El Rincón Sementes Ltda
Av. Barão do Cerro Formoso, 1012
Gaçapava do Sul/RS - Fones: (55) 3281-4334 (55) 3281-5418



Marcos Salvadego

Gerente Nacional de Produção da Souza Cruz

“O FUMO BRASILEIRO é reconhecido pelo mercado mundial”

A Granja — Qual é a avaliação da empresa para a safra 2006/2007 no que se refere à produção, produtividade e preço pago ao agricultor?

Marcos Salvadego — Para a safra 2006/2007 o principal fator trabalhado foi a questão de qualidade, muito afetada pelas condições de estiagem observadas nas duas últimas safras. Neste aspecto, os indicadores apontam até o momento para uma safra superior em qualidade, quando comparada à safra 2005/2006, o que nos leva a uma expectativa de safra normal, dentro da média das safras brasileiras. A produtividade apresenta-se dentro do planejado, também indicando estar na média da safra do Brasil. O preço ao produtor será determinado basicamente pela qualidade e o reajuste da tabela de preço definido em reunião no final de janeiro com a representação dos produtores. O que podemos antecipar é que a indústria de fumo como um todo enfrenta grandes desafios de competitividade no mercado internacional, em função principalmente da questão de câmbio e também da realidade do mercado de cigarros, que busca uma redução de custos de matéria-prima, para fazer frente aos aumentos de custo com o aumento da regulamentação e também de impostos em muitos mercados do mundo. Também contribuem para este fator o comércio ilegal de cigarros, que obriga as empresas legalmente estabelecidas a buscarem uma redução de custos, visando posicionar seus produtos dentro da expectativa de preços dos seus consumidores. Desta forma, o cenário para aumentos da tabela de preços aponta

para estabilidade.

A Granja — O pequeno agricultor familiar continuará como o principal produtor do fumo, ou existe a ameaça da atividade se restringir a médios produtores, como ocorreu com a suinocultura?

Salvadego — O sucesso do fumo brasileiro está pautado no sistema de produção junto à agricultura familiar. O pequeno agricultor familiar continuará sendo o principal fator para alavancar a qualidade do fumo brasileiro, devido às competências desenvolvidas e a cultura do fumo possibilitar um baixo nível de mecanização nas condições onde está estabelecida hoje.

A Granja — Qual é o perfil do produtor de fumo exemplar da Souza Cruz?

Salvadego — Um produtor exemplar para a Souza Cruz é aquele que concilia a produção de fumo com qualidade alinhada às demandas de mercado, com uma produtividade compatível, respeitando as questões de responsabilidade social, tais como meio ambiente e trabalho infantil. Para ser mais preciso, estes produtores utilizam de 10% a 15% da área total da propriedade para o cultivo do fumo, possuem uma produtividade de aproximadamente 2.600kg/ha, são fiéis à empresa no cumprimento da entrega dos volumes produ-

zidos conforme previsto em contrato e trabalham com um baixo endividamento junto à empresa, que gira ao redor de 25%.

A Granja — Que futuro o senhor visualiza para a fumicultura brasileira em nível mundial?

Salvadego — O fumo brasileiro é reconhecido pelo mercado mundial e conquistou seu espaço junto aos principais fabricantes de cigarros do mundo. Os desafios são constantes e existem em todos negócios, o que não é diferente para a fumicultura brasileira. A sustentação e crescimento da posição atual ainda dependem da garantia de produção de fumos de qualidade aliado à integridade de produto, que significa um sistema de rastreabilidade que garanta o cumprimento das especificações técnicas dos clientes quanto à qualidade do fumo. Acreditamos que o Brasil tem plenas condições de garantir este posicionamento e desta forma, continuar sendo o principal exportador de fumo no mundo. Não esquecer que um diferencial também é o sistema integrado de produção, desenvolvido no início do século passado pela Souza Cruz e hoje utilizado, não apenas por outras empresas de fumo, no Brasil e exterior, mas outros sistemas de produção como a suinocultura e a avicultura. ■

O sucesso do fumo brasileiro está pautado no sistema de produção junto à agricultura familiar

ANÚNCIO

ANÚNCIO